OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

IV

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—O amor por conquista (comedia)—O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

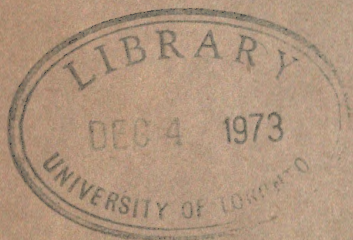
IV

ROMANCES E NOVELLAS — III

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

4.ª EDIÇÃO

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA — *R. Augusta, 95* | TYPOGRAPHIA — *45, R. Ivens, 47*
1907

NOTA BIBLIOGRAPHICA

Uma das epochas historicas que mais aproveitada tem sido pelos escriptores portuguezes para assumpto de seus livros, tem sido incontestavelmente o reinado de D. João V. De facto, pela singularidade da sua vida e pela sua originalidade, este monarcha é o que mais naturalmente suggere a concepção de um romance pela phantasia original do seu viver e pelos curiosos episodios do seu reinado, alguns d'elles essencialmente romanticos. Mas de todos os escriptores que a esse viver foram haurir a inspiração, nenhum como Rebello da Silva soube dar conta do seu recado. E por varias vezes o illustre escriptor abordou o assumpto: em algumas composições dos *Contos e Lendas,* no livro *De noite todos os gatos são pardos* por exemplo; nenhuma d'ellas, porém, lhe sahiu obra

completa e acurada como a *Mocidade de D. João V,* de todas as suas composições a mais conhecida do publico. E' que elle poz um singular cuidado na perfeição d'este romance; e que n'elle pensou desde muito cedo, provam-n'o as palavras com que fechou o romance *Odio velho não cança,* 2.º e 3.º volumes da nossa collecção, no qual promette tractar a breve trecho do assumpto, bem como os aperfeiçoamentos feitos nas successivas edições da *Mocidade,* como se vê pelos prefacios das respectivas edições estampadas á frente d'esta nossa.

Parece que Rebello da Silva tinha ainda em mente, senão já preparada para o prélo — do que não ha outra noticia senão a propria confissão do auctor no segundo dos sobredictos prefacios — a continuação da *Mocidade,* com o titulo de *As ferias d'El-Rei,* em que elle se propunha tocar outro episodio da vida do freiratico monarcha; mas nunca chegou a imprimir-se coisa alguma.

A *Mocidade* deu ainda assumpto para uma comedia drama — 17.º volume da nossa collecção — representada com muito exito no theatro de D. Maria II, em que elle teve como collaborador a Ernesto Biester.

Terminando, resta-nos dizer que foram as seguintes as edições da *Mocidade de D. João V.*

Primeiramente sahiu disseminada pela *Revista Universal Lisbonense,* notavel revista em que Rebello da Silva tanto collaborou, nos annos de 1852-1853.

Depois sahiu em volumes assim, 1.ª edição:

A Mocidade de D. João V, romance historico, Lisboa. — Typ. da Revista Universal, 1852-1853. — 4 volumes in-8.º peq. de cerca de 200 paginas cada um.

A Mocidade de João V, romance por L. A. Rebello da Silva. — Segunda edição. — Porto, em casa da viuva Moré. — Editora, Praça de D Pedro, 1862. — (Typ. de Sebastião José Pereira), 3 volumes in-8.º, o primeiro de 287 pag. e uma de indice; o segundo de 294 pag. e uma de indice; e o terceiro de 346 pag e uma de indice.

A Mocidade de D. João V, romance por L. A Rebello da Silva. — Terceira edição. — Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora Lugan & Genelioux, successores, 1883. — (Porto, Typ. de A. F. Vasconcellos. — Moinho de Vento), 3 volumes in-8.º, o primeiro de XII — 283 pag. e uma de indice; o segundo de 294 e uma de indice; e o terceiro de 346 e uma de indice.

A quarta edição é a presente.

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Vai sahir de novo á luz da imprensa a Mocidade de João v.

Decorreram onze annos desde que o auctor, entre hesitações e receios, se abalançou a colligir em quatro volumes, e a expôr á critica, para elle tão benigna, as paginas escriptas ao fugir da penna e estampadas na *Revista Universal.*

Os defeitos do livro — perdôe-se-lhe a ousadia de lhe chamar assim — derivam-se em grande parte do modo precipitado por que foi concebido e composto; e algumas qualidades, que lhe quiz conceder o favor publico, são mais filhas do genero e do assumpto, do que do pincel e das tintas, que, em muitos logares do quadro, deveriam ser outras, ou mais finas e acertadas.

Revendo no fim de tanto tempo as scenas esboçadas ao correr do lapis, entendeu o au-

ctor, moldando-se por exemplos credores de imitação, que tocar no enredo, na distribuição dos personagens, e na physionomia geral do romance equivalia quasi a intentar uma outra obra, talvez mais infeliz, mas não seria de certo o que pediam e esperavam os que lhe aconselhavam uma nova edição, exigida no mercado pela raridade dos exemplares.

Limitou-se portanto, como lhe cumpria, a mondar as superfluidades, a arriscar alguns traços mais firmes em trechos que os requeriam e a corrigir as faltas menos dignas de perdão. O todo, o complexo ficou, e, a seu vêr, não podia deixar de ficar como nasceu da inspiração do primeiro dia.

De que serviria despil-a de algumas galas que lhe emprestou a edade do escriptor, e carregar-lhe de toques mais severos a natural e festiva espontaneidade?

Não se escreve sempre da mesma fórma, nem com as mesmas ideias. A' medida que nos adeantâmos na existencia, e que as sombras do tumulo crescem, avultam e se vão approximando de hora para hora d'este peregrino chamado homem, a imaginação sente as azas mais prêsas, as côres que as matisavam esmorecem, e os vôos, antes altivos e quasi loucos, baixam, tornam-se incertos, e arrastam-se por fim, quando os gelos do inverno acabam de lhe paralisar as forças esvaidas.

A edade de hoje, com todos os seus desenganos, com as illusões perdidas, e com os es-

pinhos de tantas saudades a pungir no peito, será mais propicia ás creações da phantasia? De certo não!

Outros horisontes, outros estudos, cuidados e responsabilidades mais graves, separam o homem feito do mancebo descuidado, que atravessa correndo, e apanhando das flores do caminho as que o convidam mais pela belleza, os primeiros e ditosos annos, em que tudo com a aurora se inunda de luz e de jubilo, ri esperançoso, e responde com mentirosas promessas aos desejos audazes e incoherentes da sua alma.

A Mocidade de D. João v revela ainda estas tendencias, e accusa a cada passo a feliz inexperiencia hoje tão saudosa do seu auctor. Não se despede por isso de se atrever ainda a novas tentativas do mesmo genero; mas não espera tornar a vêr outra vez a vida, a sociedade e o coração humano com os olhos com que então os viu. Honrar-se-ha sempre de rastrear no romance patrio os vestigios dos mestres; porém conhece que chamará bastantes vezes em vão pela fresca, inquieta e vagabunda inspiração, que nos foge com a mocidade, e que só depois de ausente aprendemos a apreciar.

Uma novella de caracteres e de costumes, cujo plano conserva na pasta ha muitos annos, e se tem ido formando e amadurecendo no espirito, apesar de outras preoccupações, seguirá de perto esta edição da Mocidade. O fundo historico, a epocha da acção, será ainda

o reinado de D. João v, mas de D. João v mais velho, mais homem, mais absoluto no poder, e mais formado no caracter e nas paixões.

Não será uma segunda parte, uma continuação da novella anterior; poucas vezes o esforço de estender demasiado a mesma tela, e de insistir no retrato modificado das mesmas figuras nos sáe muito applaudido. As FERIAS DE EL-REI é o titulo da novella, que apenas aguarda por algumas semanas de mais repouso e tranquillidade para offerecer ao leitor entre alguns dos personagens com quem travasse conhecimento na MOCIDADE, outros actores talvez menos agradaveis, talvez menos das suas sympathias, mas em todo o caso novos e adequados á acção que o painel deverá representar.

Nada mais resta a accrescentar. O fim principal das correcções feitas n'esta edição foi dar ao estylo do romance certa unidade, de que muito carecia, sobre tudo nos dois primeiros tomos, amputando ao mesmo tempo alguns episodios, que, por demasiado comicos na expressão, desmentiam a indispensavel compostura das situações e da phrase.

Possa a mesma benevolencia, que acolheu a primeira edição, proteger a segunda. O auctor não pede, nem deseja mais.

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Escrevendo esta novella, protesta o auctor que não quiz fazer senão um romance.

Será pouco, não duvida, mas basta-lhe. Se a leitura d'elle distrahir, e se algumas das scenas esboçadas n'estas paginas não desagradarem, fica tão satisfeito, como se lhe coroassem o livro dos louros resequidos, que teem andado por todas as ovações da praça publica, desde Masaniello até Jeronymo Paturot, de ridicula memoria.

Depois de acabado este quadro, quasi familiar, dos costumes portuguezes no seculo XVIII, devia conformar-se com a moda, encarregando os personagens de um papel philosòphico-social, profundamente regenerador ; mas apesar do lustre, que o romance podia receber da novidade, resistiu á tentação ; porque entendeu sempre que a arte não precisa do fóro pequeno da politica para ser a primeira das illustrações intellectuaes.

O que o famoso romancista escossez conseguiu com os seus heroes, procurou o auctor imitar de longe a respeito das figuras d'este ensaio. Era seu desejo animal-as de modo que, portuguezas nas feições, nas ideias e no viver, entrassem mais facilmente na intimidade do publico, quasi como amigos, ou conhecidos antigos d'elle.

O que receia é ter ficado muito atraz da realidade poetica; porque na passagem do mundo ideal para a manifestação do mundo positivo, raras vezes se conserva aquella admiravel, mas difficilima similhança, que deu a immortalidade ás primorosas obras, que são a gloria dos principes da arte.

Desenhando nas horas vagas os lineamentos d'este painel imperfeito, a sua ideia era compôr uma especie de trilogia, em que se debuxasse o vulto e a côr da epocha essencialmente dramatica, que entre nós é dominada pela figura de D. João V, especie de rei popular apesar do seu governo absoluto. As qualidades e os defeitos do monarcha, o seu fausto e generosidade, e as paixões amorosas, que se lhe attribuem, apontam-o no meio dos nossos reis modernos como o valido da saudade popular. Parecido a Luiz XIV, que desejou imitar, e inclinado a aventuras inopinadas como o califa de Bagdad, D. João V sempre sahiu dos seus encontros como cavalheiro, ou como soberano magnanimo.

A MOCIDADE, que hoje se publica, serve de prologo a todo o drama. As outras duas obras,

talvez mais vivas na acção e no colorido, hão de seguir-se á exposição (se ella fôr feliz), e completarão o quadro. O rei, que na MOCIDADE apparece ainda com o caracter incerto que a verdura dos annos permittia, nas outras duas partes ha de já accusar com mais vigor a physionomia historica. Dos personagens d'este livro alguns morrem e sepultam-se com, elle, em consequencia da sua provecta edade; e os mais interessantes, com as modificações de tempo e de pensamentos indispensaveis, acompanharão nas outras partes o Salomão portuguez, tão devoto e peccador, sobre tudo nos ultimos annos da sua vida.

Se este ensaio merecer alguma attenção, o auctor não desanimará, e espera pôr na tela do romance toda a epocha que, a seu vêr, representa uma das mais curiosas do seculo XVIII em Portugal.

Se o livro se mergulhar no esquecimento, como receia, ha de sentil-o infinitamente, mas ganhará ao menos um desengano, ficando livre para se occupar de coisas mais da sua vocação.

Depois d'isto nada resta a accrescentar. Pertence á critica louvar, ou castigar o que a obra tiver de bom ou de mau; e sem vaidade, nem servidão, entrega-lhe a sua causa. Nada mais insulso, do que a mania de querer remar á força de proloquios e citações contra a corrente da opinião, incutindo a leitura de volumes, que o gosto engeita.

O milagre de animar as estatuas não cabe

nos dias em que vivemos. Não estamos no seculo das Galatheas e Pygmaliões. Se a obra tiver por onde se salve, viverá; se não, ha de morrer do frio incuravel da execução, caso desesperado, que não remedeiam os vesicatorios impertinentes de uma estirada e aborrecida allegação.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

CAPITULO I

A verdade de um rifão

—Ninguem diga: «eu d'esta agua não beberei.» Não somos nada n'este mundo, padre procurador.

—E' verdade, Thomé das Chagas. Mas que quer? Os peccados pagam-se.

—E eu sem pregar olho toda a santissima noite para nos sahir uma d'estas! Os nossos padres como estão?

—Mortificadissimos! Isto, apesar de toda a grandeza de alma, sempre chega ao vivo.

—De certo! E o excommungado papel, não ha meio de lhe acudir?

—A provisão do desembargo do paço? Não sei, por mais que scisme E' *Cœsar in Cœsare.* E' ir de el-rei para el-rei! Como os padres de S. Roque não rirão a esta hora!

—Pois elles teem n'isso alguma coisa?

—Tudo, irmão Thomé; vossa mercê não percebe? A pedra veiu d'aquellas mãos; e os

padres da Companhia atiram certo. Não importa! O jogo não acabou, e até ao lavar dos cestos é vindima...

—Ora esta! Com que então os jesuitas andam no forro d'esta heresia?

—Andam em tudo, irmão Thomé. N'estes reinos nada se faz que elles não cubram com a sua roupeta.

—Parece impossivel! Até no desembargo do paço?!...

—Em toda a parte. A Companhia apparece á cabeceira de el-rei, se está doente, no seu oratorio, se reza, á mesa dos tribunaes, se despacha...

—Mas então é como Deus, está em toda a parte?

—Sabe e aconselha tudo. Só na Santa Inquisição é que não metteu por ora o braço, nem ha de metter, em quanto florescer a ordem dos Prégadores, instituida para confusão dos hereges e hypocritas... Bello texto para o meu primeiro sermão na capella real. Que me refutem os seus casuistas e doutores!... Só lhe digo, irmão Thomé das Chagas, que o plano dos jesuitas, o negro e maldito plano d'elles...

—Jesus da minha alma!

—E' abolir a Santa Inquisição, e enterrar nas suas ruinas a ordem de S. Domingos. A inveja rala-os.

—Por isso as prophecias são tantas, e o povo anda inquieto. Sabe vossa reverendissima o que dizem? Que ha de nascer em

Babylonia o Antichristo! E é certo que para as bandas da Sé já appareceu um lobishomem; que ao pé de Santa Engracia se queixam os visinhos de verem sahir á meia noite...

—Um... parvo como elles e vossa mercê. Pois atreve-se com essa chôcha cabeça a querer perscrutar os altos mysterios de Deus? O Antichristo nasceu.

—Santa Barbara! S. Jeranymo! *Abrenuncio! Vade retro!*

—Cale-se, homem. Que escarcéos são esses? A culpa é minha. Para que lhe estou eu e falar de coisas superiores á sua razão? Deixemo-nos d'isto Mas a provisão, esta pedrada na cabeça, havemos de ficar com ella?

—Uma esmolinha por alma dos fieis defunctos, minha devota!—gritou o senhor Thomé, interrompendo *ex-officio* o dialogo, já cortado pela subita meditação em que o padre mestre se abysmára.

Emquanto este, preoccupado, passeia falando só, e aquelle apara a esmola na bandeja mareada, observemos de perto os protogonistas da scena.

Principiaremos pelo mais graduado.

O mestre frei João dos Remedios, da ordem de S. Domingos, ex-definidor e dignissimo procurador do convento de Lisboa, era um frade de conceito na côrte e na egreja. A opinião dos eruditos vacillava entre elle e o padre Chagas, prégador de grande fama. Se o padre Chagas limava melhor os sermões e possuia o segredo de commover o auditorio,

frei João não conhecia emulo na vehemencia dos affectos e nas explosões da voz sonora. Formado *in utroque jure,* no fôro grangeára a reputação de um segundo Pêgas. Quando valia a pena, sua reverendissima fechava-se na riquissima livraria do convento, cobria de letra garrafal quatro cadernos de papel, e disparava sobre a parte adversa uma allegação, que fazia pular as venerandas cabelleiras do desembargo do paço, em quanto as unhas ao douto patrono contrario, roidas até aos sabugos, attestavam o seu dissabor.

Quando muito, o padre mestre inculcaria cincoenta annos, embora a certidão do baptismo menos citada por elle do que as ordenações, addicionasse mais cinco ou seis á conta redonda. Apezar de gordo, os seus movimentos não eram acanhados nem desairosos, e a figura tinha mais de vistosa do que de esbelta. O rosto arredondado e cheio, graças a duas covinhas no meio das faces, espiritualizava-se com riso; e a bocca fina e chistosa dava-lhe grande animação. As mãos, bem tractadas e macias, e o pé sempre bem calçado e pequeno, não pareciam de frade. Já se vê, que se vivesse no seculo, podia contar com o voto feminino, voto absoluto em coisas de tanta importancia.

Sem ser Lavater, notar-se-ia que a constate applicação ás lettras sagradas e profanas, e o uso do pulpito, tinham gravado em sua reverendissima um cunho particular. As inflexões e os gestos do padre procurador resen-

tiam-se da exageração theatral, que se converte em segunda natureza para os que falam em publico por muitos annos. Seria desempenada a sua estatura, se o trabalho do bufete a não houvesse curvado um pouco. O olhar teria mais viveza, e o sorriso mais agrado, se o primeiro não adormecesse tanto a miudo e se o segundo brincasse com menos ironia nos cantos dos beiços. A oscillação do labio superior, alguma coisa grosso, e das azas do nariz bastante vivas, mostravam que o frade doutor era menos humilde e paciente do que pedia o seu estado monastico. Em fim, as grandes entradas da elevada e espaçosa testa, e a ruga de profunda reflexão cavada na fronte, accusavam a agudeza do espirito e do talento como compensação dos defeitos de um caracter sincero, mas irascivel e imperioso.

Mais gordo do que magro, como já se disse, mesmo até mais obezo do que gordo, as côres florescentes do seu rosto prestavam testemunho irrefragavel á inclinação pelas doçuras da vida, e sobre tudo pelos prazeres da mesa. Frei João usava de barretinho curto, cahido para a nuca. A provisão do desembargo do paço, enrolada na mão, servia-lhe de leque, ou de compasso, segundo a ira lhe fazia subir o sangue ás faces, ou lhe descompunha o gesto em accionados violentos. Durante o dialogo que ouvimos, o padre mestre tinha puxado e repellido o barretinho da nuca para a testa, e da testa para a nuca umas poucas de vezes, ba-

tendo o pé com impeto. Via-se que o reverendo batalhava com a ira, e que a colera obscurecia, mais do que fôra para desejar, este novo astro da doutrina theologica.

O segundo interlocutor era em tudo o antipoda do sabio jurisconsulto; trinta annos seriam a edade do milagreiro, se caras, como a sua, denunciassem edade possivel, ou a deixassem apanhar em flagrante. Era um esqueleto desengonçado, com os ossos sempre em reacção contra a carne. Parecia um paradoxo da figura humana, d'esses a que a natureza logo quebra o molde, para não multiplicar as cópias.

Aos doze annos media a altura de um homem razoavel, e tinha a magreza de um galgo; depois dos vinte espigou de modo que fazia recear que nunca acabasse de crescer.

Sobre o esganado pescoço tremia a cabeça do sr. Thomé, cabeça esguia na fronte, alterosa na corôa, e empinada na nuca. Uma peruca insolente arripiada em molhos, e côr de laranja, cahia-lhe aos lados em sanefas, e terminava em um bico á flôr das sobrancelhas espavoridas á raiz da mais deprimida testa.

Seguia-se a cára do servo de Deus. Imaginem-se dois queixos afunilados, e revirados; sobre os queixos e maçans do rosto grude-se uma pelle côr de coquilho, aspera como lixa; arme-se esta quasi caveira de um nariz agudo como ponta de lanceta, ornado do cavallete de rigor; e bem considerado este escandalo de carne e osso, digam todos se acaso seria pos-

sivel crear Deus uma figura mais exotica e repugnante.

Os gestos condiziam com a pessoa. E' peccado escarnecer do proximo; mas quem não riria vendo aquelles pés eternos e inchados de cotovellos, com os calcanhares a meia legua de distancia um do outro? Quem ficaria serio quando o esqueleto caminhava em passo funebre, içado sobre duas pernas de cegonha, volteando os braços com a elegancia de um morcego?

A todas as outras prendas juntava certo ar á bolina no lado esquerdo e um mau geito no pescoço.

Enormes oculos de azelha, apertados no nariz, proporcionavam ao devoto a commodidade de frechar a todos com a vista de lynce por baixo dos vidros. As canellas embainhavam-se em meias bicolores de lan parda com passagens azues tomadas nos buracos numerosos. Calções velhos e sujos, matisados de um xadrez de remendos, cobriam-lhes as delgadas côxas. A véstia, côr de pulga, encolhia-se no encovado peito, para dansar em plena folga sobre o supposto ventre; e o gibão verde-garrafa, já no fio, e de uma baêta lanzuda, fugia do corpo ao dono, como os judeus ao fogo do santo officio.

O senhor Chagas (Deus tenha misericordia da sua alma!) animava as graças da physionomia com um risinho amarello e beato. Se alguma coisa merecia o seu agrado (caso raro) ouviam-se em applauso estrepitoso as suas

estridulas gargalhadas, desafinadas em falsete. Debaixo dos beiços sorvidos encavalleiravam-se os mais negros e limosos dentes, arremettendo pela bôcca fóra. Os olhos vesgos enviezavam-lhe o olhar, e a voz de tiple agro-doce salgava as reticencias e momices abeatadas, a que tinha a condescendencia de chamar as suas boas maneiras.

Sobre o trajo profano, o irmão Thomé pendurava o inseparavel balandrau das almas, desbotado e roto, com o registo de S. Domingos e do Rosario cosido á murça, e um relicario de prodigioso tamanho, pendente de vistosas camandulas. Em uma das mãos trazia a salva, representando as almas do purgatorio entre chammas. A outra dava a beijar aos fieis um nicho de porta de vidro, ralo de mealheiro por baixo, e dentro S. João Baptista com a ovelhinha.

O todo d'este embirrento figurão era mais astuto do que boçal. A simplicidade era á superficie; mas por dentro tudo era velhacaria. Eis em resumo a vera effigie do senhor Thomé das Chagas, andador das almas, primeiro servente do padre frei João dos Remedios, e sacristão da missa dos domingos e quintas-feiras no oratorio de Diogo de Mendonça Corte Real, secretario das mercês de el-rei D. Pedro II, nosso senhor.

Resta dizer que o logar da scena era o adro do convento de S. Domingos de Lisboa; e a hora as sete da manhã do dia 20 de novembro de 1706.

Já se vê que o dialogo entre os dois fôra matinal. Nossos avós madrugavam, porque seguiam o adagio; não dizia elle: «deita-te ao sol posto, e ergue-te com as estrellas?» Demais, tendo a provisão do desembargo sobre o bufete, como havia o padre procurador de conciliar o somno? Depois de muitas voltas na cama, levantou-se; chegou á janella; espreitou o dia; e por fim, aos primeiros clarões da aurora, resolveu-se a tomar um banho de ar. Vestiu-se; pegou na provisão; desceu á portaria; e como o inverno corria sêcco, d'ahi a instantes tinha o gosto de tiritar de frio.

Deitando os olhos pela praça viu-a deserta. Perto do cunhal fitou os vinte e cinco infaustos arcos, que abriam sobre o Rocio, desde a Bitesga até ao adro do convento, e augmentou-se-lhe a melancolia. Tudo dormia. Nem uma das duzentas logeas portateis, armadas debaixo d'elles, apparecia ainda. Ninguem pregava o toldo deante da testada dos logares; não se movia um adello, um capellista, ou um fanqueiro a arrumar o panno de linho, as rendas, ou as chitas da sua feira. Os proprios mariolas, tão buliçosos e activos, resonavam profundamente nas possilgas. Defronte do primeiro arco, ao murmurio das aguas, o Neptuno do chafariz extendia o seu tridente com marmorea indifferença.

Frei João rondou de passeio a arcada até á escadaria do grandioso hospital de Todos os Santos, pelo sitio aonde estão hoje S. Domingos e a Praça da Figueira.

Depois, quando voltava scismando, descobriu as estiradas canellas do irmão Thomé, a quem o zêlo emprestava azas, para pedir as alviçaras do resultado da demanda, que estava longe de suppôr perdida.

Duas palavras agora para explicar a provisão, que tirava o somno ao padre procurador, e fazia da cara do senhor Thomé a publica-fórma de um *Miserere*.

O hospital de Todos os Santos era proprietario de alguns dos arcos do Rocio, e arrendava-os aos logistas a dois mil reis annuaes cada arco. A ordem de S. Domingos possuia os que ficavam do lado do adro e de baixo do dormitorio de cima, e os frades contentaram-se por muito tempo com a metade do preço exigido pelo hospital. Corria isto em santa paz, quando, eleito novo provincial, este, contra o voto do seu definitorio, levantou a renda, a vêr se dava uma bofetada sem mão na soberba do visinho. Ardeu Troya! Os vendilhões gritaram «aqui d'el-rei!» protestando sem pejo nem temor contra a lesão enorme, que lhes fazia pagar as culpas de terceiro.

Em tão melindrosas circumstancias, o antecessor de frei João, chamado frei Chrysostomo Borrego, cahiu na simplicidade de citar os refractarios para arredarem as tendas da parede, sob pena de dois mil reis de multa. Não esperaram os vendilhões por segunda intimação; e, requerendo vistoria ao senado da camara, vieram pôr a feira deante da testada dos arcos. D'aqui se originou a perdição dos fra-

des. Com o auto de vistoria os belfurinheiros provaram que, não occupando terreno do convento, lhe não deviam nada; e a demanda, muito feia desde o principio, concluiu pela famosa provisão do desembargo, declarando as testadas dos arcos livres, e absolvendo os feirantes de arrendamento e aluguel pelas occuparem. Ainda por cima o convento pagou as custas! Foi assim que os padres de S. Domingos deram os seus arcos de graça pelos quererem alugar muito caros.

Quando frei João dos Remedios entrou a servir, estava muito mal figurado o negocio; tractou de lhe valer; mas já tarde. Pouco habituado a revezes, cahiu-lhe este como um raio em cima da cabeça, e não o querendo imputar á notoria injustiça da causa, preferiu attribuil-o ao odio e antiga rivalidade de S. Roque com S. Domingos, dos Jesuitas com os Prégadores. Se elle se enganava, não sabemos; mas que a provisão deu gosto aos padres da Companhia, é caso averiguado.

D'esta opinião do procurador da communidade nasciam as pesadas reflexões, que lhe ouvimos, a respeito dos filhos de Santo Ignacio, visinhos e inimigos da ordem inquisitorial.

O padre mestre Remedios ainda estava informando o senhor Thomé do succedido, e o nosso andador, moralizando o caso com o notavel adagio—«ninguem diga: eu d'esta agua não beberei»—, quando um homem, escapando pelas costas do dominico e do seu acolyto

ainda no maior calor da conversação, passou por elles como sombra, e foi coser-se com a pilastra do primeiro arco, depois de observar os oradores. O chapéu de abas largas e copa baixa era um chapéu de jesuita, e, carregado na testa, encobria-lhe a parte superior do rosto. A capa de panno preto, embuçada, escondia-lhe a barba e todo o corpo.

D'onde se collocou podia vêr e ouvir perfeitamente.

Um quarto de hora depois, outro homem, atravessando do palacio do duque de Cadaval, entrou na egreja, e, feitas as suas devoções, tomou agua benta, e veiu para o adro assentar-se no poial da cruz, defronte da portaria. Alli, cofiando uma cabelleira mal empoada e de cachos á antiga, pôz o chapéu de lado sobre a copa, arregaçou os punhos de Hollanda encardidos, afinou o laço da gravata, e sacou por fim do bolso da esbeiçada casaca de tafetá um tinteiro de chifre e um coto de penna. Depois, montando o joelho direito sobre o esquerdo, principiou a rabiscar em um papel com o maior socego do mundo.

Assim dispostas as figuras, succedia que o sabio theologo tinha nas suas costas o homem embuçado, e que o andador das almas cobria com a longa pessoa o risonho escrevente; tudo isto de certo sem nenhum d'elles se ter ajustado, nem o pensar, á excepção do jesuita. Esse provavelmente sabia por que razão viera alli.

CAPITULO II

Vale mais só que mal acompanhado

Depois do episodio da esmola, o padre procurador e o devoto acolyto ficaram calados, um defronte do outro por alguns instantes. As sobrancelhas do Senhor Thomé das Chagas ora subiam á raiz do cabello, ora baixavam a tocar nas capellas dos olhos, o que significava que esta honrada pessoa, reflectindo no caso, não percebia, e desejava perceber. Frei João scismava carregando as rugas frontaes, e dobando os pollegares. Era o seu gesto usual quando compunha.

A final o andador arremetteu com as duvidas, expelliu da garganta o pigarro matutino, e com a vozinha arrastada como preguiça do Brazil, continuou o dialogo interrompido pela jaculatoria ás almas.

—Com que—disse em tom insinuante—vossa reverendissima julga que o papel não tem cura, e é obra...

—Dos hereges, dos christãos novos, dos ini-

migos de Deus e da sua gloria. Digo, creio e affirmo, irmão Thomé—respondeu frei João, irado.

—E' muito, padre mestre. Atrever-se esta gente... Jesus! E então no desembargo do paço! Bem rosna o povo, e no fim de tudo elle sempre tem razão. Lá de cima, d'onde se espera o exemplo, vir o peccado! Estamos perdidos, devoto S. Domingos da minha alma!

Mas frei João dos Remedios já não o escutava. Voltou-se com impaciencia, foi direito ao homem do tinteiro, pôz-se deante d'elle sem o vêr, e abrindo a provisão leu-a a meia voz, córando a cada linha. Thomé das Chagas cuidava que o padre mestre estava dictando, e que o outro servia de escrevente; por isso não fez reparo, e entrou a scismar tambem, olhando para os sapatos com a complacencia com que o perú admira nas pernas do pavão a gentileza das suas.

Quem estava em braza era o homem do poial, victima innocente do procurador, que a dois passos lhe tirava a luz, abanando-lhe ainda em cima o papel com o vento da capa, que traçava com impeto amiudadas vezes.

Por fim o pobre homem pôz-se de pé, cortejou-o com ar suplicante, e disse-lhe com extrema polidez:

—O padre mestre dá licença? Sou poeta de casa do senhor duque, e amigo intimo do escudeiro particular de sua excellencia. Sahi de casa, e vim arejar-me, a vêr se acho a chave

de um soneto que se me engasgou na segunda quadra... Agora mesmo...

De tudo isto chegou apenas aos ouvidos do frade a penultima palavra. Nem via sequer aquelle homem curto, roliço e flexivel, com o pé em quarta posição de dansa, e a bôcca cheia de riso, que o cumprimentava, meneando o chapelinho amaçado, e mostrando-se o mais obsequioso possivel.

—Agora?—atalhou o padre, cuidando que respondia ao irmão Thomé.—Agora! Sabe o que se ha de fazer?

—Sei, sim senhor; segue-se acabar eu o meu soneto, ouvir a minha missa, e ir almoçar do que Deus nos dá, se vossa reverendissima não ordenar o contrario...

Dizendo isto, o poeta dobrava o braço na mais elegante curva, e com o pé lançado airosamente parecia esperar uma cortezia, e o campo livre; mas se esperava, illudiu-se.

—*Opus et oleum perdidi!*—gritou elle, ouvindo pagar os seus primores com a mais impertinente interjeição.

—Hum!—exclamou frei João, dando aos hombros, e mudando de posição. D'esta vez ficou ás escuras o poeta.

—Vossa reverendissima ha de perdoar, mas já tive a honra de lhe dizer que medito um soneto. Prouvera a Deus que me visse livre d'elle!... O consoante é obrigado .. Mas estou prégando aos infieis; o padre não vê, nem ouve; e pegou de estaca defronte de mim!

—E' irremediavel—,proseguia frei João

passeando do mesmo lado, e falando alto ao pé do poeta.

—Irremediavel! mas, reverendissimo, tenha consciencia! Deita-me a perder—gritou o cerzidor de metaphoras desesperado.—Irremediavel é só a morte. Deixe-me dois minutos vêr a Phebo, o divino Apollo, e se consultando com elle não achar a rima...

—Não acha nada, não tem sahida!— replicou frei João absorto.—Digo-lhe que não tem sahida. Não é capaz...

—Pois sustento que sim, e que sou capaz; e tanto, que já achei. Ouça o padre...

> Temendo ser enfadonho,
> Agora os sonhos envio;
> Sendo que foi *desvario*...

Frei João parecia escutal-o attento.

—Então? E' magnifico, não? O que foi o sonho senão o que são todos os sonhos: erros do capricho, cuidados da alma, catalogos da memoria, e enganos da idéa! Logo os sonhos são desvarios. E o que é desvario? Sonho, perfeito sonho. Eis, *secundum artem,* como o seu criado Bernardo Pires achou o mais engenhoso conceito e a mais opulenta rima... Mas isto succede só a quem bebe do fino em Aganippe, como provarei na dedicatoria que servirá de postilhão a Apollo ..

E o modesto cultor das musas, no enthusiasmo do seu triumpho, amarrotava de gosto as calças imperiaes, largo e impertinente anachronismo: e com a outra mão saccudia pela

manga o padre procurador, que, tendo o indice curvado deante da bôcca, em ar de quem apanha uma idéa vadia, o fulminou com um furibundo «deixe-me!»

—O frade não está em si—resmungou o poeta descontente. —Que demonio! Que o deixe? Mas é inverter as rimas. Eu é que morro por que elle me desassombre. Não se irá d'aqui? Ao menos reverendissimo—gritou com força —livre-me da sua capa, por todos os santos do paraizo! E' o manto de Niobe, é a noite da imaginação, é o carcere das musas. Ora graças a Deus. Por lá o tenham bastante tempo; não deixa saudades.

Sendo que foi desvario...

Veremos se fecho agora a quadra!

Na abstracção, o padre procurador, deixando o poeta, esfregou a testa, e abrindo a caixa do tabaco foi procurar o primeiro pouso. Alli tomou a sua pitada de amostrinha, sorvida de vagar, e em tres tempos, escorvou e carregou o nariz, e, recolhido o lenço na manga, tocou na tampa da caixa o rufo do costume com os dois dedos da mão direita. Então é que de todo cahiu em si, e olhando deu por Thomé das Chagas de joelhos e braços abertos á porta da egreja, com a bandeja das almas e o nicho de S. João adeante de si.

Mas o padre mestre tinha necessidade de desafogo, e o andador das almas servia-lhe de vaso para expectorar as iras.

—Thomé, irmão Thomé!—chamou o reverendo impaciente.

—Estou á primeira missa, meu padre. Vou já aos pés de vossa reverendissima.

—Ande! Tenho que lhe dizer. Irá logo da minha parte á rua da Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça com uma carta. Quero por fim saber!... Esta provisão não é natural. Tractam de metter o alvião aos cunhaes do nosso convento; tentam arrazal-o pelos alicerces...

—Santa Maria, Mãe de Deus—gritou o irmão das almas desenroscando a sua eterna pessoa.—Deitar abaixo uma Babylonia d'estas, quem é o impio?...

—Thomé das Chagas, vossa mercê excede-se. Chama-se Babylonia ao convento do nosso padre S. Domingos? Lembre-se de que era a cidade da profanação, a mãe dos vicios, e veja o seu erro. Não responda. Sei que não o fez por mal: peccou venialmente...

—*Mea culpa, mea maxima culpa!* Prometto duas corôas a Nossa Senhora e uma estação ao Santissimo, mais o jejum de pão e agua sexta feira...

—Está bom. Não é preciso tanto. Gosto de o vêr com temor de Deus. Tornando ao que ia dizendo: esta gente não descansa em quanto não subverter tudo. Atira de longe á inquisição, porque tem mêdo de se chegar; mas em nós se vinga e por nós começa. *Inde iræ* A ordem dos prégadores primeiro, e o santo officio depois, eis o plano. O seu fim é metter-

se de dentro, como na universidade e nas escholas, e em toda a parte, segundo o costume.

—Perdôe, padre procurador, mas não creio. Pois ha herege capaz de tirar os autos de fé ao povo, uma consolação tão grande aos fieis de Christo?...

—Por isso mesmo! Por causa do povo aborrecem mais a inquisição. Da primeira vez foi o padre Antonio Vieira o que traçou o projecto. Deus lhe tenha perdoado! Ficaram mal? Não importa; agora emendarão a mão. A que horas estará levantado Diogo de Mendonça?

—Com as seis o acha vossa reverendissima ao bufete.

—E são?...

—Sete, quando muito. Mas d'aqui á Calcetaria é um boccado.

—Não importa, esperemos pelas oito. Digo-lh'o eu, Thomé das Chagas, o ultimo cometa não appareceu debalde. Prognostica mortes, guerras e ruinas. Veremos aonde isto vai dar comsigo. Metteram o reino n'esta guerra por causa do allemão...

—Do archiduque, segundo diz el-rei de França?

—Do rei catholico, D. Carlos III, segundo dizem el-rei D. Pedro em Portugal, e os seus amigos hereges em Londres...

—Bem m'o prognosticou hontem a santinha da tia Perpetua das Dores, dando-me a beijar o rozario depois do terço. «Thomé, encommende-se muito a Deus. O Antichristo

ando solto por Hespanha, de Hespanha a Portugal é só um pulo.»

—Coitada da serva de Deus! Oxalá que houvesse muitas como ella! Mas a culpa sabe de quem é? Esta provisão dizem que foi feita no Terreiro do Paço; é falso; não foi. Quem a dictou foram os padres de S. Roque. E' obra da Companhia de Jesus.

—Pois não ha temor de Deus? Padre mestre, esses hereges são da companhia de Judas e não da de Jesus. Mereciam, Deus me perdôe! que lhes queimassem as roupetas na fogueira e os entaipassem vivos no Santo Officio.

—Thomé, não diga isso...

—Digo e affirmo. E ao desembargo da mesma maneira. Eu cá arrastava-o de carocha e sambenito ao primeiro auto de fé.

—E o presidente da mesa tambem?

—Porque não? Reverendissimo, quem acompanha com hereges é herege.

—O duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, meu senhor?—exclamou o poeta que ha boccado roía as unhas de desesperação interrompido pelo dialogo. Não é no presidente do desembargo do paço, no duque meu amo, que o mochilla d'este gato pingado põe a bôcca excommungada? Ouçamos o colloquio.

—Thomé das Chagas—observou frei João que se tinha rido da justiça musulmana do milagreiro—sabe que mais? Se o ouvisse alguem de casa do duque, ou de S. Roque, vossa mercê não via sol, nem lua. Tome um con-

solho. Fale menos, e respeite mais os padres da Companhia, e o duque de Cadaval.

—Salva não seja a minha alma, padre mestre! Jesuitas, desembargadores e Judeus, todos são o mesmo, e eu levava-os de sociedade até ao auto da fé. Quanto ao duque, ouço rosnar que está sendo alma e correio dos hereges e, apesar de dizerem que é esmoler e temente a Deus, cá para mim creio *que nem tudo o que luz é oiro*... De el-rei não admira; depois da doença anda-lhe a cabeça á roda...

—Ah mofino Judas!—exclamou o poeta exacerbado. — Felizmente apanhas-me de papel e penna. Os padres da Companhia e o desembargo ao lume. Bem! Cá escrevo. O duque, meu amo, alma e correio de hereges. Não tem duvida cá assento. Em fim el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, maluco, ou pouco menos, pois lhe anda a cabeça á roda. Fica registado. Deixa estar, meu Longuinhos chupado das bruxas, que has de dar um par de voltas á roda da forca. Nós veremos; pore sperar não perdes.

E o nosso poeta, assentando o chapéu sobre a cabelleira, arrancou a trote para o paço do duque, com a espada a bater-lhe nas barrigas das pernas, e as abas da ampla casaca, enfunadas ao vento. Ia aos pulinhos, e cantarolava estes maus versos hespanhoes:

> Non dirá mi señor padre,
> Si es de menor sentimento,
> Ver muerto al dueno querido
> Que ver-lo en poder ageno.

Nem o Senhor frei João nem o virtuoso Thomé o viram atravessar a praça, porque o primeiro olhava para um velho que estava falando com um soldado, e o segundo passava miuda revista ás peças do seu mealheiro. Assim o nosso Bernardo Pires escapou ás reflexões dos dois respeitaveis inquiridores; e qual outro Orestes, vexado das furias, foi depositar no seio do escudeiro, seu amigo, os segredos que lhe enchiam o coração de fel.

Entretanto o padre mestre não tirava os olhos do velho; e este a passos lentos tambem se approximava da portaria, conversando com o soldado. A vista do reverendo exprimia assombro, e uma especie de terror: o seu espirito luctava com a memoria.

Excessivamente abertos e sem pestanejar, os olhos do theologo não largavam o recem-chegado, estudando-lhe feições e gestos; via-se que o procurador de S. Domingos duvidava e cria ao mesmo tempo; observava-se que lhe subia do coração á bôcca um nome, mas que temia illudir-se, julgando impossivel que existisse ainda a pessoa a quem pertencêra. Eis a causa da sua curiosidade, se era só curiosidade o sentimento que o agitava.

Por fim não se pôde ter, e foi direito aos dois homens, que n'aquelle momento chegavam ao cruzeiro do convento. O senhor Thomé, apesar de bem pouco feminino, herdára de nossa mãe Eva boa dóse do peccado original e não perdia occasião de escutar quanto se passava á roda da sua veneranda pessoa; o

senhor Thomé, pois, como verdadeiro discipulo da devota Perpetua das Dôres, a melhor bruxa golilheira do bairro, foi-se approximando com passadas de lan, e o ouvido álerta. O rosto piedoso do santarrão dava ares do focinho do gato quando fareja a preza, e cosido com o chão faz a policia da gula, para não lhe escapar a ceia. Mas, por mais cauteloso que se mostrasse, o nobre Thomé ficou sem o melhor da scena. Talvez peccasse por excesso de prudencia! Á sua chegada estavam concluidos os preliminares da conferencia, e o padre mestre, benzendo-se e chorando de alegria, apertava nos braços com extremo o mesmo velho espigado, rijo, e esperto que lhe causára tamanha sensação, apenas o vira.

O andador das almas teve portanto de se contentar com a parte menos interessante da peripecia.

O procurador de S. Domingos estava perguntando ao seu amigo Philippe da Gama como alli viera ter direito.

—Eu t'o digo em duas palavras — respondeu este.—Para ir bater á porta duas coisas são precisas: ter casa, e saber aonde. Com mil demonios! Estou fóra ha doze annos, e sem noticias ha sete completos. Quem tem bôcca vai a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa é uma loba; e um homem não ha de andar a perguntar a toda a gente se faz favor de lhe dar noticia do sujeito da capa parda? Portanto, puzme a scismar, e eis o que fiz. Lembrei-me do meu antigo amigo frei João e do seu conven-

to. «Se não deu ainda os fios á teia, ninguem melhor para me ensinar a casa. Se morreu, paciencia! Talvez algum dos frades me valha n'este apuro.» Vim por isso direito como um fuso até ao Rocio. Na rua dos Ourives vejo um homem parado, e pergunto-lhe: «Conhece o padre frei João dos Remedios, da ordem de S. Domingos?» Que resposta cuidas que me deu o excommungado?

Whal do gou say?

Era inglez! Entro na rua dos Escudeiros, acho outro estafermo embasbacado para uma porta, pergunto o mesmo, e diz-me:

Was verlangen sie!

Era allemão. Caspite! Já muito azoado chego ao Rocio, e descubro um soldado, falo-lhe, e chapa-me:

Che siete voi per capo di Caio Mario?

Fiquei varado! Por fortuna passava aquelle soldado portuguez, ou gallego, não sei ainda o que é, e com um boticão arranquei-lhe meia duzia de palavras, que o maldito vendeu a tostão cada uma. Dize, frei João, isto é Portugal, ou que demonio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de todas as nações?

—Veiu na armada dos alliados, e chupa-nos a ôlha da panella portugueza. Edificam a Tor-

re da Asneira, e repetem a confusão das linguas, como vês. Vamos ao que importa. Já almoçaste?

—Estou em jejum natural.

—Vamos então á minha cella. Temos que falar, e em quanto almoças saberás noticias...

—Haja methodo, frei João! O homem não vive só de pão. Minha mulher?

—Está boa. Inconsolavel com a tua perda, e chorando seu marido como deve, e elle merece.

—Obrigado, muito obrigado. Com que escapou á mágoa da minha morte aquella santa creatura? E as pequenas?

—Louvado Deus, estão lindas, são duas perolas. Mas a mãe queixa-se de que a mais nova é um tanto leve de cabeça. Verduras da edade!

—Está feito! E onde está?

—Quem, Cecilia?

—Sim, homem, a mais nova?

—Metteu-a sua mãe em Santa Clara no mosteiro, a vêr se lá assentava mais. A mais velha, tua filha Thereza, tem muito juizo, e é a menina dos olhos do commendador, tio d'ella, homem honrado, bom catholico, e menos mal de bens da fortuna.

—Hum! Muito me contas. Veremos isso.

—Não tens mais pressa do que eu. Almoçamos, e pomo-nos a caminho.

—De vagar, frei João, mais de vagar. Uma resurreição não é coisa que se leve de corrida. A gente não sáe da cova para apparecer assim á familia. Demos tempo ao tempo. O peior está passado.

—Já não digo nada, Philippe. Tu o lês, e tu o entendes.

—Está claro. A proposito—disse Philippe, virando e revirando o chapéu aprezilhado e guarnecido á antiga—podes dizer-me se minha mulher tomou estado em segundas nupcias?

—Ora essa! Uma senhora virtuosa e recolhida! Deus te perdôe. Pois se te digo que ainda não deixou de chorar a tua falta ..

—Ahi é que a pulga morde! Não gosto de fontes de lagrimas, nem mesmo em Coimbra. Mulher que muito chora seu marido, procura outro. E se chora o primeiro deante do segundo, conta que lhe quer metter ciumes. Entendo, agora entendo. O tio, o commendador, que especie de homem é? Aposto que não fez quarenta annos, e que ambos choram a minha falta em santa paz?

—E eu que não te percebia? Põe mais quarenta, e acertas a edade do commendador.

—Oitenta annos?

—Pois atreves-te a suppôr?...

—Frei João, nada de juizos temerarios! Visto continuar viuva minha mulher, e ter oitenta annos o commendador, mudo de opinião. Em almoçando vamos de passeio. Servirei de procurador aos meus fallecidos direitos.

—Então já estás bom da molestia?

—Frei João, o que dizem as obras de misericordia? Consolae os tristes e visitae os enfermos. Vou consolar os tristes.

—Ainda bem. Mas almocemos. Espere, Tho-

mé, eu não tardo. Ha de levar a carta á Calcetaria.

—Sim, reverendissimo.

O padre subiu depois para a cella com o seu amigo Philippe, e o nosso andador, depondo o devoto nicho de S. João, postou-se á porta da egreja caçando as esmolas dos fieis. O seu ar compungido e penitente era um iman abençoado para attrahir a piedade das beatas, sobre tudo a das velhas jubiladas.

N'este momento, o homem que no capitulo antecedente deixámos escondido atraz da pilastra do primeiro arco, sahiu do pouso a furta-passo, torceu pelas costas do milagreiro, e pondo-lhe de leve a mão no hombro, disse com suavidade:

—Irmão Thomé, *pax Christi!*

Uma cobra, levantada de repente, não fazia dar ao andador das almas tamanho pulo, nem o obrigava a virar-se logo com tanto sobresalto. Aquella era a saudação usual da Companhia de Jesus; restava saber se quem a dava seria jesuita. Era! A pallidez do senhor Thomé não enganava. Tinha deante de si a fatal roupeta.

O jesuita inculcava setenta annos. Os seus cabellos raros, e brancos como a neve, ornavam-lhe a cabeça, que tinha a pureza e a poetica inspiração dos mais bellos typos do apostolado, como o pincel dos grandes mestres os concebeu. Alguma coisa curva, a estatura, apesar d'isso, parecia magestosa e elevada. Segundo se via, a edade, e mais ainda talvez os

trabalhos, carregando sobre ella inclinavam a fronte para o chão, como a arvore antiga que se vae quebrando a pouco e pouco até beijar a terra: mas nos momentos de ardor religioso, ou de vivo enthusiasmo, a fronte do jesuita sabia alliviar-se do pêso, e sacudindo os annos, era capaz de se levantar orgulhosa e firme, pondo no céu a vista, a esperança e o pensamento, e doirando-se de um resplendor particular.

As rugas cruzavam-se na testa, cujas entradas iam perder-se nas raras madeixas anneladas, acompanhando o rosto, cujas feições nobres eram sobre o comprido, cujas faces tinham a pallidez usual nos que, vivendo de mais a vida do espirito, trazem estampados no rosto os cuidados da intelligencia.

Ainda bellos, eram pequenos, mas expressivos os seus olhos. Meigos no repouso, e um pouco tocados da transparente doçura, que sabe afiar a vista ou enturval-a, para ferir ou esconder, podiam illuminar-se e reflectirem em chammas concentradas, ou em relampagos terriveis toda a eloquencia da paixão, da cólera e da amizade... N'estes momentos operava-se uma transfiguração completa: a physionomia remoçava-se, os signaes da edade apagavam-se, a cabeça pousava-se erecta, e os olhos diziam tanto, como os do mancebo novo e forte nos trabalhos.

Ninguem mais simples e affavel; os seus braços estavam sempre abertos: o sorriso dormia e acordava com elle; o coração, morto para

o rosto, e alma, sem espelho na vista, se gemiam ou se alegravam, era sempre longe do exame e da indiscreção dos homens. Aquella face passiva e risonha; aquella voz egual e sem paixão; aquelle olhar transparente e tão fundo que não deixava entrever um segredo, eram abysmos aonde perdia o estudo e a analyse o observador mais sagaz. Nunca o semblante humano foi uma mascara tão perfeita; nunca ninguem, antes ou depois, escravisou mais despoticamente o espirito e a materia!

Só uma coisa não podia occultar:—o genio! Poucos seriam tão humildes, e apesar d'isso, e talvez por isso, era tal a dignidade do seu porte, as maneiras respiravam tanta grandeza, d'aquella que vem de Deus; e mesmo serena e de proposito apagada, a sua vista raiava com tanto poder, que, sem o conhecer, quantos o viam inclinavam-se em espirito deante d'elle adivinhando um d'esses homens que são potencia da terra por ordem e lei da intelligencia, como os reis pelo direito do sangue e do nascimento.

Ao andador das almas succedeu assim. Apenas o encarou, e achou fitos nos seus os olhos do jesuita, dizendo tanto, e parecendo inertes, apenas sentiu aquelle sorriso fino descer-lhe á alma, e tocar-lh'a no mais intimo, pareceu-lhe que mão posta de leve pesava no su hombro como uma torre; e abysmado ficou sem accôrdo nem vontade.

Entretanto sua paternidade não lhe dizia mais do que isto:

—Filho, d'alli vi e ouvi tudo. Sabe que gostei do seu modo? Vossa mercê foi bem, foi optimamente. Quer dar-me uma palavra?

Porque o seguiu o senhor Thomé sem resistencia, mudo como um defuncto, e cambaleando como um ébrio?

Porque a Companhia de Jesus era aquelle padre. Impenetravel nos designios, suave nas falas, terrivel nas obras!

CAPITULO III

Um retrato no convento

No principio do seculo passado toda Lisboa corria ao mosteiro de Santa Clara, de religiosas seraphicas, attrahida pela sumptuosidade das funcções divinas, e pelo agrado seductor do locutorio.

Alli desciam as bellas devotas tão compadecidas, e brilhando com tanta graça; que o mundo desmaiava ao pé da sepultura, aonde os olhos das defunctas eram tão lindos e sabiam dizer tudo... segundo affirmam os poetas contemporaneos. A prisão dos corações do califa Harun-Al-Raschid não era nada ao pé do encanto dos maviosos sorrisos que os seduziam. E a verdade é que rescendem hoje ainda aos perfumes freiraticos aquelles sonetos e glosas em que os vates, accêsos na sacra chamma, refinavam a vida muito mais ideal que a ronceira existencia d'esta epocha de prosa e algarismos.

Estavam então em moda «os amores frei-

raticos» indigno termo applicado por legulejos mal-criados á casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros, não ousando profanar o objecto querido. Pelo menos assim explicavam os amadores estas embiocadas paixões tão melindrosas e sentimentaes. Se era isto só, ou alguma coisa mais, responda a consciencia d'elles; a nossa, queridos leitores, deve suppôr sempre o melhor.

Mas el-rei D. Pedro e os rabugentos ministros do seu conselho diziam das paixões seraphicas certas coisas, capazes de eriçar os cabellos a um cossaco do Volga! Como a raposa achava as uvas verdes, elles achavam immoral a pasmaceira no locutorio, e deitaram por fim um alvará contra os Narcisos, que levantou medonhos alaridos. O effeito da carrancuda lei, e era de esperar, foi salgar mais o gosto ao peccado (se peccado havia) com a desobediencia publica. A ala dos freiraticos ficou firme, jurando exterminar os meirinhos e alcaides até á quinta geração.

Assim a ferocidade theologica de sua magestade serviu apenas para empoar de pasquins e satyras os devotos cabelleiras do conselho. Clero, nobreza e povo riram-se da justiça; e as freiras, teimosas e queixosas, continuaram a vir chorar á grade *com os parentes* a tyrannia da lei, zombando das penas do fanatico decalogo.

E como não havia de succeder assim? Eram tão delicados os seios que o burel castigava,

e tão gentis as faces que a toalha ciosa amortalhava! Não seria crueldade grande obrigar as bellas captivas, tão cedo enterradas em vida, a romperem de todo com o seculo? Porquê, e para que? Se bem serviam a Deus, faziam mal, acaso, as innocentes olhando por distracção duas horas para o mundo? E' certo que nem ellas fugiam, nem os homens deixavam as portas do paraizo, aonde moravam anjos tão meigos, e amigos da terra. Reinava alli em toda a força o verso de Goethe:

Amor, és immortal! sorris nas campas!

As memorias do tempo vem cheias d'estas paixões, flôres sem fructo, todas gelo por fóra como a sepultura em que se crearam; mas por dentro ainda quentes do incendio que as abrazou. Seculo singular, em que as dôres excruciantes do amor se consolavam com a severidade; em que a espiritualidade do affecto imperava sobre os sentidos!... A poesia, escrava dos impossiveis sentimentaes, procurava as trevas, cantando em um limbo, d'onde a esperança nunca descobria o ceu, por mais que subisse, aonde os anjos não podiam trazer a redempção, por mais que descessem!

E apesar d'isto eram felizes, ou julgavam sêl-o. Pudesse falar a sombra de D. João V, do rei freiratico por excellencia, que ella o diria.

Quando o Salomão portuguez buscava o de-

voto asylo do mosteiro de Odivellas, a magía da Solidão era grande. D'estas viagens ao ceu, como rei discreto, D. João V guardou segredo; e dos contos que o povo fez e do mais que então se disse, Deus sabe só a verdade!

No anno de 1706, todos ao cahir da tarde, bellos ranchos de fidalgos, mais ou menos numerosos, sahiam pelo postigo do arcebispo, e de galope vinham desfilar ao adro de Santa Clara. Á mesma hora, tambem, as gelozias do mosteiro deixavam entrever as lindas captivas, que não se cansavam de applaudir o garbo e destreza dos cavalleiros.

Até á noite recebiam-se as visitas no locutorio; depois de escurecer vinha tudo para o adro illuminado, o theatro d'esta côrte primorosa. O mote cruzava-se com a glosa; as palmas do repentista com a estrepitosa ovação do seu antecessor. A serenata interrompia o madrigal, e o solau, acompanhado á viola, suffocava o pomposo elogio de ignorada deidade.

O soneto, o poema-rei d'estas palestras de Apollo, ou sem sabor, ou sibilino, coxeava atraz do conceito obrigado; e as freiras de cima, e os cavalheiros de baixo ligavam aquelles alambicados trocadilhos, favos de mel libados no famoso livro dos *Crystaes d'Alma*.

Nada egualava as delicias d'estes serões ao divino, em que a reclusa, pondo a vózinha em ponto, lembrava o acrostico, esse terrivel «capo lavoro» do outeiro, cujo enigma, ajustado e decorado entre a musa e o vate,

cantava as finezas de um novo Petrarcha aos ouvidos nada crueis da segunda Laura.

Choviam então em manná de abundancia os papeliços de pastilhas e os gulosos fartes com o sabido sobrescripto de equivocos, agudezas galantes, e zelos refinados. De ordinario a despeza poetica do outeiro era feita pela imaginação alugada de famintos elpinos, que vestiam de suas pennas as gralhas loquazes a preço de uma casaca, ou de um jantar.

Na tarde do mesmo dia, em que nascia o sol tão aziago para o convento de S. Domingos, as noviças e educandas do opulento mosteiro, assentadas em estrado baixo nas deleitosas varandas que circumdavam os jardins do claustro, sonhavam com a hora de deixar a costura pelo passeio da tarde. Umas defronte das outras, estas lavravam, ou cosiam finissimas cambraias; aquellas bordavam de branco, ou de matiz; e algumas faziam as rendas á franceza, eterna desesperação dos bilros contemporaneos.

Da sua poltrona de pau santo, com assento de moscovia e espaldar esguio, cravejado de pregos amarellos, a soror regente espreitava por cima do livro, e por debaixo dos oculos a inquieta phalange confiada á sua vigilancia. E apesar do *scio!* sacramental da veneravel madre, e em desprêzo da sua auctoridade, o murmurio chilreado de risitos e de vozes não parava. A conspiração tramava-se mesmo em face do poder despotico, tão severo em reger aquelle povo feminino.

Das duas meninas, assentadas ao lado opposto da regente, uma trajava o habito e o véu branco das noviças, e a outra vestia á secular com elegante simplicidade. A janella regral, abrindo sobre a varanda, estava no meio d'ellas, e por isso, ou combinando os bordados, ou falando entre si, espaireciam a vista pelo ceu e pelas flôres, cochichando n'aquella voz timida e suave, que faz o deleite das confidencias intimas de duas formosas amigas.

A secular teria dezeseis annos, quando muito, e era Cecilia, a filha de Philippe da Gama, de quem o senhor frei João falára ao seu antigo amigo.

A noviça chamava-se D. Catharina de Athaide, e pertencia a uma familia pobre, mas illustre. Perdendo sua mãe em tenra edade entrou para o convento de nove annos; esperava pelo tempo de pronunciar os votos.

Cecilia era um tanto baixa. Tinha aquella estatura que de mimosa e delicada parece fragil nas donzellas; accrescentando um attractivo mais á mulher feita, quando a symetria das proporções realça a graça.

A flexibilidade do corpo, cedendo com natural desleixo ás mais caprichosas ondulações, revestia-lhe de infinita gentileza os menores gestos.

O rosto não tinha a pureza séria e quasi sempre fria do typo classico; era animado da expressão meridional, menos correcta e mais ideal, cuja mobilidade reflecte a alma, e traduz a vida em toda a opulencia juvenil.

Sem ser da alvura deslavada e marmorea das ruivas, a tezera branca, córando-se a miudo das rosas transparentes, que a menor commoção accende na physionomia portugueza.

As posições da cabeça com o requebro da voluptuosidade casta exprimiam sempre alguma coisa na graça e abandono quasi infantil, em que se esqueciam.

Pequena e engraçada, a bôcca não se descompunha com o riso solto, que tanto desfórma a formosura; mas abria-se como a flôr abre o botão; e se de alguma coisa podia ser accusada era do seu excessivo recato em esconder de mais os dentes admiraveis na pureza do esmalte.

Sobre o collo, pousado em toda a elegancia grega, verdadeiro collo de garça dos poetas, brincavam em spiras luxuriantes os cabellos castanhos cendrados. Uma fita, posta em *bandó*, retinha as tranças, que, depois de emmoldurar o rosto, espreguiçavam os anneis perfumados pelo mantinho de sêda preto, que tanto fazia sobresahir o mimo e alvura da pelle.

Os cabellos assedados, que soltos arrastavam pelo chão, apanhados na corôa de uma cabeça do mais perfeito modelo, parecia que os sustinha apenas a rosa branca, seu unico enfeite.

Vendo-se o pé estreito e arqueado dir-se-hia que só velludos e alcatifas pizaria sem se molestar, tão breve e subtil pousava no chão. As mãos, na brancura transparente azulada de veias finissimas e esfumadas, mostravam o melindre aristocratico, que é a sua belleza. Os

dedos, de um côr de rosa tibio, afilavam-se nas pontas com o geito provocador que faz julgar a vida paga, sentindo-os castos e trementes entre outros dedos extremosos.

Mas o prestigio da vista dava-lhe irresistivel enlevo.

Eram negros os olhos, não d'aquelle preto escuro e firme, que diz imperio; mas do outro preto, tambem fechado como a noite, mas raro ainda, que fuzila reflexos azulados, inflammando-se nas pupillas; e estas debaixo das sobrancelhas, desenhadas com extrema correcção sobre arcadas de uma curva ideal, assetinavam-se banhando a vista em tão crystallino brilho, e humidas de suave fluido vinham sobresaltar a alma com tanto encanto, que o coração vencido nunca mais se libertava do seu poder.

Era fascinadora e invencivel a sensação electrica de taes olhos! E quer os seus raios, avelludados pela sombra das palpebras, temperassem a intensidade da luz, quer na sua magnetica transparencia se ateasse o fogo da paixão, é certo que dizia tanta coisa rara a ternura d'elles, é provavel que fosse tão deslumbrante a explosão da sua ira, que depois de vistos uma vez ficavam para sempre a arder na alma.

Nenhuma phrase póde exprimir a celeste melancolia que tomavam, quando, meio adormecidos, se levantavam para o ceu, parecendo subir em um raio de sol, e perderem-se com elle no infinito.

A graça e a seducção fascinadora de taes

olhos, mais arabes que peninsulares, mais de israelita que de circassiana, sem as covinhas arredondadas aos cantos da espirituosa bôcca, sem a animação d'aquellas feições portuguezas, faria suppôr que o berço de Cecilia fôra um rosal de Bagdad, ou, mais exacto, algum oásis da Palestina.

O justilho, com guarnições de telilha, modelando o seio virginal, apertava sobre a esbelta cintura, deixando adivinhar elegantes fórmas, que a edade promettia arredondar. Se no corpo, como disse, predominava o mimo delicado e um pouco fragil da flôr, a perfeição de alguns contornos revelava já em muitas coisas a mulher, cuja belleza, rica de seiva, é tenra e melindrosa ainda. Olhando para Cecilia via-se que o rosto, em acordando as paixões, havia de agitar-se; que o sangue impetuoso seria prompto em subir ao coração; e que a vista, agora serena, se volvesse irada, poderia fuzilar todas as tempestadas em um instante.

D. Catharina de Athaide era formosa tambem, porém de uma belleza mais severa. Muito regulares, as suas feições tinham uma seriedade que infundia respeito.

No rosto, pallido sempre, pouco se reflectia da alma; a tranquillidade era a sua expressão ordinaria. A luz dos olhos, em que brilhava o fino azul da saphira, parecia um tanto frouxa, temperada pela quietação reflexiva a que os acostumára, para nunca denunciarem os segredos mais intimos.

A estatura não excedia a usual, mas o ar de nobreza um pouco perpendicular fazia-a suppôr uma ou duas linhas mais alta. Bonitas mãos, apesar de magras, e uma côr de pelle tirante á alvura fria das louras, completavam a physionomia da noviça, physionomia séria, grave, pouco expansiva, e por isso mesmo inculcando um caracter capaz de nutrir profundos affectos, e de morrer d'elles, sendo infeliz, sem se humilhar com o menor queixume.

A opposição entre o genio sensivel e buliçoso de Cecilia, e a terna e concentrada amizade de Catharina, fôra sem duvida a verdadeira causa da intimidade que as unia.

D. Catharina de Athaide podia ter mais dois annos do que a sua amiga, mas a experiencia quasi sempre se adeanta á edade em caracteres assim. Costumada a conter-se e a observar, não cedia nunca ás sensações repentinas, desconfiando muito de si, e um pouco tambem dos outros. A honrada pobreza da sua casa, desattendida pela ingratidão real, servia-lhe de estimulo para redobrar o resguardo do seu tracto.

Se vivesse em opulencia, a bondade do coração inclinal-a-ia á convivencia familiar das outras meninas; mas com a sua estreiteza de meios entendeu que devia ser cortez e agradavel, sim, mas sem esquecer o sangue d'onde procedia, nem permittir aos outros que o esquecessem.

Cecilia era a unica excepção no invariavel

systema de D. Catharina. A' educanda soffria e perdoava tudo.

Com a impetuosidade de genio natural na filha de Philippe da Gama, esta ria e chorava sem motivo, e quasi sem provocação; e momentos depois, passando da altivez á humildade, e do desdem á compaixão, não sabia nem desculpar as lagrimas, nem justificar o riso.

Como ás vezes acontece, enganar-se-ia com ella quem tomasse a exagerada sensibilidade por fraqueza de vontade. Debaixo de apparencias enganosas, encobria grande firmeza de animo. Um pouco travessa, maliciosa até, e viva como fogo, Cecilia, o idolo do convento, merecia que todos a adorassem.

Julgando seu pae morto na India, amava a mãe com um extremo arrebatado, e o commendador com affeição quasi filial. Este da sua parte idolatrava a «menina bonita», e não podia passar um mez que a não visse. Com sua irmã Thereza, Cecilia mostrava-se mais sêcca e reservada, o que procedia do ar de auctoridade da mais velha em muitos casos.

No fim de tudo a educanda tinha um coração de ouro, ainda verde nas illusões da mocidade, ainda virgem nos infinitos thesouros de abnegação e sensibilidade que o enriqueciam.

Mas aquelle a quem chegasse a amar com verdadeira ternura, por ditoso devia reputar-se.

Depois do retrato que acabamos de fazer, a

um «sim» de labios aonde sorria o amor com tanta graça, a uma promessa de olhos tão eloquentes na paixão, só Deus podia pôr o preço, se é que ha preço que os pague.

CAPITULO IV

O habito não faz o monge, mas o veu não faz a freira!

Como dissemos, as duas amigas estavam assentadas na casa do lavor. Cecilia, bordando uma escarpa com a sua actividade febril; Catharina, matizando um panno de frontal com o costumado socego

A educanda, com a barba entre os dedos, jogava de vez em quando um sorriso travesso á sua companheira; e, apesar da provocação directa, esta não levantava os olhos, mas sorria-se.

Ambas pareciam cansadas de falar do que tinham longe do coração, sem se atreverem a tocar no que sentiam occultamente.

Por fim a impaciente Cecilia deixou escorregar o bordado, e, atirando a agulha com enfado, inclinou-se para a sua amiga. Esperou assim que uma palavra lhe désse a nota do dialogo; porém debalde: D. Catharina não dizia nada; e a pobre Cecilia, affrontada com

o silencio, e exhalando um grande suspiro, resolveu-se a romper o tiroteio.

—Que dia aborrecido, Catharina!—exclamou com impeto.—Ai, menina, muito feliz és!

—Sou, bem vês—replicou a noviça com o mais duvidoso sorriso.

—Olha, minha Consolação—continuou Cecilia, dando-lhe este nome, segundo o costume das amigas nos collegios—não sabes o que eu podia dizer dá tua resposta se fosse má?

—Dize, minha Alegria?—observou Catharina com summa tranquillidade.

—Tenho medo d'esse teu ar. Depois, se eu falasse, affligias-te.

— Não, minha joia, não me afflijo comtigo.

—O calado sempre é o melhor.

—Pois eu digo-te o que pensas, já que tu não queres. Achas que vivo muito triste para ser feliz! Pois enganas-te, meu amor; sempre fui séria. Cuidas que choro com saudades do mundo, e que não me separo d'elle sem pena? O coração chora, sim, porque é de carne; mas o espirito está contente. Não se serve a Deus sem sacrificio, nem ha merecimento em o servir. Disse-te que era feliz, e sou; não tenho eu tudo o que desejo?

—Não, Catharina; leio-te por dentro. Basta de brinco!

—Sabes que sou pouco amiga de rir. Falei serio.

—Serio? Dize-me, dissimulada, dás-me no-

ticia de certo retrato, que vi de relance uma vez?

—Que retrato?... Tens lembranças!

E a bella noviça, vermelha e assustada, levou as mãos ao seio com gesto de sumir alguma coisa. Cecilia olhava para ella sorrindo-se, e este olhar malicioso augmentava mais a confusão da sua amiga.

—Não te assustes, menina—disse a educanda.—Não é coisa do outro mundo. Falava d'aquelle retrato que disseste que se perdeu. Ora se não me engano, achado está, e bem perto do teu coração.

—Percebo—acudiu Catharina gracejando. —Falas do retrato de meu pae.

—De teu pae? Fazia-lhe tres edades mais. Sabes com quem se parece a figura?

—Não. Alguma ideia tua!

—Com certo official, que por horas de sésta todos os dias vejo parado na rua, defronte da tua janella, d'onde não tira os olhos...

—Pelo amor de Deus, Cecilia!

—Jesus, que medos! E por tão pouco ficas branca? Então que tem, menina? Se vi um homem olhar da rua, não hei de morrer mais cêdo por isso, creio.

—Mas é que são tudo supposições tuas. Esse retrato... digo esse moço não tem nada que se esconda. E'... ha de ser meu irmão.

—Ora vejam! Tens dois irmãos, e nunca me falaste senão de um? Estavas mal com este?

Era tão penetrante a ironia de Cecilia na

sua falsa innocencia, que duas lagrimas saltaram dos olhos da noviça, desenrolando-se vagarosas pelas faces.

A azougada menina; cuja travessura as fazia correr, estava morta por desatar a rir; mas em presença d'aquella dôr, deitou-se-lhe nos braços, e abraçando-a e beijando-a com ex tremosa effusão, exclamou:

—Perdôa, Catharina! Foi mal feito. Não merecias... Mas tambem porque te encobres da tua amiga?... Cuidas que não sei guardar segredos?

—Não, minha joia. Sei que tens juizo, mas não usas d'elle sempre.

—Obrigada! Estou absolvida? E's minha amiga?

—Sou. Mas não tornes. Affligiste-me, meu amor.

E sorrindo com bondade por entre as lagrimas mal enxutas, D. Catharina deu-lhe um beijo com infinita amizade.

—Não ha remedio!—proseguiu depois.—; Confessar-me-hei a este padre tão curioso vejamos! O que se ha de dizer, menina?

—Quero saber tudo.

E o dedo de Cecilia, erguido, ameaçava a penitente.

—Promette segredo?

—Juro. E tu, a mim, promettes?

—Tão nova, e já com segredos, Cecilia?

—E porque não? Talvez maiores do que julgas... A gente agora cresce depressa. Olha, amor, sei muitas coisas, e adivinho ou-

tras: uma d'ellas, por exemplo, é esta: tu amas! Quero principiar a confissão pelo primeiro mandamento.

—Amo!—murmurou a noviça, tremula de voz, e quasi ao ouvido da sua amiga.—Amo sem esperança, sem mais esperança que a de não chegar a vêr o fim do meu engano, se é engano, da minha illusão, se me illudo. Bem vês que triste amor?

—E não juras em vão? Crês e amas como em ti?

—Firmemente! Mas para quê?

—Não professaste; és livre, pódes dar-lhe a mão...

—Ai, Cecilia, não! O habito é mortalha. Devo a meu pae este sacrificio. No mundo não ha logar para mim senão na cella do convento... Dos bens, que tivemos, ha só em nosssa casa a gloria de um nome que ha de acabar como principiou, honrado e puro. Uma filha dos Athaides não entra em casa de ninguem mendigando; e não podendo ser esposa, serei esposa de Christo... E' como se faz na minha familia.

—Pois tanta belleza, e levando-lhe um coração assim, não lhe levas dote que não tem preço?

—Achas? Talvez elle dissesse o mesmo, porque o amor cega-nos. Mas depois?... Não! Ficarei sepultada aqui.

—Então porque o vês ainda, porque não o desenganas?

D. Catharina olhou fita para Cecilia; e pe-

gando-lhe na mão com força, disse n'aquelle tom suffocado, que ás vezes é mais vehemente que a voz mais alta:

—Porque a paixão que lhe tenho póde mais que o dever. No dia em que o perdesse estalava-me o coração no peito. Tenho medo de mim, tenho medo d'elle, n'esse dia, vês?! Deus te livre, pela sua graça, de um amor como este; é a alma e a fé, é a salvação, ou a morte de uma vida inteira. Não o desengano, porque me desejo ainda enganar a mim. Sou uma fraca mulher, e faz-me horror a morte, sobre tudo a morte lenta e inconsolavel que me espera. Quero exgotar esta illusão suave. Como acordarei eu d'ella, meu Deus!?... Entendes agora porque me calo, devendo falar? porque não lhe digo que morro, que morri para o mundo, e para elle, e vivo só em cada dia os poucos momentos que o vejo.

Ella chorava dizendo isto, e Cecilia unia as suas lgrimas ao pranto, que a desesperação espremia dos olhos da noviça.

Cingindo-a com os braços e cobrindo-a de carinhos, a pobre menina exclamou com enthusiasmo ao mesmo tempo:

—Minha amiga, minha irman, hei de salvar-te; se eu lhe disser, elle tambem ha de...

—Elle! quem?—interrompeu Catharina com terror.—Cecilia, será certa mais essa desgraça? Amas? Dize! aonde o viste, quando, como? Olha bem, põe a vista em mim!

Cecilia ouvia-a, sorrindo-se com tristeza.

Pouco a pouco os olhos accenderam-se, a

vista fuzilou, e bella como um anjo que se eleva acima das miserias humanas, envolta na aureola radiosa da sua innocencia, disse exaltada e convencida:

—Olha, Catharina, se foi bem, se mal, não sei; o que digo só é que o sinto ao pé de mim em tudo o que vejo e penso. Ainda não chegou, e já me está falando, já olha para mim e me chama: a alma está encantada com a sua imagem, o espirito vive com o d'elle na ausencia. Dia e noite repete-me o coração com jubilo duas palavras, que são o seu nome, e o meu amor. Por este homem, Catharina, deixava-te sem pesar, eu que te adoro... Minha mãe, que me extendesse os braços, via-me fugir até do céu para o seguir!... Não chores, amor, perdôa! Vês? Elle póde mais do que eu! Não padeces tu? não soffres tanto ainda! Quando duas almas chegam a unir-se assim, dize, não se apagam em minutos e em um sorriso todas as lagrimas de muitos annos?

—Cala-te! Essa vida a esperança promette-a, mas não a dá o mundo, não se vive senão no céu.

—E tambem na terra. Ama e crê como eu, e verás...

—Oxalá! Mas, Cecilia—accrescentou Catharina com affectuosa tristeza—és tão nova, tão sincera! Esse coração engana-se, confia demais... Toma sentido! meu amor, acautela-te, não tens irmão para te vingar.

—Bem sei, Catharina. Sou orphã, mas o nome de meu pae é obrigação, e na falta

d'outrem eu o defenderei até de mim. Não tenho irmão, mas tenho animo e vontade: e para não precisar de vingança basta que me respeite. Eu mesma servirei de irmão e de pae ao meu amor; e Deus, que lê na alma, sabe se prometto com fé, e se creio com fervor...

E por um gesto sublime, Cecilia, reflectindo nos olhos a exquisita sensibilidade do coração, ajoelhou lentamente aos pés de Catharina, levantando a mão, como quem pronuncia um voto irrevogavel.

A noviça olhou para ella. Conhecia-a muito para duvidar da abnegação das suas palavras. Sabia que esta paixão, embora fosse um mal, já era um mal irremediavel. Por experiencia sabia mais, que no primeiro amor, quando se adora assim, o amor é a vida, e só com ella expira. Foi, portanto, para sondar a chaga, e sem esperar remedio, que perguntou com melancolia:

—Dir-me-has como se chama?

—O nome que todos lhe dão, não sei. De mim quer só aquelle nome tão doce, que diz a bôcca da irman e da esposa. Chama-se João.

—E' fidalgo?

—Não sei; mas todos me parecem pequenos ao pé d'elle.

—E' nobre?

—Se eu o amo!

—E' rico?

—Não te disse que o adoro?

—E se fosse pobre?

—Era o mesmo.

—Se fosse mechanico?

—Amava-o!...

—Se te levasse longe dos teus e de mim?

—Amava-o!... com amor de filha, de irman, e de amiga, com todo o amor que nos dá o céu, e o coração encerra.

—E enganando-te não o aborrecias?

—Não!

—E preferindo outra não o odiavas?

—Não!

—E se elle não pudesse, ou não quizesse senão amar, acceitavas?

—Morria, mas não aceitava!—murmurou Cecilia sem hesitar.

—Mesmo um amor sem nome, digâmos tudo mesmo um amor sem esposo?

—Morria. Tudo menos arrancar a alma do corpo, menos arrancar d'aqui a sua imagem.

—Então, Cecilia—exclamou Catharina, soluçando e com as mãos erguidas—então, boa ou má, eis a tua sorte. E' o primeiro e ultimo amor. Colheram-te, pobre coração! A tua alma, e eu conheço-a, está aos pés d'esse homem, vencida, escrava, para elle a perder, ou a salvar! E's já mulher. Não procures as illusões da meninice, porque não tornam. Se o teu senhor mandar, o coração até do céu havia de baixar á sua voz, como a ave ferida cáe na terra para morrer.

—E que importa, se elle amar, se fôr feliz?

—Deus o permitta. Possam amar-te, querido anjo, como deves ser amada. E' a hora do passeio. Vamos ao jardim; lá saberei tudo.

E dando o braço a Cecilia, a noviça desceu adeante de todas para o sitio que desejava. Com effeito apenas o sino bateu a hora suspirada, as agulhas no ar não deram mais ponto, e os bastidores desertos não viram mais fio. Em toda a casa operou-se uma verdadeira mutação de theatro.

Aquelle bando de pombinhas, doidejando e correndo em tropel, rindo, falando alto, e a saltar os degraus, foi precipitar-se na cerca, sem esperar por ninguem, nem olhar para traz.

A regente metteu os oculos entre a folha do livro ascetico que estava lendo, e coxeando de sciatica sahiu logo para acompanhar o enxame, já dividido em ranchos, que vagueava pelas areadas ruas do jardim; estas regando a roseira ou o alecrim predilecto, aquellas esmigalhando pão aos peixes do tanque, e as mais novas provocando com travessuras a paciencia das devotas e edosas matronas, vigias incansaveis das suas recreações.

Entretanto debaixo de um caramanchão retirado, Cecilia e Catharina, de mãos dadas, conversavam com viveza e recatadas.

CAPITULO V

Petrus in cunctis est Petrus in vinculis

A passo cheio, mas não precipitado, o jesuita adeante, e o andador das almas atraz, chegaram ambos ao arco das portas de Santo Antão.

O primeiro risonho e sereno, o segundo cada vez mais prêso de terror.

Amanhecêra o dia limpo e claro; o ar estava sêcco e frio; e nas ruas o silencio era completo. As portas e janellas fechadas davam testemunho do recolhimento dos visinhos.

O jesuita parou debaixo do arco, e de leve, muito de leve, pousou de novo a mão no hombro do honrado Thomé. Se visse desabar a abobada não se encolhia tanto o milagreiro tremulo.

A voz do padre acompanhou o gesto; era uma voz limpida e vibrante, quasi tão suave como o timbre da voz feminina; mas apesar da melodia tinha um timbre que penetrava mais do que a rudeza de certas falas asperas.

Certo geito estrangeiro na accentuação das vogaes dava cunho particular ás menores phrases.

Algumas vezes a sua vista parecia desbotada, armando-se de felina doçura; e então fazia esfriar as pessoas para quem olhava. O sorriso impenetravel e acerado de ironia cortava como o fio de um stilete.

N'estas occasiões a amabilidade do padre mettia medo.

Em geral o semblante do jesuita era espirituoso e reflexivo; a vista profunda, d'essas que medem n'um relance e vêem tudo; e a bôcca, séria ou risonha, nunca descobria o pensamento.

As feições bem accusadas, a testa alta, e o nariz aquilino e bem formado, cahindo com graça, retratavam na mais pura expressão o typo das physionomias italianas, cuja finura engana facilmente os observadores pouco affeitos a interpretal-os. A edade, rareando os cabellos, coroava de cans e de magestade uma figura aonde o dedo de Deus imprimia o sello indelevel do genio e da grandeza.

A sorrir, e a cada momento mais meigo nas palavras, o reverendo padre rompeu as hostilidades, deixando cahir amigavel, mas um pouco mais pesada, a mão no hombro da sua victima, como dissemos.

—Segundo lhe disse, filho, gostei de o ouvir, e gostei muito. O seu zelo pela religião e o grande temor de Deus é louvavel. Depois mostra ser bom catholico, porque ama e res-

peita a santa inquisição. Falou bem, falou optimamente. Convenceu-me!

Este elogio amargava como absintho ao honrado andador. Extatico, e com os olhos de sentinella ao sorriso do padre, Thomé afiava os ouvidos, penando a fogo lento.

O jesuita observava, sorria-se por dentro e por fóra, e fingia-se desentendido.

—Não responde? agora noto. Vossa mercê não está bom; tem alguma coisa?

—Estou melhor!

O devoto não teve fôlego para mais. Desejaria accrescentar: «Tão bom te visses tu, desalmado hypocrita!» mas faltou-lhe o animo.

—Está melhor? ainda bem. Não nos adoeça. Sabe do que procede provavelmente? Do seu calor a bem da religião. A carne não póde com o espirito... E eu, filho, receio que venha ainda a fazer-lhe muito mal o seu espirito... Ora pois! Repito, que gostei de o ouvir; o padre frei João é que me pareceu tibio; desconheci-o! Esperte-o. Olhe, senhor Thomé, tenho scismado. O seu conselho de curar a heresia a ferro e fogo, digo-lhe que o acho menos mau! Com pequenas correcções na fórma, estou em que será util e agradavel a Deus e á egreja.

—Misericordia! *Peccavi*, reverendo padre, *peccavi*!

—Quem não pecca, filho? Como ia dizendo, acho-lhe razão; as obras de misericordia mandam castigar os que erram. Disse muito bem. Vossa mercê tem genio e habilidade... para casos de consciencia. Tirei informações a seu

respeito e satisfizeram-me. Não havemos de consentir que a luz d'um entendimento claro se esconda em tanta humildade. Não deseja figurar? Pois sim! E' louvavel; mas todos hão de conhecêl-o ao menos! As nossas missões da America querem homens zelosos da cura das almas e do serviço de Christo.

—Valha-me Deus! Errei contra a Companhia; mas vossa paternidade acuda-me pelas chagas de Salvador! Não me deite a perder.

—Socegue. Se lhe digo que estimo a sua habilidade! E que vossa mercê tem muita, é innegavel. Ora, falou da Companhia de Jesus. A esse ponto ia eu agora. Ainda assim! Teve caridade comnosco. Castigando o corpo, lembrou-se da alma. Foi o que gostei mais de lhe ouvir. Parecia inspirado! O embusteiro, o hypocrita, pondo a nossa capa, nem por isso é mais jesuita que o moiro ou o idolatra; porque no coração escarneceu de Deus e da Companhia; e entre a salvação de um e a salvação de todos, optar pelo maior interesse foi sempre a doutrina do instituto.

—Milagrosa Virgem do Cabo, valei-me!— murmurou o irmão das almas, cujo pavor crescia em proporção da sinistra amabilidade.

—Invocando a Mãe de Deus, boa fonte procura! Tornando á Companhia. Dizia eu que o seu conselho era bom; e reflectindo, accrescento que o acho optimo. E' preciso um exemplo, e vamos dal-o. E' da cidade de Evora?

—Lá nasci e me criaram.

—Muito bem. Então está no caso de nos ajudar a servir a Deus. Sendo de Evora, conheceu por força um tal Onofre Crespo, algum tempo familiar do padre Simões. Havia de conhecer! E' da sua edade, trinta annos, pouco mais ou-menos.

O senhor Thomé, ouvindo a citação, sentiu fugir o lume dos olhos. Tres vezes apalpou o chão com os pés para experimentar as pernas em uma boa corrida, e outras tantas consultou o rosto do jesuita com os olhos anciosos. Inutilmente! A eterna affabilidade do padre desarmava toda a penetração.

A pergunta era naturalissima; e não assustaria o milagreiro, se não reflectisse que os jesuitas, por desgraça, sabiam quanto queriam. A intensidade do medo, e a violencia do ataque, restituiram-lhe a clareza do entendimento.

Apenas percebeu por onde vinha o assalto armou-se de prudencia e de simplicidade. O padre advertiu a mudança e sorriu-se de novo. Applaudia-se talvez de encontrar o adversario mais forte do que suppunha.

—Que figura tem esse Onofre Crespo, meu padre?—perguntou o devoto com a possivel serenidade, depois de poucos instantes de pausa.—Por força ha signaes. Vossa paternidade de certo os mandou tirar. Está averiguada a historia do crime? Com esse apontamento talvez pudesse lembrar-me. Ainda que sahi tão novo da cidade, que me recordo pouco.

Vossa mercê tinha vinte annos, quando mudou de terra, segundo me disseram. Foi por esse tempo.

—Esteja vossa paternidade certo. Farei tudo pelo interesse da santa religião.

Como bom tactico o senhor Thomé cobria a retirada por uma demonstração sobre a frente do inimigo. «Sendo commigo—dizia para si — o jesuita descalça-se e apanho-o. Sendo com outro, denuncio-o, do céu lhe venha o remedio; e se não o conheço, ambos estamos salvos. Em todo o caso a caridade começa por nós.

Mais animado, o andador armou-se de não vulgar e dissimulada impudencia. O jesuita com um risinho falso estava-o lendo por dentro. Era evidente que o padre assistia em espirito a esta comedia.

—Fala com juizo—respondeu sua paternidade com socego—nem menos esperava do seu zelo. Quer ouvir os crimes do hypocrita e conhecer a arvore pelo fructo? Felizmente temos aqui as cópias. A Companhia sabe que os seus inimigos não descansam, e conta com elles. Ora leia.

E mettendo a mão no seio tirou um masso grosso, e entregou-o ao senhor Thomé, sempre com o riso na bôcca; ao mesmo tempo disse:

—Sabe lêr, e com seu principios de grammatica? Sei aonde estudou, e quem foram seus mestres.

—Gosto pouco d'isto—rosnava o devoto en-

tre dentes.—Este padre sabe de mim pelo menos a metade do que eu sei, e queira Deus que não saiba tudo. Em fim, ha de correr como uma lebre o que me apanhar.

E abriu o masso com algum tremor. Em quanto lia, arripiando as sobrancelhas, a vista escrutadora do padre não perdia o menor dos seus movimentos; era um exame de consciencia feito *in anima vili* segundo o methodo jesuitico.

Em substancia resavam os papeis das proezas de um Roberto Macario, verdadeiro cavalheiro de industria ao divino e famoso mestre na consummada arte de enganar o proximo.

Onofre Crespo, natural de Evora, e filho de paes incognitos, fôra recolhido por caridade em casa de uma beata viuva, chamada Perpetua da Dores.

Antes de ser conhecida por hypocrita, a beata era confessada do padre Simões, lente de theologia no collegio dos jesuitas, e engommava roupa para aquella piedosa casa.

Quando Onofre tinha doze annos entrou nas classes do collegio, e estudou latim, logica e rhetorica. Aos dezoito principiou a ouvir theologia e a ajudar á missa ao seu mestre e protector, o padre Simões.

Parecia o exemplar do perfeito devoto. Ninguem falava menos, nem rezava tanto, conservando-se de joelhos e braços erguidos.

Vejamos como se aperfeiçoaram estas prendas.

O padre Simões costumava distrahir-se depois de jantar com um passeio pela cidade, levando em sua companhia o senhor Onofre Crespo. Uma tarde entrou com elle na loja de certo ourives, seu amigo, homem rico e honrado, e pôz-se a apreçar alguns trastes de prata lavrada até o valor de cem moedas, tudo objectos diversos. Era uma encommenda, e querendo servir regateou, sahindo por fim muito suado, e sem concluir o ajuste, porque desejava saber a vontade do comprador. Fazia vento quando voltaram para o collegio; o padre constipou-se e ficou surdo do defluxo.

Tres dias depois, justamente no dia em que fazia vinte annos, o virtuoso Onofre appareceu de manhã na loja para levar a prata, dizendo ao ourives que fosse com elle se queria receber o dinheiro. Ainda era cêdo quando entraram na egreja, e o padre Simões estava confessando a senhora Perpetua. «Espere um instantinho — disse o devoto ao ourives — eu aviso o padre mestre.»

Com effeito chegou-se, e em quanto a penitente começa em jaculatorias espirituaes que atroam a egreja, o senhor Onofre abaixa-se, e chegado ao jesuita profere algumas palavras, que o ourives não percebeu, graças ás exclamações da beata; mas que não o inquietaram em virtude da resposta do padre, dada muito alto, como é costume dos surdos. Virando-se o confessor, disse-lhe: «Pois sim. Com muito gosto, é um instantinho em quanto avio esta devota, e já lhe falo.» Depois repa-

rando no cesto que o senhor Onofre trazia na mão, accrescentou: «Leve-me isso para o meu quarto, e com cuidado.»

O nosso Onofre não esperou por segunda ordem; rodou sobre os calcanhares, e sahiu immediatamente da egreja, fazendo a sua cortezia aos santos com espremida compuncção.

Quando a beata se levantou, o padre Simões, chamando o credor, assoou-se, saudou-o com a mão e disse-lhe:—Ajoelhe e diga o acto de contricção.—Vossa paternidade perdoará, mas não venho confessar-me.—Essa é boa! pois não quer que eu o ouça?—Sim, senhor, mas não é de confissão: vim para receber as ordens do padre mestre.—Quaes ordens?—Aquella continha que sabe.—Não percebo! Vossa mercê está em seu juizo?—E por signal ainda em jejum; vossa paternidade é que parece distrahido. Falo da prata...—Ah! pois não! Desculpe! esta cabeça! E' negocio feito. Appareça por cá ámanhã cêdo, para o acabarmos. Não quer mais nada?—Beijo as mãos de vossa paternidade.—Não se esqueça. Traga a conta e o recibo.—Vem tudo, padre mestre.

N'aquelle dia faltou ao jesuita o seu andarilho Onofre; mas não lhe deu cuidado; tinha pedido licença para ir a uma romaria, a seis legoas de distancia da cidade, e julgou-o de viagem. Na manhã seguinte davam nove horas, e entrava o ourives pela cella do padre mestre com a saudação usual:—Deus seja n'esta casa!—E o ajude a vossa mercê!—

respondeu o religioso, chegando-lhe um moxo para defronte do massiço contador de pau santo torneado. — Aqui está agora a relação da prata, e o preço das peças marcado á margem. — Dê cá. Assim é que eu gosto. Contas claras. — Agora se vossa paternidade quer, vamos conferir o dinheiro. — Se o acha certo, para que é isso? E a prata? — Veiu a que o padre mestre mandou. — Pois sim; mas que é d'ella? — Naturalmente está aonde vossa paternidade a poz, replicou o ourives rindo. — Aonde eu a metti?! Está zombando? Pois não me dá a prata, e quer que eu saiba aonde a guardei? — Não dei a prata? acudiu o mercador fazendo-se branco.—Desde hontem aonde está ella senão em poder do padre mestre?

—Não brinque. Fale serio. — Muito serio falo eu. Por signal que vossa paternidade me disse que voltasse hoje pelo dinheiro. — Pelo dinheiro? Ahi temos outra. Oh senhor Innocencio Pires, não me faça cahir em scismas! Pelo amor de Deus! Pois o rapaz, o Onofre não lhe levou hontem o dinheiro, seriam oito horas da manhã? Cem moedas em dobrões de oiro, contados pela minha mão?

—Vossa paternidade fala muita verdade mas eu não vi nem um ceitil, quanto mais cem moedas em dobrões! Quando mandou buscar a prata... — Eu? Não mandei tal! Até lhe pedi que m'a guardasse! Não leu a minha carta? — A sua carta? Qual? Não me deram senão este recado hontem da parte de vossa paternidade, que entregasse a prata e fosse ao col-

legio. O senhor Onofre depois metteu a prata no cesto, e eu acompanhei-o á egreja, aonde por ordem do padre mestre esperei que a devota acabasse a confissão.

Um raio fulminava menos. O jesuita percebeu que estava roubado, e roubado duas vezes. — Não recebeu o dinheiro? perguntou convulso. — Nem cinco réis! E o padre mestre não tem a prata? exclamou o ourives aterrado. — Nem uma colhér! Meu amigo, estamos roubados, vossa mercê na sua prata, e eu no dinheiro alheio... O que é isto?

E o jesuita, empurrando com força uns papeis em cima do contador, deu com a vista em uma carta fechada, lacrada, e com sobrescripto para elle. Abriu-a, leu-a, e rôxo de raiva passou-a em silencio ao ourives. Este pôz os oculos, e todo tremulo leu alto o que se segue:

«Meu respeitavel mestre! Vossa paternida-«de e eu enganámo-nos um com o outro. Ser-«via-o para ganhar algum remedio para a ve-«lhice, e até hoje affirmo-lhe que não sei a côr «do seu dinheiro. O padre mestre suppoz que «eu me habilitava para santo, por isso me «poz quasi a jejum de pão e agua. Ora o nosso «moralista, o padre Baunius, previu na *Sum-«ma Peccatorum, editio quinta, pag. mihi* 213 e «214, este caso de consciencia, aonde diz:— «Que póde o servo a quem não pagam, pagar-«se por suas mãos, com tanto que não tire «mais do que lhe deverem, sendo pobre e des-«amparado. — Sou pobre, e orphão. Levo por-«tanto, seguindo tão bom conselho, os vinte

«dobrões e mais a prata no valor de duzentas «moedas. Calculo que as devia receber em «oito annos de serviço, e não é caro. Ficam «os calções e a roupeta que vossa paternidade «me deu; tenho escrupulos sobre a sua velhi-«ce. Tambem deixo a Summa de Baunius, «marcada *citato loco*, mas descance vossa pater-«nidade, decorei-a primeiro. Ajuizo que o pa-«dre mestre dará o dinheiro por bem empre-«gado, vendo o fructo das doutrinas de um «dos melhores casuistas da Companhia. Com «elles protesto viver e morrer, dando ao ex-«cellente mestre que m'os ensinou os agrade-«cimentos devidos. Conto acabar muito rico, «e ir depois para o céu. Recommende-me a «Deus nas suas orações, e seja sempre amigo «d'este seu discipulo, que lhe beija as mãos. «*Benedicite*, padre mestre!»

—Ah patife, ah hypocrita!—gritou o jesuita desesperado com o roubo, e sobre tudo com acitação do padre Bauny, invocado pelo senhor Onofre Crespo.—Para isto aqueci a vibora! Bem feito! Sabe o que elle me disse na egreja? Que tinha vossa mercê grande devoção de se confessar commigo. — Percebe vossa paternidade? A prata não sahia das minhas mãos se não oiço o padre mestre dizer: «Leve-a ao meu quarto!» —Mas eu julguei que era a minha roupa!—Era a minha prata.—Velhaco! Patife!

Em quanto os padecentes deploram o roubo, e apertam as mãos na cabeça, o devoto por ares e ventos chegava a Monte-Mór. Per-

to da villa descobriu de longe um cavalleiro muito bem montado. «Alli está o que me era preciso. Vinha do céu um cavallo assim!» Dizendo isto comsigo entrou a scismar, e apeou-se do macho, que estava no lastimoso estado da mulinha do Palito Metrico:

Cortabat fios almæ cuicumque videnti!

Quando o marchante (era marchante o homem) se chegou ao pé d'elle, achou-o á borda do poço desfeito em lagrimas.

—Salve-o Deus, que tem vossa mercê?

—Ah, senhor, não me diga nada.

—Qual! O que o afflige? Diga; desafogue!

—Não tem remedio. Cahiu-me no poço a imagem de Nossa Senhora. Era de oiro, e não sei nadar.

—E' só isso?

—Acha pouco? Se não fosse prenda de minha mãe, não me affligia. Mas deu-m'a á hora da morte...

—Console-se, homem! Eu nado como um peixe, e se não lhe tiro a imagem do poço, ninguem a tira. Segure o cavallinho, e livre-o de algum couce do macho; olhe que não se confessa. Cuidado com essas bolsas, que não estão vazias! Sentido! Se larga da mão esse demonio, saiba que o não apanha senão em Aldea-Gallega; é um virote.

Dizendo isto o marchante despia-se na maior boa fé, e deitava-se ao poço. A agua andava funda, e o boccal não se podia alcançar de

baixo com a mão. Apenas mergulhou, o pobre homem, o devoto *Onofre* saltou no cavallo, segurou as bolsas, e enrolando a roupa n'uma trouxa, prendeu-a á garupa. Depois chegou-se á bocca do poço e perguntou para baixo:

—Está lá?

—Estou!

—Pois fique. Ainda não achou?

—Não vejo nada!

—Pois eu achei. Aonde quer que deixe o cavallo e as bolsas?

—Ah ladrão! Aqui de el-rei! Espera!

—Não se enrouqueça sem precisão. Fique em paz, e dê muitas graças a Deus. Sáe depois como uma alface. Adeus! O seu fato vai na garupa, escusa de procurar por elle. Para a outra vez seja mais leve em vir ao de cima d'agua e menos facil em se deitar a nado.

O marchante esconjurou-se dentro do poço umas poucas de horas, e o honrado Onofre não parou senão em Aldea-Gallega, aonde entregou o cavallo quasi arrebentado, dizendo da parte da sua victima, que a esperassem por todo o dia seguinte infallivelmente.

Depois d'estas duas proezas, veiu para Lisboa, e constou que mudára de nome, mettendo-se donato na Penha de França. A senhora Perpetua das Dores, digna mãe adoptiva do bom moço, vivia tambem na côrte, e ambos se remediavam, comendo os ovos da gallinha de ouro, apanhada em Evora e Monte-Mór.

O andador, acabando de lêr os papeis, esta-

va frio de neve. O jesuita não tinha tirado os olhos d'elle.

Apenas viu concluida a leitura, extendendo a mão, disse-lhe:

—O que diz, filho? Tinha genio o hypocrita! Forte pena! Vamos aos signaes... esquecêl-os-ia? Cá estão. E esta!... E' vossa mercê por uma penna. Nem dois irmãos gemeos. Que singularidade!

—Jesus! Bento nome de Maria! Vossa paternidade aterra-me! E' engano por força.

—Está claro. Mero acaso! Entretanto sempre é mau. Bem sabe os innocentes que morreram por similhanças falsas: diz-se depois, cuidei, suppuz, mas o morto não resuscita. Deus nos livre de inimigos, e de más parecenças, sobre tudo em devassa aberta, ou denuncia ao santo officio.

—Vossa paternidade zomba!—acudiu o devoto com uma visagem.

—Falo serio. E' peior parecel-o do que sêl-o. Não disse, nem digo outra coisa.

—Corpo Santo do meu Deus! E' possivel que o justo pague pelo peccador! Que sirva a cara de crime ao innocente?

—Então! Nunca ouviu, que pela bôcca morre o peixe? Aqui o innocente morre por ter a cara do peccador. Não se amofine porém, o homem ha de apparecer...

—Mas vossa paternidade percebe que o nome, a menor differença de feições...

—Valha-nos Deus! Valha-nos Deus! Bem vê que percebo. Os moralistas são da sua opi-

nião, e tambem eu; mas que quer! Se os ministros ateimam, e não sentenceiam senão pela contraria! Noto a reconvenção, não é preciso que a faça. Vossa mercê defende-se com a differença do nome? Muito bem. Mas os juizes respondem, e aqui para nós com razão talvez, que os nomes mudam e as pessoas ficam! Terá de justificar, e não é nada para um homem honrado, que nunca se chamou Onofre, que sempre foi Thomé. Isto é falar por exemplos. Não se assuste.

—E' que vossa paternidade pinta tanto ao vivo!—observou o devoto cheio de terror.

—Do vivo ao pintado vai muito, não tenha receio. Mas parece um laço do demonio. Ora oiça os signaes: «Rosto comprido e olhos pardos. Um pouco vesgo.» Observe, escute! «Altura? Um palmo acima da ordinaria.» Tal e qual!

Thomé encolheu-se.

—«Côr esverdeada, tirante a cobre.»

O devoto sentia a cara em brasa, e julgou-se côr de pimentão.

—«Nariz aquilino e uma verruga na ponta.»

O nosso amigo metteu as unhas a egual verruga para a degolar.

—«Maneiras beatas e um ar no lado esquerdo.»

—E' mentira—gritou o milagreiro—é mentira! Isto foi geito de nascença.

—*Reum habemus confitentem!*— disse o padre de modo que o andador ouvisse; e mais alto accrescentou—Ora pois! N'elle é ar, e em

vossa mercê geito de nascença; póde admittir-se. Digo-lhe, porém, que a similhança é fatal... Agora me occorre. Temos o remedio ao pé de casa. Dê cá um abraço pelo que vou dizer. Sabe que chegou o nosso padre Simões e que está em S. Roque? Pois é certo. Muito velhinho, coitado, mas ainda rijo. Quiz assistir aos exames. Iremos vêl-o, e elle nos dirá... Tem alguma coisa, filho?

A impudencia do irmão das almas sossobrou com o ultimo golpe. Conheceu que tinha cahido no laço, e que todos os meios tinham sido previstos com astucia superior. Então, mas tarde, entendeu o conselho salutar do dominico—«Que a respeito dos jesuitas o melhor era falar menos, e acautelar-se mais.»

A forca e a fogueira já lhe dansavam deante da vista. Sentia o corpo em braza, e a garganta prêsa.

Por isso, depondo a dissimulação, deitou-se aos pés do padre que o levantou com benevolencia, mas sempre com o mesmo sorriso.

—Pelo que vejo teme que os olhos do padre Simões se enganem? Não estranho. Mas que remedio? Vossa mercê queixava-se da heresia e da impiedade, e no seu zelo até confundia a nossa roupeta com os peccadores que a vestem. Um exemplo parece indispensavel. Magoa-me vel-o afflicto; mas diga, no meu logar o que fazia?

—Fui temerario, meu padre, e Deus castiga-me. Se a justiça sabe, estou perdido...

—Não se precipite. Não posso acreditar que

vossa mercê tenha medo de si a esse ponto. Seja forte. Ora pois! Falou da Companhia sem temor de Deus, e com pouca caridade christan? Se o coração lh'o diz, (que eu, por mim repito, gostei de o ouvir e acho que falou muito bem) se o coração o accusa, pense, excogite coisa do serviço da Companhia, em que faça a reparação... O mal paga-se com o bem, ha de ter ouvido alguma vez.

—Oxalá que eu pudesse, meu padre!

—Todos podemos. Ha inimigos, e mal de quem os não tem; ajudemo-nos uns aos outros... Siga o thema, e ha de acertar. Diga: porque se não ha de pôr uma pedra em cima do tal roubo de Evora? O dinheiro assim como assim está perdido; o que lhe parece? Deixemos o homem, e não se fale mais n'isso.

—Acho excellente!

—Previ que merecia a sua approvação. Então não acha nada no capitulo das reparações moraes?

—Meu padre— exclamou o devoto em ancias—não attinjo, não descubro.

—Admira! Ora torne a reflectir: vá de vagar. O adagio diz: ajuda-me que eu te ajudarei. Temos inimigos. Ora se vossa mercê pudesse, se vossa mercê quizesse, a Companhia por exemplo resistia melhor aos seus; e com os padres de Jesus da sua parte o senhor Thomé achava-se tambem mais forte. Figurei a hypothese: agora tire a conclusão. Não entendeu ainda?

—Começo a perceber, meu padre.

—Vamos optimamente. Com verdade, responda não leva uma carta á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, da parte do padre frei João dos Remedios, ao secretario de estado de el-rei nosso senhor? Tenho uma ideia confusa... Ajude-me, estou perdido de memoria!

—E' como vossa paternidade diz. Levo-a em sendo oito horas.

—Optimo! Póde dizer agora o caminho que leva para casa de Diogo de Mendonça?

—Irei por onde vossa paternidade quizer.

—Valha-o Deus, homem! Pois eu quero, ou peço alguma coisa? Se deseja servir a Companhia, se o seu coração o accusa de ter formado juizos temerarios a respeito d'ella, digo só que eu iria de caminho por Santo Antão, para me reconciliar com algum dos padres, commigo por exemplo, antes de entregar a carta.

—Mas meia legua de jornada, reverendo padre...

—E por um pedaço mais, duvida ganhar as indulgencias da viagem? Indo logo direito chega mais depressa, é verdade, mas póde cahir nas mãos dos inimigos. Indo de volta demora-se, mas chega com certeza. A paciencia, filho, faz prodigios.

—Mas se não levo a carta fechada, se a entrego aberta...

—Aberta ou fechada, quem falou da carta? depois vossa mercê ha de notar que ha olhos para lerem tudo, até por cima do sobrescripto. O senhor Thomé põe a carta aonde quizer, e trata da sua alma, que é o importante. Ob-

serve que não estou suggerindo traição, nem inconfidencia—longe de mim tal ideia! Vossa mercê não abre, não mostra, nem lê. Se outro por interesse ou curiosidade o fizer, que temos nós com isso? *Non mea culpa,* acabou-se!

—Irei por Santo Antão, *de caminho*, como vossa paternidade aconselha...

—Observo-lhe que não aconselhei nada. Deus me livre. Entendamo-nos! Quem aconselha participa do acto practicado... O que tenho feito é dizer: Em seu logar, no seu caso de vossa mercê ia á Calcetaria, passando por Santo Antão. Percebe?

—De mais, meu padre.

—Por onde tenciona voltar?

—Pela casa professa de S. Roque para pedir a absolvição.

—Muito bem. E' preciso tempo para se formar uma verdadeira contricção. Vejo que entende as coisas, e havemos de dar-nos perfeitamente. Ouve? Em chegando, mande chamar o padre Simões; ha de reconcilial-o com muito gosto.

—O padre Simões!

—Socegue. O nosso querido irmão tem a vista cansada, não conhece ninguem. Ha de tratal-o com caridade!

—Posso então ficar certo?

—Certissimo, filho. Tudo bem pensado, estou pela sua opinião. Diga, sabe de uns papeis da inquisição, que tinha o padre frei João dos Remedios ha coisa de dois dias? Tenho aqui a nota...

—Eu verei. Sendo preciso, vossa paternidade póde contar...

—E conto! Por ora não. Veremos depois. Vá com Deus, que se faz tarde. Não quero que o padre procurador espere por culpa minha. Quanto ao Onofre Crespo, se ouvir falar d'elle...

—O que hei de fazer?—exclamou o devoto ainda tremulo.

—Rezar-lhe por alma, filho. Agora me lembro de que falleceu.

—Deus o tenha á sua vista—disse o andador, levantando os olhos ao céu.

E com um sorriso falso ambos se apartaram, cada qual para seu lado. O senhor Thomé para S. Domingos, e o jesuita entrou para o seu collegio.

CAPITULO VI

De um argueiro faz-se um cavalleiro

O padre frei João dos Remedios e o seu amigo Philippe, descendo do dormitorio, chegavam ao cruzeiro, quando o relogio dava oito horas da manhan; ao mesmo tempo, ainda tremulo da visão do terrivel Onofre Crespo, o senhor Thomé das Chagas apparecia do lado de Santo Antão. O procurador entregou-lhe a carta, e o devoto, depois de lhe beijar a manga, como Judas beijou a Christo, partiu para o collegio dos jesuitas.

— Agora estamos desembaraçados; podemos ir—disse o dominico ao seu amigo.

—Frei João, cada qual é como Deus o fez. Assim não vou. Sou teimoso; escusas de te cansar; a mim ninguem me leva pelo beiço.

— Valha-te Deus, Philippe! Queres que eu appareça primeiro, e prepare tua mulher?

— Quem te pega? Ouves? dize-lhe que sou o maior amigo do heroe elogiado, que não a enganas. Tens licença até para fazeres um

poema. Anda; põe-te ao fresco; dispõe essa gente...

—Só uma coisa te peço, Philippe; trata o commendador com resguardo. E' homem de qualidade, grande sabio, e está costumado a muito respeito: talvez o aches um tanto exquisito; mas o coração é excellente. Ninguem deixa de ter defeitos, bem o sabes.

—Pois sim, vai socegado. Poremos o commendador macio como velludo, não tenhas cuidado. Acredita que não me obriga a virar de bordo com toda a sabedoria! Ao primeiro tiro disparo-lhe a metralha, e bum! leva salva real; verás.

—Deus permitta! Então d'aqui a meia hora?...

—Está dito. D'aqui a meia hora. Ouve cá. O commendador é curioso, gosta de raridades?

—Foi sempre o seu vicio.

—Famoso homem! E de animaes? Tenho uma ideia. Bem! Dou-lhe um presente de deitar a mão a baixo. Mas elle merece-o. Quem levou para casa minha mulher, e aturou as verduras das raparigas? Adeus, frei João.

O commendador Lourenço Telles morava na rua das Arcas. A sua casa, de dois andares, tinha varanda sacada. A parede sahia por cima da porta, abocetada em fórma de armario, muito similhante a algumas, que ainda hoje vemos no antiquissimo bairro de Alfama. A rua era menos estreita e menos mal assom-

brada, que as da visinhança; podia até passar por alegre em vista d'ellas. Lourenço Telles occupava a casa toda; e em perto de cinco annos só tres ou quatro vezes tinha sahido a pagar algumas visitas de cumprimento.

Na sala aonde o commendador persistia mais rasgavam-se tres janellas grandes por onde a claridade entrava á vontade. As paredes eram forradas de coiro vermelho com lavores de prata; a papeleira de pau santo, lavrada com primor, e ornada nos cantos de cabeças de cherubins, de columnas torcidas e capiteis floridos, attestavam a opulencia do velho erudito. Um escriptorio (secretária) de charão precioso, embutido de figuras chinas, e ornado de armarios de portas de espelho, defronte da papeleira, tinha a gaveta cahida, e sustentava uma escrivaninha de feitio e dimensões curiosas. Cadeiras de costas e pés arrendados, abertas em bellissima talha, vestiam o aposento; nos assentos representavam-se, em matiz delicado, algumas scenas da Eneida, e os espaldares variados retratavam aves raras de Ganges e do Nilo. Eram bordadas na Asia com perfeição inimitavel. As altas estantes, torneadas e entalhadas a capricho, vergavam com o pêzo dos volumes. Em um bufete, coberto de damasco, brilhavam duas jarras do Japão, d'aquelle barro transparente como vidro, d'aquelle azul e oiro finissimos, cujo segredo se perdeu talvez. Duas talhas da India, grandes e magestosas, aos cantos da casa descansavam sobre leões doirados. As corti-

nas das janellas, e os reposteiros das portas, em varetas prateadas, ondeavam as prégas de vistosa tela verde, apanhadas em cordões de sêda com bolotas de oiro.

A cadeira do commendador era semi-circular, assento de estofo carmesim, costas abertas em grinaldas de rosas, imitando um açafate de flôres; pés de garra com seu globo nas unhas. Feitio esbelto e caprichoso, em que a arte se combinava com a commodidade. Deante de si um velador grande, tambem de pau santo, de pé lavrado de passarinhos em ramos de acantho, servia de banca de escrever a Lourenço Telles, e viam-se em cima d'elle varios livros, um covilhete com arroz cozido, e um pucaro de geleia especial. Ao lado um contador de pau da India, marchetado de grifos de madre-perola, com sphinges nos pés, sustentava dois pagodes de marfim e uma curiosa fonte chineza.

O commendador devia ter sido o que se costuma dizer um bonito homem; e apesar dos oitenta annos, e dos estragos da doença, a sua velhice não era repugnante. Os olhos azues um pouco destingidos, porém de uma luz ainda clara; a pelle rosada e branca, posto que cheia de rugas; a bôcca fina e pequena; e as bôas proporções do corpo davam-lhe agradavel apparencia. As feições regulares e o ar obsequioso infundiam respeito, e não constrangiam. O sorriso, abrindo a phisionomia, era jovial e chistoso, porém rara vez ironico. Via-se no sabio octogenario o typo cortezão em

toda a pureza. Na realidade poucos homens tinham visto e observado mais o mundo; poucos o teriam gosado tanto, vivendo na sociedade escolhida sem commetter um solecismo de ceremonial, ou esquecer a mais insignificante formalidade. N'estes pontos era e fôra sempre o manual da polidez; e em toda a parte por onde viajou deixára honrosa memoria. Escravo da moda, Lourenço Telles parecia o Mathusalem mais namorado de Lisboa. Um moço peralvilho, um françа, como então se chamavam os petimetres, não o excedia no apuro, que dedicava ainda ás ruinas da eclipsada elegancia.

A cabelleira penteada e lustrada de preciosos oleos, soltava em toda a frescura dos polvilhos as bolsas de canudos annellados, a que só dava a sezão devida o calor do forno. Os sapatos de salto, com tacões vermelhos, tinham o verniz transparente, que o gosto exigia imperiosamente. Os topes ou rosetas de fitas, longe do pé, disfarçavam a sua grandeza, tornando-o mais breve e airoso. A volta de cambraieta de rendas era d'aquellas, que enroladas no pescoço por uma ponta, devia o criado apertal-as com força até ficarem justas, e o sangue quasi a rebentar das faces. Calções estreitos do feitio mais moderno; botões de diamante nos punhos do camisote; bordadura esplendida na véstia; franjões de oiro no canhão das luvas, esquecidas em cima da cadeira; e roupas de chambre de sêda «primavera», de flôres e ramos largos, soltas

por cima do fato, completavam o esmerado vestido do velho-menino. O chapéu, guarnecido e apresilhado com primor, estava ao lado do espadim de copos doirados, e punho cravejado. A bengala de unicorne, de castão de oiro com sua esmeralda engastada, via-se ao lado da cadeira. Toda aquella mumia (porque a magreza do commendador era extrema) rescendia aos aromas mais custosos.

Um gato de casta franceza, de especie hoje chamada «Angorá», estava aos seus pés, branco e assedado como um arminho, indolente e gordo como um sultão. Enroscava-se em um coxim com as patas debaixo da cabeça, e o corpo na voluptuosa curva, que exprime a suprema beatitude da raça felina. Um dos olhos espreitava a sala, em quanto o outro, piscando-se com delicias, parecia dizer á restea do sol que o aquecia:—Sou completamente feliz!

De outra parte, sobre meia columna de nogueira pousada em uma peanha, um papagaio cabeceava no poleiro dando bicadas no comedoiro, e soltando risadas stridulas.

De vez em quando Lourenço Telles dava uma colhér de arroz ao passaro; e pedia-lhe o pé, interrompendo para isso a mais interessante leitura; ou deixava engulir uma sôpa de geleia ao gato, com eminente risco de uma farpa nos calções, ou na meia de seda côr de rosa. O que se notava n'este velho singular era a graça innata com que realçava todas as acções, ainda as mais ridiculas, era a natura-

lidade e o ar de grandeza, que revestiam este mixto de ancião e de mancebo, falando de erudição como um sabio, discorrendo como um philosopho, e figurando como peralvilho impenitente!

Em cima do velador estavam abertas muitas cartas com as assignaturas de D. Luiz da Cunha, do conde de Tarouca, e de Diogo de Mendonça, provando que era activa a sua correspondencia com os homens eminentes. Papeis de versos em francez e castelhano, as obras de Tacito e de Virgilio, o *Orlando* do Ariosto, e as tragedias de Pedro Corneille, encadernadas em velludo, a par do livro de Horacio, aberto e sublinhado quasi em cada verso, attestavam que ao velho erudito era familiar a conversação das musas antigas e modernas.

O commendador não estava só; fazia-lhe companhia um homem alto e delgado, de presença gentil e tracto mavioso. Não ornava a cabeça com os fataes massacrocos de canudos, que se enrolavam pelos hombros de Lourenço Telles.

Entradas grandes em uma testa elevada e calva da mais bella expressão; a pelle fina, e côr de rosa desbotado; o rosto comprido sobre o oval, os olhos rasgados e cheios de animação; e uma bôcca pequena e séria, com soffriveis dentes, compunham aquella profunda, clerical e serena physionomia, capaz de inspirar um excellente painel de S. João Chrysostomo.

Os gestos do personagem eram sempre gra-

ves e compassados; o riso discreto; as palavras poucas e pesadas a minutos.

A estatura alguma coisa arqueada, como é de uso nos eruditos, e o corpo esbelto, apesar de magro, tinham certa elegancia. As tibias extensas e pouco grossas tornavam-lhe as passadas longas e magestosas.

Vestia sempre fato escuro; e o córte, meio secular, meio profano, não desmentia a gravidade da presença. A bengala de castão de porcellana japoneza, de feitio exotico, servia-lhe mais de taboleta que de encosto; assim como o antiquissimo annel egypcio, de um só rubim, mettido no dedo á maneira episcopal, era ostentado com estudado desleixo. Sinetes de camafeus, em vidrilhos pretos, pendiam dos dois relogios que trazia. Este uniforme scientifico-prelaticio tinha a vantagem de poder figurar aos credulos, que o sabio era pelo menos um bispo *in partibus infidelium*. Toques originalissimos no gesto solemne, e na contracção mimica do rosto, completavam este retrato. A caixa de ouro oval, de tampa lavrada, abria-se lentamente, e levantava o sabor das citações, ajudando-as com a pausa solemne das pitadas.

Esta figura agradavel, e nada antipathica, chamava-se o abbade Silva, posto que muitos lhe negassem a abbadia, e que alguns maliciosos até jurassem que nunca fôra ordenado. O abbade honrava de frequentes visitas as casas dos fidalgos; e servia de conselheiro aulico aos seus illustres amigos nos casos in-

trincados. Com as senhoras era docil e sociavel a ponto de lhes prestar os serviços de escudeiro servente; umas vezes, (oh excesso de civilidade!) servindo de ama carinhosa, e levando nos braços os cachorrinhos de fralda; outras, como estribeiro cortez sostendo na fuga a hacanea valida. Finalmente, senhor dos segredos de toucador, pegava no lapis e desenhava á franceza, ou á alleman, esses empinados toucados, cujas grimpas foram as delicias de nossos avós.

Genio universal para elle a arte poetica e a arte da cosinha, os tractados scientificos e os roteiros de bailes eram cousas de importancia egual.

Não admira, pois, que esta utilidade humana, no theatro da boa companhia, tivesse de mais a rara prenda de ser um archivo ambulante de noticias microscopicas para os estudiosos, e um catalogo eterno de suppostos manuscriptos, que se dignava condecorar de titulos imaginarios. O erudito cobria a pobreza do espirito com a dignidade perpendicular da pessoa, e affectava a sciencia infusa, esbrugando as phrases, e deixando-as cahir como perolas. Era auctor de cinco tractaditos notaveis pela magreza do texto e a inchação das notas, e ainda mais pela exquisita puerilidade dos assumptos.

No primeiro confessou dez annos de aturadas excavações nas ruinas historicas para averiguar se acaso certo viso rei da India morrêra de bexigas doidas, ou de sarampo.

No segundo (a obra prima) doze annos consumidos em apurar a natureza do milagre que despegou as pernas a Affonso Henriques, pareceram-lhe doze mezes. E para a eterna gloria da sua época, descobriu um pergaminho cheio de nodoas, que era, dizia elle, uma doação authentica do punho do conquistador de Lisboa «*de mui buena lettra*» na qual se declarava ter sido curado sua mercê el-rei pela virtude da famosa receita da podrága, achada na caveira de Santo Thyrso pelo seu aio Egas Moniz.

Terceiro opusculo (coisa sublime!) reuniu uma collecção de maximas autographas de todos os reis de Portugal, começando em Luso e Abidis, e acabando em D. João IV, com a qual vingou os reaes garafunhos do esquecimento calligraphico.

Finalmente, as paginas mais variadas da sua penna eram sem questão duas memorias consagradas a provar que as barbas de D. João de Castro entraram ruivas quando as empenhou em Goa, e sahiram pretas quando as resgatou. Cinco paginas de texto, em cada uma, locupletadas com setenta paginas de notas, enchiam de erudição este ensaio capillar; e só a venda avulsa rendeu para se vestirem seis orphãos de ambos os sexos com o fructo de tão rara locubração.

O commendador e o abbade conversavam, havia tempo, ácerca de obras classicas e de estylos litterarios. O Aristarcho ecclesiastico opinava a favor dos modernos, o erudito se-

cular defendia a sabia antiguidade. Ambos revolviam nomes, datas e titulos de livros, com pasmosa facilidade, e ás vezes com summa irreverencia.

—Sustento!—exclamou o commendador — Abram Tacito, e verão. Nenhum moderno era capaz de escrever assim. Dou o melhor diamante se apparecer exemplo.

—Ah, commendador, e a poesia? Faça uma excepção a favor de Ariosto, o divino!

—Abbade, antes d'Ariosto existiu Apuleo! Antes do Orlando houve o Burro de ouro. Gosta de pinturas livres, de phantasias vivas? Ahi as acha. Os modernos não o excedem.

Observando isto Lourenço Telles sorvia com delicias uma pitada, e fechando a caixa, cuja tampa representava uma Venus sahindo nua das aguas, deu na tira da camisa dois piparotes para sacudir o tabaco.

—Nenhum dos modernos—continuou elle depois—nenhum soube dizer com uma phrase o que Tacito insinúa quando quer. Por exemplo: «*ipsa etiam pace sœvum!*» Era cruel até na paz! Meu amigo, hoje ha outras glorias, mas em historia, *caput obnube!* Esconda-se o rosto! Os Tacitos e os Polybios não se repetem.

—Mas a clareza, passando por Tacito, fazse obscura como a noite—suggeriu o padre.

—Ditos escholasticos! Não o conhece quem quer, é verdade; mas conversado com familiaridade, percebe-se—acudiu o erudito esfregando as mãos com velocidade.

—O que é defeito, ha de concordar—proseguiu o abbade pouco lisongeado da esfregação de mãos do seu amigo.—Lembra-se de Horacio?... A brevidade torna-me sybillino? *Brevis esse laboro, obscurus fio?*

—Parece-lhe então Horacio claro? Pois eu não acho; e lido com elle todos os dias. Veja a ode *Cur me querelis exanimas tuis!* o poeta jura ser inseparavel de Mecenas até na morte...

—Jurou falso!—interrompeu o ecclesiastico, rindo estrepitosamente—Mecenas se esperou o amigo inseparavel, fez muito mal...

—Perdôe! Calumnia Horacio: *Non ego perfidum dixi sacramentum!* E é verdade. Não pronunciou voto perjuro. Para eterno lucto das musas, seguiu o seu *carpere iter comites parati*; morreu no mesmo anno.

—E' a versão vulgar—atalhou com um sorriso vaidoso o critico abbade.—Mas os homens doutos, senhor Lourenço Telles, separam-se do vulgo dos commentadores. Em um manuscripto rarissimo, que achei na bibliotheca do duque, enriquecido de preciosas notas de Petrarcha, descobri a verdadeira data da sua morte.

—Abbade, está bem certo de o ter visto?—perguntou o commendador com ironia.—Póde saber-se o titulo d'esse prodigio, se existe o titulo?

—Vi o manuscripto, senhor Lourenço Telles. Digo-lhe que o vi—respondeu o ecclesiastico córando e balbuciando.

— Pois, senhor abbade, já não é pouco; mas parece-me que ninguem mais tornará a vêl-o. A mim basta-me isto. *Obiit Horatius anno ætatis 59, eodem quo Mæcenas.* O que significa: Horacio morreu de cincoenta e nove annos de edade, no mesmo anno em que falleceu Mecenas. E' o que dizem todos, até nova ordem do seu manuscripto imaginario. Será modesto, mas é verdadeiro.

— Imaginario! — exclamou o abbade alçando a dextra com dignidade — imaginario! Senhor Lourenço Telles, louvado Deus, sei latim, e agradeço-lhe a traducção infantil com que me regalou. Quanto ao Petrarcha, elle e eu rimo-nos da simplicidade dos remendões de livros, que são o seu Evangelho.

— Linda imagem! Pois não! O senhor abbade já não póde acompanhar senão com Petrarcha para se rir da minha simplicidade. Excellente! Mas sabe uma coisa? O seu manuscripto aposto que existe na lua, aonde pára aquelle famoso livro dos *Pavões,* que me fez procurar tres mezes, e que teve a crueldade de imputar ao pobre Garcia de Rezende, que Deus tem em santa gloria!

— Quem não vê, não acha — respondeu o ecclesiastico em ar de mofa. — O senhor commendador entende mais de cortezias e mesuras, do que lettras antigas.

— *Non ego offendar nugis!* Os piparotes não me tocam — exclamou Lourenço Telles com os olhos scintillantes. — Conheço-me! Oxalá que outros fizessem o mesmo!

—Oh modestia rara!—atalhou o abbade com indignação.

—De certo—proseguiu o erudito com as faces accêsas—mas, graças a Deus, ainda não fiz o ridiculo papel de muita gente, traduzindo *centimanus Gias*, por Gias de mão na cinta.

—E' falso—gritou o abbade, dando um pulo.

—Não se agonie! falo de um parvo, não falo de um sabio da sua reputação. O socio de Petrarcha!...

Lourenço Telles aqui abaixou a cabeça com malicia, e riu-se alto e muito tempo.

—A allusão errou o alvo!—bradou o reverendo critico, fulo de raiva.

—Não me parece!—respondeu o velho sêccamente.

—Senhor Lourenço Telles—continuou o abbade—saiba que desprézo as satyras, e que me compadeço dos satyricos.

—Faz muito bem! Dão-lhe n'uma face, e offerece a outra. Que mais?

—Que mais?—proseguiu o ecclesiastico recrudescendo com a zombaria provocadora do velho sabio.—Não ignoro que a velhice é caduca e pueril.

—Obrigadissimo! Isso é tão falso como grosseiro. Continue!

—Sim senhor, continúo. E sendo, pouco admira que o vento da vaidade entre na cabeça de algumas pessoas, e sussurre lá dentro. E' d'isto que procede haver tanto sabio ine-

dito, tanta sanguesuga de citações!... A plebe dos auctores é maior do que a plebe de Athenas, que vendia o voto...

— Pare um momento, abbade, deixe-me extasiar! Nunca houve retrato mais parecido: dou-lhe os parabens!

Dizendo isto, Lourenço Telles estava rôxo de cólera, tinha-se encostado á sua muleta, e tomava rapé a miudo e com sofreguidão, indicio vehemente do furacão que o revolvia.

—Olhe, não falta á sua maravilha senão um rotulo — proseguiu exaltado. — Ponha-lhe o nome do indigesto collector de patranhas, do inimigo jurado da verdade e da razão, e diga afoito: *Ecce homo!* Aqui está o pavão! Perdôe a traducção livre. De certo, quem inventou as garatujas latinas dos reis Luso e Abidis, e teve o despejo de affrontar a seriedade publica attribuindo a uma caveira a cura das pernas de Affonso Henriques, quem fez isto sem lhe cahirem as faces no chão, está julgado!

—Não me altera com a invectiva! — acudiu o abbade, rangendo os dentes. — Estou sereno, rio-me, veja!

De feito quiz rir-se, porém o esforço heroico mallogrou-se, e sahiu-lhe uma ejaculação, que era o meio termo entre um frouxo de choro e um espirro.

—Deixe a capa de Cesar, abbade! — exclamou o implacavel commendador.—Não se ria assim, olhe que faz dó. Sirva-lhe isto de lição para não se expôr outra vez. Não falo da car-

ta authentica de Affonso I; está abaixo da critica. São romances que, em morrendo o auctor, ninguem mais faz, como ninguem os tinha feito antes... A proposito! apure-nos bem a molestia do viso-rei. Ha muita gente boa capaz de morrer de bexigas doidas.

—A baba de um Bavio não deslustrou as paginas de Ennio! — disse o ecclesiastico repoltreando-se, branco de cêra, e cruzando a perna com indifferença olympica.

—Julga? — perguntou o velho erudito com escarneo. — O senhor abbade é um poço de sciencia, pertence já á posteridade. Salve, modesto Ennio!

—Compadeço-me da sua ignorancia — acudiu o abbade com a voz cava e irritada — O senhor D. Affonso Henriques, filho da rainha D. Thereza....

—E do conde D. Henrique ... — ajuntou Lourenço Telles, rindo.

—Neto do rei de Castella ... — continuou o ecclesiastico.

—Justo! Neto de seus avós. Pelo amor de Deus; não me recite uma das suas notas.

—Chamado pelos contemporaneos o *Conquistador* ...

—Pelo contemporaneo Faria e Souza? Querem vêr que lhe achou a lettra como lhe descobriu o retrato?

—Não me confundem as interrupções! esteja certo. Continuarei. Soube escrever como um clerigo.

—*Comme un clerc!* Francez puro. Bellissimo!

E' digno da veracidade calligraphica de Luso e Abidis!

—Repito-lhe, a sua ignorancia é lastimosa — acudiu o abbade accêso em vivissimas côres e com uma aurora boreal na fronte.

—Tem razão. Sem ella não se escrevia um livro sobre as barbas de D. João de Castro.

—As barbas são historicas!

—As barbas sim, mas a côr não. Porque omittiu o barbeiro que as cortou? A posteridade devia conhecêl-o. Tenha paciencia! Não nos deixe a historia côxa á falta d'esta perna especial.

—Escarneça, zombe dos heroes. Metta a ridiculo as glorias patrias.

—Rio-me da miseria da apologia.

—Os morcegos do Parnaso espantam-se da novidade...

—Fazem peor; mordem-se de inveja!

—As gralhas honram-se não publicando nada.

—Se os papagaios aboccanham tudo!

Estava n'este grau de amenidade a disputa, e chammejavam os olhos dos dois athletas, quando Jasmin, o escudeiro do commendador, ousou devassar o tear de Penelope com o recado de Philippe da Gama, que bateu á porta durante o conflicto dos eruditos. O padre mestre Remedios tinha prevenido Lourenço Telles da visita do seu amigo, e este era já esperado. A proxima entrada de um estranho lembrou aos belligerantes o famoso:

Quos ego!... Sed motos praestat componere fluctus.

Olharam, pois, um para o outro com indizivel expressão, e a um tempo correram a mão pela testa, enxugaram a bôcca com o lenço almiscarado, e deram á physionomia a serenidade, que muitas vezes encobre o maior odio, servindo de mascara aos bons actores da sociedade culta. Depois Lourenço Telles sentou-se, engatilhou um sorriso obsequioso, consultou um espelhinho oval e doirado que tinha ao pé de si, e achando-se irreprehensivel no semblante e no vestido, ordenou a Jasmin que fizesse entrar o capitão, preparando-se para o receber com a graça primorosa da sua experimentada polidez.

CAPITULO VII

Ulysses abraça Penelope!

O dominico tinha dito ao commendador, que Philippe, recem-chegado da India, era amigo velho do marido da senhora; accrescentando que trazia duas excellentes noticias, consistindo a primeira em ser falsa a nova da morte, e a segunda em que deveriam esperal-o por todo o mez na volta da nau de viagem, proxima a chegar. Executando as instrucções recebidas, o padre dispoz o animo de Lourenço Telles para supportar como christão a entrada de seu sobrinho. Em quanto os dois antiquarios se feriam no pugilato litterario, frei João passou ao interior da casa e principiou a confortar a senhora Magdalena da Gama para a dispôr a resistir á alegria repentina, que vinha annunciar-lhe.

Assim precedido pelo seu embaixador, Philippe apresentou-se no *Sancta Sanctorum* do sabio latinista, devidamente annunciado pelo cartaz. Entre portas o capitão da India,

com o tremendo chapéu de tres quinas arvorado na mão, inclinou-se, piscou os olhos, como se lh'os deslumbrasse o sol, e com o balanço de corpo, caracteristico nos embarcadiços, decidiu-se a introduzir a sua pessoa sem mais preambulos.

O commendador, affavel e obsequioso, pousou as mãos no macisso velador, levantou-se algum tanto, firmado n'ellas, e fez-lhe uma profunda cortezia.

O abbade, *regis ad exemplum,* empunhou a bengala, e apoiado no seu castão, elevou-se á altura requerida, abaixou a cabeça as linhas precisas, e tornou a cahir lento e solemne no assento da cadeira.

Philippe da Gama tinha promettido ao religioso, seu amigo, duas coisas pouco faceis: luctar com a erudição do commendador, e deixal-o encantado.

Com a sinceridade desabrida e o genio inflammavel, que lhe conhecemos, a tentação do marido da senhora Magdalena sobre o seu erudito parente devia exceder as forças do tentador. Dos bons estudos que tinha cursado o nosso capitão apenas tinha de memoria os farrapos dos cartapacios, e esses mesmos sem os entender. Quanto á cultura e delicadeza das maneiras em conflicto com o primoroso Lourenço Telles, o digno Sindbad portuguez o que podia fazer, senão serzir alguma lantejoula mareada ás felpudas amabilidades do marujo e do soldado, formado nas pragas do convez, e doutorado na escola do sertão?

O capitão empregou a meia hora de espera, concedida ao padre seu amigo, em engenhar o plano de operações em casa do tio sabio; em coordenar o drama da sua vida, dispondo o desenlace, a peripecia final em que devia dizer o «conheces-me» de rigor, nos braços da esposa!

A par da importancia do assumpto não se esqueceu de beliscar a memoria, e de vilicar o cerebro, a fim de obter o sacrificio de tres phrases de Cicero, e de uma sentença moral, bagagem scientifica bem leve, mas a seu ver sufficiente. Depois de armado dos pés até á cabeça, levantou a aldraba, e com grande confiança deu entrada na sala, achando-se em presença dos Aristarchos ainda ensanguentados da discussão horaciana.

—Faz favor de entrar!—acudiu logo o obsequioso commendador.—Queira desculpar se recebo tanta honra assentado, mas estou prêso por ordem de quem póde—accrescentou com um sorriso amargo.—O senhor abbade Silva, meu amigo, fará as minhas vezes. Então vem cansado? Está suado? O seu chapéu incommoda-o?

—Nem cansado, nem suado, muito agradecido. Tenho andado milhares de leguas pelo sertão sem me virem os bofes á bôcca, quanto mais com duas passadas do Rocio até aqui. Eu não costumo suar no inverno com frio. Safa! Está de fazer a gente em caramello!

—Vê-se que viajou muito no sertão!—sug-

geriu o abbade, forcejando debalde por desapossar Philippe do chapéu.

Isto passava-se ainda ao pé da porta da entrada. De repente o capitão, resolvido a entrar em batalha, e pouco agoniado pela requintada polidez dos dois eruditos, sacudiu o pescoço, carregou o sobr'olho, desviou o abbade com a mão sem nenhuma ceremonia, e dizendo comsigo: «vou deixal-o embaçado!», dirigiu ao commendador a seguinte phrase de Cicero:—*Meam erga te benevolentiam facile perjicies!* [1]

Ao mesmo tempo arremettia á cadeira de Lourenço Telles, cuja vista exprimiu o maior espanto, deante da vehemencia, e crueza sapiente do hospede. O abbade Silva, encolhendo os hombros, tornou a sentar-se, tocando cravo em cima do castão japonez da apparatosa bengala.

Entretanto o commendador, citado em latim, julgou que a honra o mandava acudir á lingua sabia no estylo de Cicero:—«*Mihi in vestris commodis augendis grata animi benevolentia defectura non est.*» [2]

O erudito pronunciava cada palavra com o rigor, e o perfume classico. Todavia murmurava comsigo —«Que especie de homem é este?»

[1] Facilmente verás a benevolencia que me inspiras. Philippe estropia o latim, dizendo : *perjicies* em logar de *perspicies*.

[2] Tenho o maior desejo de vos ser em tudo agradavel.

Por desgraça, Philippe da Gama, segundo notámos, tinha o ouvido latino bastante surdo; repetia de cór, e sem perceber o que dissera, nem o que lhe responderam. Por isso, em quanto o douto interlocutor se banhava na pura latinidade, o capitão, perdendo os arções do primeiro bóte, valeu-se dos caxorros de proa, e, segundo tinha protestado ao frade, disparou ao acaso outra bala rasa.— «*Quæro cur tam subito mansus est?*» [1]

Lourenço Telles deu um pulo, e chegou para si a campainha de prata, para esconjurar as syllabadas e os erros que lhe escorcharam os ouvidos. O abbade levantou os olhos ao ceo, desencruzou as extensas pernas, e approximou o chapéu de borlas verdes. Ambos se julgaram em presença de um maniaco.

—*Medoro torce il nazo!*—acudiu o auctor do opusculo sobre as bexigas do viso-rei.

O capitão lanhava o latim, mas de italiano entendia alguma coisa, assim como de inglez e hespanhol, em virtude da sua intimidade com os negociantes d'estas nações. Sem demora deitou ao abbade um olhar mortifero, e voltando-se mais para elle, chapou-lhe muito serio a memoravel sentença:

Bellum est sua vitia nosse!

Um salto do compilador de notas, e o risito

[1] Pergunto, qual é o motivo porque tão de repente amansaste? Philippe estropia a phrase, dizendo *mansus est* em vez de *mansuetus fueris!*

amarello do commendador ao epigramma classico, recompensaram o capitão da sua fadiga litteraria.

Philippe, obedecendo aos repetidos signaes de Lourenço Telles, tinha arrastado um tamborete, e procurando a melhor posição, não reparou que um dos pés ameaçava a cauda de *Minete.* Ao sentar-se cahiu em pêso sobre ella, e arrancou ao martyrizado gato os lamentos que retalhavam o coração do sabio commendador. Este, desesperado, agitou-se, fazendo por sorrir, e consolando a victima, disse ao mesmo tempo com agrado ao seu hospede:

—Não é nada! Agradeço infinitamente o seu incommodo! Toma um copo de vinho, uma colhér de doce? Se me fizesse o obsequio de se chegar mais... sou um pouco surdo.

Era o meio delicado de salvar o gato de segundo encontro; porém o raio foi cahir mais longe. Ainda não tinha dito estas palavras, já uma especie de terremoto abalava a columna na sua peanha, sacudia a gaiola, e derrubava o papagaio de cabeça para baixo. Philippe voltou-se admirado, ao passo que Lourenço Telles, branco e convulso, exclamava: «Santa Barbara!» precipitando-se em soccorro do papagaio. Chegou tarde porém; a mão nervosa do capitão já tinha posto a ave no poleiro, magoada mais do soccorro, do que da queda.

—Pelo que vejo o senhor commendador é amigo de brutos?—perguntou Philippe, lim-

pando a lingua aos cantos da bôcca, e introduzindo a furto um rebuçado de tabaco.

—Sim senhor, sou curioso—replicou o velho com certa finura ironica.—Já criei quatro cães, oito gatos, e tres papagaios. *Minete,* que vê, é bisneto da «Sultana» que trouxe de França na minha ultima viagem. Estou com muita pena! Morreu o meu saguim de uma colica de uvas...

—São animaes friorentos! Sabe? Este seu papagaio não é mau. Fala bem?

—Ensinei-o eu!

—Pois, senhor, eu se o apanhasse no Brazil, quando fui á rossa em Minas Geraes...

—Não o deixava escapar?...

—Está brincando! Sal, pimenta, e espeto com elle! olhe que é um boccado saboroso.

—O senhor come papagaios?—acudiu o Commendador espavorido, e abanando as mãos para chamar o sangue ás extremidades.

—Cômo, sim senhor, e tambem macacos. Digo-lhe que são gostosos. Parecem crianças assadas!—E Philippe ria-se com visivel satisfação.

—Que homem!—disse o abbade recuando a cadeira, em quanto os olhos azues do seu amigo se espantavam com assombro.

O capitão estava tão contente, que julgou magnifica a sensação causada pelas suas opiniões quasi anthropophagas.

—E' verdade—continuou com certo orgulho.—Prefiro o papagaio. E' carne vermelha, aromatica, e saborosa, quero ensinar-lhe a co-

sinhal-o. Supponha o senhor commendador que matamos este. Agarram-se-lhe as azas...

A acção ia seguir a palavra, quando Lourenço Telles, seriamente assustado, lhe suspendeu brandamente o braço, dizendo:

—Então o senhor pretende matar-me o papagaio?

—Por ora não. Era para dar idéa...

—Mas eu não gosto de ideias; digo, não gosto de guizados exoticos.

—São scismas. Vai do costume! Na America, por exemplo, quando me deram carne de cobra a primeira vez, nem á mão de Deus Padre. Depois de costumado...

—Ás cobras? Tambem come serpentes!—murmurou o commendador, estupefacto.

—O congro é peior. Pois o lagarto? Delicioso! Branco e tenro como frango.

—Este homem, se entra na arca de Noé deixa só os ossos!—rosnava o abbade.

Lourenço Telles torcia-se como um parafuso, e reprimia a custo o que lhe vinha á bôcca. Vendo os olhos do hospede fitos no gato com certa complacencia, disse-lhe rindo:

—Ia apostar que tambem diz que não desgosta de gato, e que é bom?

—De certo. Parece lebre. E em mojangé, asseguro-lhe que se grita por mais.

—*S'il a le cœur aussi dur que la tête, nous sommes perdus!* [1] —observou o commendador

[1] Se o coração do homem é duro como a cabeça, estamos perdidos.

ao abbade, que respondeu com um gesto de acquiescencia. E tocando a campainha com força, virando-se para Philippe, disse:

—Vou mandar chamar a senhora. Ha de estar anciosa de o vêr.

—Estou ás ordens do senhor commendador.

A cortezia refinada do erudito penava a fogo lento. A entrada do capitão, o seu latim salpicado, e as violencias commettidas contra o gato e o papagaio, a par da nauseabunda saliva do tabaco, e dos cruentos dogmas a respeito da arte da cosinha, causavam-lhe um tedio e uma afflicção, que o cobriam de suores frios, inspirando-lhe a deliberação de sacudir, pela porta, ou pela janella, o grosseiro personagem, introduzido em sua casa com tanto desafogo. Mas, escravo da polidez, levou a heroicidade a ponto de continuar o dialogo.

—Viajou muito, segundo observo?

—Menos mal! Tenho visto meu boccado de mundo. Andei pela China, pela India e pela America... mas como o senhor commendador ainda não vi senão uma pessoa.

—Lisongeia-me! E em que me pareço eu com ella?

—Em ser um janeiro penteado.

—Com effeito?

—Pelas sete orelhas de Belzebut! Aposto que o senhor commendador não morre antes de encommendar a mortalha para ir como um palmito para a cova!...

Lourenço Telles agradeceu o insulto como se fosse elogio. Estava ardendo, mas reprimia-se.

—Acha-me exotico?

—Nada! Acho-o divertido. Assim embonecado e com os pés na tumba, sabe quem me parece? O Rajá de Singapura! Com noventa annos feitos deu-lhe em casar com uma rapariga de quinze. Mas dois dias depois afundouse de uma vez.

O abbade desatou a rir e o commendador acompanhou-o, visto não haver outro remedio

N'este momento Jasmin, o criado francez de Lourenço Telles, entrou na sala, participando que a senhora vinha já. Jasmin era muito formalista, e dez annos mais novo do que seu amo. Trazia na cabeça uma cabelleira immensa, tendo comprado a mais farta de que teve noticia.

D'ahi a pouco entrava na sala a senhora Magdalena da Gama, e o commendador sahia encostando-se ao braço do abbade, precedido por Jasmin com o papagaio nos braços, e seguido de *Minete*, que se retirava magestoso com as honras da guerra. Lourenço Telles ao pé da porta viu o padre frei João, e a despeito da sua polidez não pôde conter-se, que lhe não dissesse:

—Padre mestre, o seu amigo é um homem inaudito. Come lagartos e papagaios; desfecha em latim com as pessoas que não conhece; e vem a minha casa chamar-me janeiro penteado, e outras miserias mais. Por um segundo que não almoça o meu papagaio. Não gosto de o ver com a senhora. Em todo o caso Jasmin não o perderá de vista.

Ce monsieur du lion-lá
Est parent de Caligula

Ah, inimitavel Lafontaine! Até logo, frei João; é nosso hoje?

O frade abaixou a cabeça, e encolheu os hombros.

—Valha-me Deus com Philippe! Hão de sempre vir a parar n'isto as suas graças!

E foi atraz do commendador para lhe desvanecer os preconceitos.

Entretanto no honrado Philippe o coração era melhor do que a cabeça.

Vendo sua mulher com o luto de viuva, e lendo-lhe no rosto as saudades e lagrimas de muitos annos, custou-lhe a reprimir-se para não a apertar logo nos braços. Passou-lhe da ideia a novella que tinha urdido, e faltou-lhe o animo para exacerbar a dôr nas chagas vivas d'aquella alma contristada. Em presença de Magdalena esqueceu-se do que soffrêra, e lembrou-se do muito que a sua ausencia a fizera padecer. A felicidade que o mundo póde dar promettia sorrir-lhe n'aquelles olhos ainda bellos, quando os enxugasse; chamava-o por a bocca fiel em guardar os juramentos que uma vez pronunciava. Confuso e perplexo, o capitão ora olhava para o chão, ora embebia a vista em sua mulher, scismando sobre o que devia dizer.

Depois de breve pausa Magdalena rompeu o silencio:

—Aqui estou, senhor. Venho receber da sua

bocca a vida ou a morte. Frei João disse-me...

—Frei João é um asno!—exclamou Philippe.—Se lhe disse que seu marido era morto, enganou-a. Posso jurar-lhe que está vivo; e ninguem o sabe melhor do que eu.

Magdalena levantou os olhos com viveza, mas não os fitou na pessoa que lhe falava. Percebia-se comtudo que o som da voz a fazia estremecer.

—Frei João é incapaz de mentir—respondeu com alguma severidade.—Apenas me informou do que tinha chegado da India um amigo seu e de meu marido, que Deus haja.—E com um suspiro Magdalena accrescentou:

—Frei João disse-me depois que havia esperanças vagas... Em fim, que noticias exactas só o senhor as podia dar.

—Frei João falou bem—acudiu Philippe com enthusiasmo.—Mais exactas ninguem, senhora Magdalena. Ora diga-me: tinha muito apego a seu marido?

—Ah, senhor!...

—Não ha rosa sem espinhos, bem sei; Philippe é vivo, mas póde ter casado na India...

—Meu marido sabia que tinha mulher e filhas, meu marido não casava. E o senhor se fosse amigo d'elle, tambem não dizia essas coisas á sua viuva.

—Salva tal agoiro! Mas se lhe affirmo que Philippe não morreu! E' boa teima! Acredite, senhora Magdalena, o seu homem não tem maior amigo do que eu e frei João. Acredite. Mas a verdade primeiro. Philippe escapou

duas vezes por milagre, está vivo e são, e volta qualquer dia...

—Bemdito sejaes, meu Deus!—soluçou Magdalena, levantando as mãos com effusão. —Agora, Senhor, já me podeis levar, que não faço falta. Minhas filhas têem o amparo de seu pae!

E as lagrimas d'esta vez serenas correram de alegria por aquellas faces, que o pranto cavára tantos annos.

—A senhora Magdalena é boa mulher de seu marido, é excellente mãe de suas filhas, e Deus lh'o pagará!—disse o capitão, que sentia os olhos arrasados de agua, e que roia as unhas para disfarçar.

—Cumpro o meu dever.

—Só por dever não se ama assim. Extremo é mais do que dever.

—Amo-o com a ternura que a mulher deve ao esposo da sua alma, ao pae de seus filhos, á alegria de seu coração... Não sei que haja no mundo maior extremo.

—Esquece o amor de mãe?

—Tem razão. Póde ser que estremeça mais a minha Cecilia, talvez ame tanto a minha Thereza.

—Hem! Sabe que Philippe está velho, rabujento, e sovina? é verdade.

—Acha leve a sua cruz, para elle a trazer sem tristeza e enfermidade? Quinze annos de trabalhos, ausente de mulher e filhos, exposto a tantos perigos mortaes, um rapaz (quanto mais elle que já não era moço) não o sup-

portava sem ficar velho e desenganado, sem perder o gosto do mundo, como eu perdi.

—Pois minha senhora... Faz favor de olhar para mim! Que tal me acha?

—Eu? O que hei de achar?

—Perdôe, alguma coisa ha de achar por força. Que tal lhe pareço? diga sem ceremonia.

—E' boa! Muito bem.

—Esperto e bem conservado? Hum? Graças a Deus sempre rijo e valente, e mesmo pobre como Job, alegre que nem um passarinho.

—E' a maior fortuna que póde ter.

—Diz muito bem, senhora Magdalena. Que lhe palpita esse coração de um marido nos meus termos?

—Senhor capitão! Lembre-se de que sou a mulher de um amigo seu!

—Lembro, lembro. Aqui para nós, Philippe não merecia uma senhora tão virtuosa... E' um maganão!

—Se para isto desejou falar-me, ha de permittir...

—Não permitto. Quero, e mando que fique. Tenho direito...

—Caia em si, veja o que diz. Sinto ser obrigada a observar-lhe que tem pouca delicadeza de sentimentos. Como senhora, deve respeitar-me; como mulher, e mulher infeliz de um amigo seu, devia ter compaixão de mim. Entretanto ha meia hora...

Phillippe estava extasiado; mas ainda lu-

ctava para não revelar o incognito. Em fim não se pôde ter, e no estribilho popular disse estas palavras da cantiga:

> Ai, esposo da minha alma,
> Ai, triste de mim sem ti!
> —Que darias tu, senhora,
> A quem n'o trouxera aqui?

Magdalena escutou com sobresalto a cantiga de seu marido. Via-se que os olhos anciosos adivinhavam o segredo, mas que receiava enganar-se ainda.

—Ha meia hora que te falo, e não me ouves; que te chamo, e não me respondes? Magdalena, o que davas tu a quem trouxesse teu marido aqui? Um beijo por ti, outro por nossas filhas, querida mulher... Deus não quiz que morressemos separados, quando sempre vivemos unidos.

—Philippe! Philippe! marido da minha alma!

—Muito mudado estou, pois nem minha mulher me conhece aqui.

—Agora, agora! Sinto, conheço!...Perdôa. Custava-me a crêr tanta felicidade. Estou costumada á desgraça, Philippe!

—Pois julgaste, querida mulher, que outro primeiro do que eu havia de dizer-te que teu marido vivia? Olha o teu annel, lembras-te? O retrato de nossa filha, vêl-o?

—O coração devia dizer-me, os olhos deviam ver, esposo da minha alegria. E duvidei! Meia hora pude estar ao pé de

ti sem te conhecer! A voz tinha-a na alma, mas as feições é que não me pareciam tuas. Estás tão mudado, tão branco, barba e cabellos! E não admira. Com tantos trabalhos!... E eu pareço a mesma?

—Estás a mesma, a mesma és sempre; a minha santa mulher! Que é de nossas filhas? Quero vêl-as, quero beijal-as. Estou sôfrego. Duas vezes que tive a morte ao pé de mim chamei por ellas e por ti, primeiro que chamasse por Deus!

—E sem Deus, estavas commigo agora? Fizeste mal, Philippe.

—Magdalena, tens razão. Vamos vêr...

—Hoje achas só Thereza, Cecilia está em Santa Clara.

—Não por freira, espero em Deus. Louvada seja a Providencia, temos cabedal para nossas filhas ambas. N'este momento a porta da sala abriu-se, e o commendador entrou pelo braço de frei João dos Remedios, que vinha contendo o riso. O abbade seguia-o, solemne, pausado e taciturno como sempre.

—Então, minha sobrinha, falou bastante de seu marido com este senhor?—perguntou Lourenço Telles, sentando-se na cadeira.—Trouxe-lhe boas noticias. Como se demorava...

—Ah, meu tio, trouxe-me a consolação unica que podia ter n'este mundo. Trouxe meu marido!

—Seu marido?—exclamou o commendador estupefacto—Onde está?

—Aqui, em corpo e alma—atalhou Philippe saudando-o.—*Ecce homo!* Este é o marido, e esta a mulher, falta a sua benção, tio!

—Seja feita a vontade de Deus!—gritou Lourenço Telles engulindo uma grande colhér de geleia para se reanimar.—*Post fata quiescit.* Sobre queda couce—murmurou contricto.—Sobrinho, esta casa chega, escusa de procurar outra.

—Obrigado, tio. Era a minha tenção.

—Mas podia não ser a minha. Agora, como parentes e com franqueza, vou pedir-lhe tres coisas.

—Diga, tio.

—Não coma deante de mim cobras nem gatos. Quanto ao papagaio...

—Fica perdoado? Concedido tio, e eu ganho por cima. Preste-João!

Um negro corcunda chegou-se.

—Leva o meu cão de fila á cella do senhor frei João, em S. Domingos; e depois volta, que tens que fazer.

—Ponho embargos! A minha célla não é covil de féras.

—Cala-te, frei João, não sejas criança. Deixa-me viver bem com meu tio.

—Agora, sobrinho, tenho a honra de lhe apresentar o senhor abbade Silva, erudito respeitado de toda a côrte, e auctor de varias obras—acudiu o commendador quasi abrandado.

—Sou um seu admirador.

—Espere! Iam-me esquecendo duas coisas

essenciaes. Se lhe não custar, fale-me sempre em portuguez, e se quizer mascar esse nauseabundo tabaco...

—Mau!—resmungou Philippe.

—Póde mascal-o...

—Bem!—exclamou o capitão reanimado.

—Na cosinha, ou no quintal. Na minha sala, nunca.

—Amen! Se dá licença, tio, adeus até ao jantar.

—Sem ceremonia, se acaso se desgostar do papagaio...

—Vossa mercê come-o?

—Nada, dou-o de presente.

—Tenho uma arara, e gostava...

—Veremos! A casa é grande; é natural que chegue. Adeus, filhos, vão; estejam á sua vontade.

E vendo-os sahir, accrescentou:

—Então que diz a isto o nosso frei João?

—Que altos são os juizos de Deus!

—E o abbade?

—Que vai tudo bem, e melhor iria se seu sobrinho soubesse mais da terra, e menos do mar.

—Pois eu digo que ha meia hora tinha vontade de o deitar da janella abaixo; fez um barulho incrivel, padre mestre! Mas agora...

—Commendador, veja...

—Agora, para que hei de mentir? Acho-o bom homem e de excellente coração. No fim de tudo queria obsequiar-me... Ha de polir-

se; ha de polir-se com o uso da côrte. Jasmin! Hoje é festa n'esta casa. Jantam cá o abbade, o senhor frei João, e meu sobrinho Philippe... quero um ou dois pratos da tua mão. Um dia não são dias.

CAPITULO VIII

Pelo amor se ganha o ceu!

Catharina e Cecilia conversaram muito tempo, no jardim, e na mais intima confidencia.

Desmaiou o sol na copa das arvores; principiou o ceu a empallidecer com as primeiras sombras do occaso; e a cantiga dos rouxinoes foi adormecendo em notas expirantes, até se calar de todo. Vinha proxima a hora em que a terra se banha na luz pallida do crepusculo.

Entretanto, nem os raios do sol já decorados, nem o bulicio nos tufos de myrto e nos taboleiros de flôres, nem a alegria das companheiras, que passavam a rir e a correr por deante d'ellas, desapertavam as mãos ás duas amigas, ou lhes seccavam as lagrimas que fugiam quasi desapercebidas pelos olhos de ambas.

Algumas vezes as rosas coravam-lhes o rosto; e logo depois vinha a pallidez da commoção afugental-as. O mundo para ellas en-

cerrava-se no coração que vivia do fervoroso amor, que a esperança inflamma de saudades.

Cecilia foi a primeira que fez um estorço, e que rompeu a fascinação d'este colloquio.

Levantando-se de repente, e arrancando a mão d'entre as da sua amiga, olhou com viveza em redor de si; Catharina seguia com sobresalto.

Apenas entraram na rua principal do jardim, viram a regente e um padre da Companhia de Jesus.

O modo inquieto e escrutador com que observavam tudo, sem alterar a solemnidade dos passos, indicava o seu cuidado.

—E' soror Monica—exclamou Cecilia.

—E' o padre Ventura!—disse Catharina com alvoroço.

—Não te dizia eu?—tornou a primeira.

—Não sabes, que desespera quem espera?—respondeu a segunda.

A presença de um jesuita no jardim de Santa Clara, e sobre tudo nas horas de recreio, era acontecimento pouco ordinario. Parecia evidente comtudo que sua paternidade tinha merecido as sympathias das noviças e educandas, porque, em logar de fugirem d'elle, procuravam-o, beijando-lhe a manga, e fazendo-se vermelhas, quando tocava de leve com o dedo na face de alguma.

Havia já tres mezes que o conheciam, e sabendo a qualidade de visitador e reformador, em que fôra investido pela Santa Sé, (o que o trazia ao convento repetidas vezes) im-

ploravam a sua intercessão, sempre efficaz, para mitigar o rigor dos castigos.

Sua paternidade não se escusava, e salvo um pequeno sermão á paciente, accudia sempre em auxilio das opprimidas. Assim tinha attrahido a confiança d'aquella feminina população, que, debaixo do glorioso pendão de S. Francisco, caminhava pela estrada da graça e salvação.

Cecilia não podia demorar-se muito na mesma ideia. Em quanto o padre e a regente mediam as passadas, virou-se para Catharina e disse em ar magoado:

—Hoje morre á sêde a minha roseira branca!

—E o meu craveiro amarello?—respondeu Catharina.

—Olha—accudiu Cecilia—o padre já nos viu, e chama-nos! Então! Eramos nós a quem procurava?!...

—A ti, póde ser; mas a mim, porque?

—Não sei; mas é a ambas. Olha o dedo da regente como um ponteiro... Estás desenganada?

E partiram ligeiras e airosas como duas graças, que fugissem ao bello grupo de Canova.

No meio da lameda encontraram o religioso e soror Monica. O jesuita por caridade encurtava o passo para não estafar a pobre freira, á qual o cansaço tomava a respiração. A sciatica não concorria menos para tornar deseguaes e lentos os seus movimentos.

Sua paternidade, desde que chegou a distancia propria, falava á freira com os labios,

e ás duas amigas com a vista; e justo é accrescentarmos, que a linguagem muda dos olhos foi mais eloquente do que as doutas palavras da homilia.

—Vae muito bem, leia a madre Santa Thereza, que lê um santo livro. Grande doutrina! ...A *Mystica Cidade de Deus* tambem. Vou mandar-lh'a com os *Exercicios* do nosso patriarcha Santo Ignacio... Bons guias lhe dou n'elles para acertar no caminho da graça... Mas aonde está esta querida soror, a madre abbadessa?

—Já lhe mandei recado, e são horas de ter acordado da sua sésta—respondeu soror Monica no tom plangente e precioso, caracteristico das freiras velhas.

—O peior é demorar-se... Se tivesse a bondade, soror Monica! Se repetissemos o recado!

A regente exhalou um suspiro capaz de commover um Adamastor, accrescentando com enfado:

—Não percebo, padre mestre. Vossa paternidade não é pessoa que se faça esperar... Eu mesma vou. Meninas, fiquem.

—Os deveres d'esta santa casa desculpam tudo—observou o jesuita, sorrindo-se. Não lhe era desconhecida a lucta capitular, que fizera inimigas mortaes as duas veneraveis religiosas, e tinha boas razões para se limitar á mais perfeita neutralidade.

Soror Monica retirava-se, quando Cecilia e Catharina chegavam ao pé do jesuita, e beijando-lhe a manga tomavam a sua benção.

Apenas a regente chegou a certa distancia, o padre Ventura deu uns passos para ellas e, pegando na mão a ambas, respondeu á saudação com bondade paternal.

A sua voz era entre séria e jovial. Toda a intenção estava na vista, segundo o costume.

—Deus as faça umas santas, filhas, e as abençôe! Então, D. Catharina, vamo-nos alegrando mais? Estamos conformados com o habito, ou ainda ha saudades do mundo, que não nos deixam amar a Deus, unicamente como boa religiosa?

Catharina córou. Tremula e confusa não respondia; mas Cecilia accudiu com a impetuosidade costumada:

—Vossa paternidade entende que Deus quer promessas superiores ás nossas forças?

—Cecilia!—interrompeu a sua amiga.

—Ah, a minha doutora!—observou o jesuita com o seu riso fino.—Respondo com outra pergunta: ponha o caso em si a minha donzella Theodora, e diga: se tivesse de escolher entre os deveres de boa filha, e a illusão dos sentidos, que o seculo chama amor, deixava morrer seu pae, ou obedecia-lhe, sacrificando-se?

—Não ha pae que morra da felicidade de sua filha.

—Muito bem! Compara então a gloria de servir a Deus com a alegria fallivel, que illude os homens?

—Meu padre, só digo o que me ensinaram. Deve-se amar a Deus sobre todas as coisas, e depois a nossos irmãos como a nós mesmos.

—Excellente! A doutrina aproveita n'esta casa—redarguiu o padre no mesmo tom. Depois tornando-se grave accrescentou:—D. Catharina, meditei sobre o seu caso, e communiquei-o sem revelar a pessoa, entende-se, aos mais sabios dos nossos padres. E' verdade. E o que julga que disseram?

—Que devia professar?

—Respire. Não foi tanto; disseram que entre o amor de Deus e o amor dos homens não era rasoavel a preferencia. Não acha tambem?

—Decidem então que não posso escolher?

—Tambem não. Distinguem! Os nossos casuistas são agudos em distincções! Se o coração se entrega exclusivamente a Deus, temos a vocação sincera, e o esposo espiritual acceita a esposa. Mas se a alma recáe nas saudades do mundo, e se lembra da terra, Deus não quer, Deus não permitte um vinculo, que a bôcca fórma e o coração desmente. Não é este o seu caso, D. Catharina?

—Ah, padre Ventura! Sou indigna da graça de Deus, bem vejo!

—Afflictos nos vemos! Ora pois; animo e resignação! Entre dois males irremediaveis, optar pelo menor é o dever do christão. Deus não quer impossiveis. Amor e obediencia á sua lei é o que elle ordena. Abraham não matou a Isaac... Medite n'este exemplo, humilhe-se, e tenha fé.

—Bem humilhada estou na presença da minha fraqueza! O que posso fazer, se Deus me não chama, se o meu coração é escravo das

prisões do mundo? E meu pae, o que dirá meu pae se chega a saber?...

—Seu pae não é um tyranno, ha de conformar-se com a vontade de Deus. Uma alliança virtuosa e honrada é santa aos olhos da infinita bondade. Nem todos podemos servir a Deus da mesma maneira.

—Ai, padre Ventura! Conhece meu pae, e sabe a firmeza da sua vontade. Disse uma vez que não me podia casar, e essa alliança...

—Ha de fazer-se... As coisas mudaram, e não seu pae, D. Catharina. Uma affeição honesta, em que o envergonha? O conde suspira pelo momento de possuir uma esposa virtuosa; sei-o; disse-m'o elle. Havemos de convencer seu pae. O conde de Aveiras, amigo e valido do principe real, que ámanhan (quero dizer), que de um instante para outro (altos juizos de Deus!) póde subir ao throno...

—Vossa paternidade não ignora a ingratidão da côrte, e a nossa familia...

—Sei tudo, filha! Mas confiemos. Um genro poderoso vale muito, e seu pae tem prática do mundo, e percebe as coisas. Esteja certa que não resiste. Peço oito dias...

—Oito dias? E julga vossa paternidade que meu pae approvará?...

—Approva.

—E Deus?

—Lembre-se que padeceu para a salvar, e veja se ha de querer um sacrificio superior ás suas forças? Diga; e se houvesse meio de conciliarmos as duas coisas, servindo a Deus,

e vivendo no mundo, ficava mais tranquilla?

—Oxalá, meu padre!

—Dê a Deus as graças, porque o meio existe. O habito não faz o monge, tem ouvido; e a verdadeira clausura é o recato da alma, e a innocencia do coração. Com o vestido secular e a liberdade do corpo póde ser escrava de Deus. Temos os exercicios para mortificar o espirito, a obediencia a superiores espirituaes para nos impor um vinculo sagrado. Ha a abnegação da pessoa e da vontade no interesse, santo interesse! de muitos... e tudo isto faz o sacrificio completo. Se quizer, D. Catharina, será mulher de seu marido e esposa de Deus, quanto á graça da perfeita religiosa...

—Aonde, e de que modo, padre Ventura?

—No instituto do patriarcha Santo Ignacio. Póde ser terceira da sociedade de Jesus. Quanto ao mais creia em Deus e tenha esperança. A paciencia vence tudo.

O padre duplicou a força a esta promessa com um gesto magestoso e expressivo. Virando-se depois para Cecilia, accrescentou em tom jovial:

—E a nossa menina bonita o que nos diz? Não ha n'esse coração pequeno e alegre nenhum peccado escondido de que se confesse?

—Ai, padre visitador, nenhum!—respondeu ella vermelha como uma rosa, e dando á bocca o meio sorriso travesso, que a tornava tão engraçada.—Não tenho amores; ninguem me quer.

— Sim? Que loucos são os homens? Pobre freirinha! Vou dar-lhe uma noticia para a consolar.

— Não estou triste!

— Ainda bem. Lembra-se de seu pae?

— Oh muito! — accudiu Cecilia, cahindo logo em melancolia reflexiva. — Tenho-o presente como se o visse. Olhe, padre mestre, quantos são hoje do mez?

— Porque?

— Porque fará doze annos agora que elle me teve nos braços, e me beijou a ultima vez. Querido pae! Não tornou... Mal sabia eu que se despedia para sempre!

— Engana-se, ha de vêl-o.

— No céu. Era bom, e lá estará.

— Esperemos em Jesus Christo, que lá iremos todos. Mas seu pae, Cecilia, não morreu...

— Meu pae? E vossa paternidade não me dizia nada! Oh! a minha mãe, a minha querida mãe!...

— Então! São coisas que não se levam a chorar. Lagrimas e desmaios? E para a tristeza o que reserva? Alegrias taes, quando Deus as manda, eleva-se o espirito, e acceitam-se com jubilo.

— Tambem se chora de alegria! Meu pae vivo! Tornar ainda a vêl-o!

— E mais depressa do que julga. Está em Lisboa em sua casa. Chegou hoje; e é natural que logo venha aqui. Como ficará satisfeito de vêr uma filha... digna do seu amor, se proceder bem.

— Ah, padre Ventura, se elle soubesse! Catharina querida, agora mais do que nunca preciso da tua amizade. Diz-me o coração que chegou a hora...

— De alguem lhe ter amor?—atalhou o jesuita em tom malicioso. Depois, assumindo o seu ar serio, proseguiu:—D. Catharina percebe, e eu entendo. Socegue. O conde de Aveiras é o maior amigo que tem um cavalheiro moço, que a viu em S. Domingos faz hoje cinco mezes, que lhe declarou o seu amor uma sexta feira á noite, aqui n'este jardim, quinze dias depois, e que hontem, ainda hontem, lhe escreveu por certa beata uma carta para lhe dizer que vinha ao convento esta tarde, custasse o que custasse... Não é assim, D. Catharina?

As duas meninas olharam uma para a outra pasmadas e confusas; e o padre Ventura não pôde suster o riso, apesar da sua gravidade. Nenhuma se atrevia a falar de envergonhada.

— Admiram-se? São milagres da nossa roupeta! Cecilia, não censuro, nem approvo. Os jesuitas, ha de convencer-se, são melhores do que diz a madre abbadessa, que é uma santa pessoa...

— Mas quem revelou a vossa paternidade?...—interrompeu Cecilia com as faces a arder.

Provavelmente quem o sabia. Filha, nada se faz que se não descubra. Repito; não condemno, nem approvo, entenda-me! Isto não é o

casamento de D. Catharina. Conhece o amigo do conde de Aveiras? Se não sabe, suspeita quem é, e o que ha de vir a ser?...

—E' o homem que amo! Não sei, nem preciso mais—atalhou Cecilia em um repente de enfado.

O jesuita olhou para ella, leu no seu rosto a verdade e a innocencia e meneou a cabeça mais pesaroso do que severo.

—Ah, Cecilia, receio que a sua morte ou a sua desgraça proceda do coração. Já tem edade, medite. Olhe que o sacrificio é grande aos olhos de Deus, e immenso aos olhos do mundo.

—Vossa paternidade assusta-me!—exclamou Catharina, a quem não escapou a intenção do Jesuita nas ultimas palavras.

—A verdade assusta sempre, filha—respondeu elle.—Se a sua amiga soubesse o que fazia, o mal era menor. Antes de entregar assim a alma, devia saber a quem. Deus permitta que se não arrependa, e depois chore. Não digo mais; não sei senão isto.

—E eu—accudiu Cecilia exaltada— sei que o amo, e que sou amada. Que não terei esposo, ou que será elle...

—Valha-me Deus! Quer fazer-me seu confidente? Não entendo paixões mundanas. Confessor posso absolver da culpa, uma vez que o coração erre, mas seja bom, e o seu é bom, Cecilia; oxalá que a cabeça assentasse um pouco! Como amigo digo-lhe que fez mal, que faz muito mal em se fiar nos olhos. Lembre-se de

seu pae, veja o desgosto de sua mãe... Sobre tudo cuidado com o mundo, respeite o mundo. Quanto ao mais, Deus é menos rigoroso do que alguns theologos... e os exemplos não faltam. Se a culpa aproveitar a nossos irmãos, se a mentira os salvar, peccamos, é certo, mas o peccado anda proximo da virtude... Um instante de sincera contricção o lavará. Judith tambem peccou, gloriosa culpa, que deu a liberdade do seu povo! Nada é absoluto n'este valle de lagrimas; e se fossemos todos perfeitos, eramos uns santos. Mas devéras não sabe quem é o amigo do conde de Aveiras?

—E vossa paternidade?—exclamou Catharina.

—Eu?! Se lhe estou perguntando? Cecilia, tracte de se confirmar na verdade. Olhe para a sua consciencia, e lucte emquanto tiver forças. Se não puder vencer-se, procure então remir o peccado exercitando-se na virtude. A voz do mundo não diz sempre a verdade; ouça a voz do céu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios do que os fins.

—Não entendo, padre Ventura!—replicou Cecilia ingenuamente.

Entenderá um dia. Não é a madre abbadessa que alli vem! Pois sim, filhas, ha diversos modos de ganhar o céu. Cecilia, a verdadeira virtude não está na bocca do mundo; D. Catharina, lembre-se do que lhe disse do nosso instituto. Amem e esperem ambas, e serão sal-

vas!... Ora venha a nossa querida abbadessa, já nos ia tardando.

—Vossa paternidade sabe o pêso da minha cruz!... Deus m'a tire de cima dos hombros! —exclamou a freira com maneiras beatas e affectadas.

—Louvado seja elle por tudo!

—Aonde quer vossa paternidade que o receba?

—Aonde lhe fôr mais agradavel; não escolho.

—Meninas, sabem que a hora do recreio acabou. Beijem a mão do senhor padre Ventura, e peçam-lhe venia...

—Dá licença, querida abbadessa? Cecilia ha de receber um recado de sua casa. Seu pae, que diziam morto, está vivo, e chegou a Lisboa.

—Deu graças a Deus por tamanho milagre, Cecilia?—exclamou a freira.

—Já cumpriu os seus deveres. Agora parece-me que não ha inconveniente em a deixarmos ver o seu parente. Creio que é parente?...

—E' primo!—atalhou Cecilia intrepidamente.

—Seu primo—repetiu o padre com egual denodo.—Naturalmente não são coisas que se digam deante de todos em um locutorio. A gravidade do negocio desculpa...

—E onde está o seu parente, menina?—interronpeu a abbadessa.

—Na grade, segundo me informam—observou o jesuita.—E' melhor irmos para a casa

da secretaria, que póde reputar-se *extra clausura*; e deixaremos os os dois primos em liberdade... Bem vê que este caso sáe da regra.

—Mas é contra o uso. Entretanto vossa paternidade manda! Menina, vá subindo; eu dou as ordens. Assistirei á visita.

E tomando pela rua que ia á porta reservada, o padre Ventura mostrou que sabia perfeitamente o caminho. A abbadessa seguia-o, rosnando:

—Não percebo este breve de Roma, nem, a tal visita! O padre santo não podia nomear o nosso guardião em logar d'este jesuita? Nossa Senhora nos accuda!

—Não, soror—disse o padre virando-se com ar severo—Sua santidade sabe que não é permittido ao guardião ser juiz em causa propria. Não se esqueça, peço-lh'o, de que não peccamos só por obras; por temeridade de pensamentos ainda ás vezes se pecca mais... Cuidado em não cahir!

Esta ultima advertencia tinha dois sentidos. Podia referir-se á licção moral, que acabava de applicar, ou alludir sómente ao movimento sobresaltado que escapára á freira, colhida em flagrante murmuração contra o visitador.

Fosse o que fosse, sua paternidade continuou a subir a escada com o socego ordinario; e a abbadessa, corrigida pela finura do ouvido italiano, e seriamente assustada com o ar de auctoridade que vira assumir ao jesuita não proferiu uma só palavra.

Assim chegaram á secretaria do mosteiro.

CAPITULO IX

D'onde não se espera vem o bem!

As ordens foram cumpridas sem demora. Antes de Cecilia entrar na sala da secretaria, já o seu parente a esperava.

Este não estava sem inquietação. Percebia-se pelo passeio impaciente em que media o aposento, contando os minutos, pelo modo sobresaltado com que olhava para a porta em ouvindo ruido. Depois, é inutil dizer que se lhe abriu o paraizo no momento em que foi convidado para trocar a importuna publicidade do locutorio pela casa reservada em que podia falar sem ser escutado por freiras, ávidas de enredos.

Fôra violada a disciplina do convento. O favor que lhe concediam era excepção de que só gosavam os principes, os cardeaes, os bispos e os confessores da ordem. O saudavel terror, incutido pelo jesuita, conseguiu mover a veneravel abbadessa a auctorizar uma innovação, que ia ser o pasto saboroso das murmurações para as filhas de S. Francisco.

Logo que o primo de Cecilia entrou, fechou-se a porta sobre elle, e appareceram, primeiro a abbadessa e o padre Ventura, e logo a educanda, que veiu de volta.

Os dois religiosos, serios e revestidos da gravidade fria, que diz a um desconhecido que o recebemos, mas nos acautelamos, Cecilia, vivamente agitada, e comprimindo o tremulo coração com a mão ainda mais tremula.

Encontrando o olhar affectuoso, mas discreto, do hospede, a pobre menina sorriu-se com tanta suavidade e timidez, que o jesuita deixou escapar um gesto de receio ; mas ella, cahindo em si, pôde conter-se, e só os olhos explicaram tudo ao seu amante.

O parente de Cecilia inculcava dezoito annos, e talvez ainda não os contasse completos. Tinha o corpo bem proporcionado e esbelto ; a presença agradavel e insinuante, apesar dos ares de grandeza que tornavam quasi aprumada a sua estatura pelos altivos meneios. As sobrancelhas desenhavam uma curva muito viva ; excessivamente escuras e vastas talvez descessem pesadas de mais, carregando os olhos. As pupillas pardas raiavam luz tão clara, illuminando-se á menor commoção, que bem poucas pessoas poderiam soffrer, sem abaixar a vista, o relampago que as fulminava. Era a mesma força de magestade que deu a Luiz XIV a vantagem de aterrar com um volver d'olhos.

O rosto do mancebo, sobre o trigueiro e pouco rosado, era animado e nobre de feições,

e correspondia bem á expressão da vista. A testa elevada e espaçosa, estando serena reflectia a intelligencia, como inculcava a impetuosidade quando se contrahia. Os labios cheios e vermelhos, com o superior alguma coisa revirado, denunciavam caracter viril, e o beiço inferior muito mais grosso e descahido, indicava grande propensão aos deleites sensuaes.

Menos séria a bocca, aonde ás vezes a ironia se espiritualizava, podia adoçar repentinamente a severidade da physionomia. O nariz quasi aquilino não descahia na ponta, e as azas, bem vincadas e faceis de se intumescer, inculcavam um genio forte e irritavel. Em todo o seu aspecto lia-se uma vontade firme, um talento prompto, e grande constancia de ideias, capaz de degenerar em obstinação. A delicadeza da pelle e a finura das veias, azulando-se transparentes como finissimas sombras, provavam que o typo aristocratico se conservava ainda puro na sua familia.

Os cabellos sem pós nem peruca fugiam pelos hombros, enrolando-se em anneis de bello castanho claro. A mão pequena, cheia e macia, parecia mão de senhora. O pé airoso e pequeno pizava com graça; os movimentos respiravam elegancia e dignidade; as maneiras eram naturaes, e dotadas de exquisita distincção.

Bonitos dentes, brancos e eguaes, appareciam, quando sorria, no meio do carmim dos beiços, ainda córados de todo o calor da juventude. O seu porte revelava mais o fidalgo

e o militar, do que o plebeu e o negociante. Até a voz sonora tinha a firmeza de tom, e a inflexão imperiosa que dá o uso do poder ás pessoas affeitas a mandar, e não a obedecer.

Trajava casaca sem enfeites e bordados; porém a volta ornada de rendas preciosas, posta com desgarre, brigava com a modesta apparencia da vestia e dos calções.

O camisote de fina cambraia escondia-se mal a si e aos botões de brilhantes que o ornavam. Dois rubis de valor, esquecidos nos sinetes do relogio, desmentiam a simplicidade do resto do fato. A espada, boa folha de Toledo, propria para duello e bem lavrada, pendia de um pobre talim. A meia côr de rosa vestia justa, que parecia a estalar na perna; e os sapatos com rosetas ou topes de fita, não tinham que invejar aos de um fidalgo primoroso. No dedo brilhava um annel de tres diamantes, e a prezilha do chapéu accommodava-se á mediania do trajo. Mas a nenhum observador poderia escapar, que, privando-se de quanto faz a opulencia do vestido, o mancebo não se despira dos objectos inherentes á verdadeira aristocracia. A finura da roupa, e o valor das pedras accusavam-n'o de disfarçar uma posição muito superior em tudo ao que representava.

A sala, em que se achavam, tinha duas janellas altas, abertas em vãos profundos, uma quasi ao fundo, mas do mesmo lado da parede, e a outra, á ilharga da porta por onde entrára o primo de Cecilia.

Quem se recolhesse ao cubiculo formado pela primeira janella, nem via, nem era visto pelas pessoas entretidas no recanto da segunda.

No meio da casa levantava-se um enorme bufete de pau-santo torneado, carregado de livros e papeis de escripturação.

Defronte, na parede opposta ás janellas, estava um grande crucifixo sobre uma banqueta doirada, com duas lampadas accesas. Uma duzia de cadeiras de assento e espaldar de moscovia acabavam de vestir o aposento.

A vista do mancebo fitou-se primeiro nos olhos pequenos e sagazes, e na bocca sumida da abbadessa, que da sua parte não o examinava com menos attenção. D'ahi passou a estudar o rosto sereno e impassivel do padre Ventura; porém a vista d'este, firme e mais profunda, encontrou a sua sem se abaixar, e não disse, nem deixou adivinhar nada. A côr, subindo ás faces do primo de Cecilia, e a fronte carregando-se de repente, apenas chamou um ar de riso aos labios do jesuita. O seu aspecto era todo respeito e civilidade discreta; mas os olhos ousavam mais; e firmes declaravam que não havia segredos para elle, que sabia conhecer as pessoas, mas que se calava, e estava disposto a conter qualquer acto, ou palavra de que resultasse prejuizo.

A abbadessa, respondendo com uma sêcca mesura á cortezia pouco profunda do mancebo, rompeu o silencio.

—O senhor padre Ventura disse-me (expoz ella) que o senhor é primo d'esta menina, e traz

noticias de importancia... Entendemos ser mais conveniente este logar do que o locutorio para uma conversação de similhante natureza. Póde falar; mas de certo desculpará que o dever me obrigue a assistir.

O rosto do primo de Cecilia tomou de subito as côres do orgulho offendido; os olhos, a principio timidos, fuzilaram de colera; e teve de morder os beiços para reprimir a severa resposta que lhe subiu á bocca; mas conteve-se, e ficou calado.

Sómente, ouvindo citar o jesuita encarou-o de novo, e inclinou a cabeça. Era facil perceber que scismava no modo por que um padre, que não conhecia, adivinhava os seus segredos, e lhe servia de protector silencioso. Do jesuita a sua vista cahiu sombria e concentrada sobre a abbadessa, a quem se não dignou honrar com uma só palavra.

O padre Ventura, sobre tudo, o que temia eram as imprudencis, e achava o primo de Cecilia muito moço e muito irascivel, para subjugar as paixões deante da provocação deliberada de uma freira contumaz e quisilenta. Além d'isto lia nos olhos da educanda (e o padre visitador sabia ler no rosto dos outros como em livro aberto) que ella tremia eguaes receios, e presentia a tempestade proxima: por isso o jesuita, previdente e valedor, interpoz-se a tempo para evitar uma scena violenta, recorrendo, segundo o costume, aos mellifluos circumloquios, que ninguem empregava com mais habilidade.

—Se dá licença, veneravel irman—interrompeu—não acho inconveniente em ficarem os dois primos um instante sós. São negocios de familia, negocios caseiros, como se diz no mundo. Cecilia não é freira, e em rigor não se lhe póde applicar a disciplina. Depois, confesso-lhe que pouco me devo demorar, e vou communicar-lhe coisas que não devem passar dos seus ouvidos.

—Obedeço, padre visitador!—replicou a abbadessa com azedume.—São ordens de vossa paternidade, não posso faltar; mas sempre digo que lavo as mãos, e que não respondo senão por mim.

—E não faz pouco. Responderei eu pelo resto. Bem vê que não ha escandalo. Uma secular póde receber os parentes, e ouvil-os em termos honestos, á vista de pessoas maiores de toda a excepção. O perigo, respeitavel madre, o grande perigo são os abusos que desgraçadamente vemos em tanta casa de Deus; não falo d'esta, Deus me livre. Esperemos que dê um exemplo util, advertindo pela sua austeridade a relaxação das outras. O peccado irremissivel, como dizia, é converter-se a clausura em abrigo, em aprisco de amores profanos, e quasi publicos, abrindo-se os ralos dos locutorios ao vicio e á seducção. Eis o mal; mas ha de curar-se com a ajuda de Deus.

—Menina!—gritou a freira, convulsa e suffocada—sabe quem manda aqui? Já ouviu as minhas ordens? Veja o que o seu parente lhe quer, e peça-lhe licença depois para se retirar

immediatamente. Irá fazer as suas orações áquelle oratorio.

E o dedo da veneravel serva de S. Francisco indicava uma porta, fronteira á da entrada, que dava para a capellinha interior, aonde costumava fazer as suas devoções. Cecilia abaixou a cabeça; e o mancebo desfechou uma vista de mortal odio, que, se a freira a observasse, esfriava até ao coração.

O unico, a quem o rasgo de auctoridade da abbadessa não alterou, foi o jesuita, a quem a setta era apontada. Apenas um sorriso desprezador lhe fugiu pelos beiços, encrespando levemente os cantos da bocca.

Tornando a estatura erecta por um movimento cheio de magestade, não precisou senão de levantar os olhos para lhe abater a soberba, e a confundir.

E' verdade que a chamma nos olhos do padre brilhava tão viva ; é certo que o seu gesto era tão firme e poderoso, que o proprio parente de Cecilia, pouco affeito a deixar-se dominar, não soube encobrir as sensações, e recuou involuntariamente. Entretanto nem um dos musculos da face do jesuita se descompoz com a ira, se ira havia n'elle; nem uma só nota acre ou resentida lhe tremeu na voz; sómente, por effeito natural do sentimento da superioridade, a sua voz lenta encheu o aposento, sahindo vibrante e accentuada.

Approximava-se mais do timbre metallico do sermão; mas não revia a menor expressão

de colera ou de paixão. Era fria, pausada e grave como de costume.

—Cecilia—disse com a maior serenidade— póde ouvir e responder. Esteja em quanto lhe fôr preciso, e prohibo-lhe que deixe este quarto sem minha venia. Fale, que ha de ter muito que dizer e que saber!... Não lhe recommendo a modestia e a circumspecção, porque lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si e a esta casa. E' quanto basta.

—Vossa paternidade esquece que estou aqui, ou julga que já não sou a prelada d'este convento? — atalhou a abbadessa cheia de exasperação.

—Já lhe perguntei alguma coisa, madre abbadessa? Ou essa interrogação impropria involve a temeridade e desobediencia de querer pedir-me contas? Ora bem! Espero no Senhor que a soberba e a rebellião não achem guarida n'esta santa casa; mas se por desgraça se introduziram, temos na egreja de Deus o remedio... por mais altas e seguras que se julguem. Vamos, querida irman, não posso demorar-me.

Balbuciante e tremula a freira seguiu o padre visitador em tal estado, que fazia compaixão.

Viu o braço erguido, e tremeu que descesse sobre o convento. Aonde ha vontade e poder não faltam occasiões, e a consciencia accusava-a de graves negligencias. Decidiu-se, portanto, a evitar o conflicto, e a devorar a humilhação como aviso salutar.

Da sua parte o jesuita satisfeito da victoria, ou não fazendo caso d'ella, voltou á doçura habitual. Obtido o fim, e dada a demonstração, entendia optimamente que o meio de colher as vantagens não consiste em apertar de mais o arco.

Foi por isso, que os dois religiosos se retiraram ao cubiculo da primeira janella, deixando em plena liberdade a filha de Philippe da Gama e o seu amante, que, seguindo o conselho do padre Ventura, se recolheram ao vão, aonde podiam falar sem serem vistos e ouvidos.

A abbadessa e o padre desappareceram logo no recanto protector que os separava completamente da educanda e do mancebo.

CAPITULO X

Luz e sombra!

Apenas a freira e o jesuita desappareceram, o mancebo recuou, quiz falar, e fugiram-lhe as palavras; a alma esmorecia nos olhos, e a voz gemia nos labios em murmurios ternos.

No auge da commoção ajoelhou-se em silencio e cobriu de beijos os dedos rosados, que o levantaram brandamente, e tremiam de prazer entre os seus, que se iam fazendo mais ousados em os apertar.

Elle adorava-a com a vista, em que a paixão era eloquente com meiguice. A donzella no sobresalto do amante gosava o seu triumpho. Sentindo-se arrebatar contava pelas suas as pulsações do coração que batia alvoroçado com o d'ella, abrazados ambos na chamma, que arde tanto quanto é viva e vem de dentro.

O seu nome, que na bocca do mancebo era apenas estremecido por um suspiro, chegava-lhe aos ouvidos como suave exhalação. Inclinada e timida, não sabia de palavras que ex-

primissem o seu enlevo. Tinha ao pé de si o amante; roçavam pelos d'elle os seus cabellos; os olhos seguiam a sua imagem; aquelle espirito não via outra luz... Desfallecida de ternura, com as mãos a conter o seio palpitante, e com o doce nome nos labios, cedeu por fim ao tremor electrico, e deixou correr a alma atraz das illusões.

Expirando angelica doçura, a sua vista apagava-se a medo na sombra das assedadas pestanas, e em, deliquio pensativo, ora fugia de si mesma, entre o véu das palpebras descahidas, ora accesa de repente se illuminava raiando cheia de pudor. Os beiços abriam-se como o botão abre a flor, e, perfumados de fragrancia da innocencia, voavam a colher os suspiros do mancebo. Nas faces a côr a avivar e a sumir-se; na vista os desejos castos a esconder-se e a apparecer; na bocca o amor brincando no meio de rosas e rubins... Que fascinante enlevo!

Aquelles curtos momentos viram em rapto sublime o coração de um fundir-se no coração do outro; a vista embeber-se na vista, e unidos em espirito serem a mesma alma, o mesmo fogo, uma só paixão.

E' admiravel a expressão que dá ao rosto o enlace de duas almas extremosas, felizes de quanta ventura se póde gosar no mundo. Com a mão pendente, e a cabeça sobre o collo, Cecilia como que dizia: não fales!

Deslumbrado e vacillando, o mancebo, com os olhos expirantes, respondia: adoro-te!

Pelos beiços de ambos passava o ligeiro fremito, que é a melodia do affecto quando trasborda, e vem perder-se na palavra humana, incapaz de o traduzir.

Nos olhos de Cecillia raiou a esperança que brilha uma vez na vida. As pupillas humidas e as palpebras languidas, a uma e uma deixavam fugir as lagrimas, que são tão doces e amargosas, se a alegria as faz correr, e a saudade as recolhe depois como perolas.

Quanto tempo estariam calados nem elles souberam, nem póde dizer-se. Na vida ideal as horas não se contam. Sómente, serenado o primeiro impulso, acharam-se outra vez na terra, e deram o ultimo adeus ao céu.

A donzella, já pallida, já córada, tremia da commoção que a arrebatava. O corpo, se recuava um momento, era para, flexivel e gracioso, se debruçar mais para o mancebo. Esquecida e carinhosa a mão, thesouro de amor deixou-se prender entre os dedos convulsos do amante, e estremecendo com o fogo dos beijos, não fugiu...

A seducção dos olhos e o extasis da alma, espiritualisando o semblante, davam ao silencio da ternura, á quasi immobilidade cheia de delicias, uma expressão adoravel, que faria em vista d'ella pallidas e frias as caricias mais ardentes.

A bocca do mancebo, primeiro assustada, e ardente depois, cobria de beijos a mão de Cecilia; e mais audaz, por fim, quiz atrever-se das mãos ao rosto. Bastou um aceno para

a suspender. Ao mesmo tempo a voz da educanda, aquella voz infantil na frescura, maviosa na doçura e persuasiva como a paixão, veiu pôr termo á scena em que ambos gosavam e padeciam tanto.

No meio de um sorriso, cuja ironia doce era toda amor, a linda menina afastou de leve o amante, e inclinando a cabeça suavemente, exclamou com certa languidez:

—A's santas nunca se beija senão a mão. A bocca é para pedir a Deus pelos peccadores.

—Olha—exclamou elle arrebatado—enlouqueço de alegria. Estou ao pé de ti, vejo-te, e ainda o não posso crer. Se soubesses com que saudade esperei este dia, e o receio que tive de elle não chegar... Cecilia, a felicidade imagina-se, deseja-se mas de repente, assim, é como a dôr, custa a supportar. Dize-me que sonho! Compadece-te de mim; sou indigno de te vêr: mas perdôa-me; não te offendas. Ouve-me! Salva-me!

—Sendo a fé tão pouca, achas que será possivel?—acudiu ella risonha.—Ingrato! Hei de pegar-te na mão para sentires que o peito bate menos do que o teu! Em que esperas, se os olhos estão a vêr, e não acreditas?

—No teu amor!

—E não receias...

—O que receio é perder-te. Creio em ti como em mim.

—Será bastante?—atalhou ella maliciosa.

—Não! Como em Deus.

—E' de mais! E amas sem fé?...

—Sem ella não podia viver!

—Morre-se por tão pouco?!—perguntou Cecilia sorrindo.

—Morre, se o incredulo perdeu a esperança—insinuou o mancebo; e lendo-lhe nos olhos a ternura, accrescentou:—E elle poderá salvar-se?

—Talvez... se amar e crer.

—E promettem ouvil-o? acudiu com fogo.

—Se o não ouvissem estariam ao pé d'elle?

A pausa que interrompeu o dialogo nascia da anciedade. Este gracejo, no estylo melindroso dos amores vulgares, era muito falso para corresponder ao affecto que os dominava. Entretanto nenhum tinha animo de soltar a primeira phrase, tão custosa de expellir, se vem do coração e não da bocca.

Cecilia, observando que o mancebo luctava e não se atrevia a falar, poz os olhos no chão, e com o rosto afogueado, ousou ser a primeira,

Na altiva innocencia, que nada receia, a educanda pegou na mão do amante, e exclamou em voz tremula:

—Queres que eu, mais timida, diga que amo? Sou alegre, sou criança, como elles dizem, mas o coração nunca se esquece. A occasião em que te vi, os momentos em que falamos, os juramentos que escrevemos, estão firmes; feitos deante de Deus, gravei-os com o sangue da minha alma! A ventura, ou a desgraça, entrego-as nas tuas mãos. O mundo, se me escutasse, acusava-me. E' mal feito uma donzella

dizer assim de repente a um homem o que te estou dizendo. Mas sabes! para me guardar é de mais o amor e a tua honra. Se abusasses, desprezava-te, e quando se despreza... a ternura perde a virtude. Tu e eu somos incapazes de lhe darmos essa morte, não é assim?

Elle estremeceu, ouvindo esta confissão ingenua. Em quanto Cecilia falava, contemplou-a com o enlevo, que é a declaração mais lisongeira. Depois, ás ultimas phrases, tornou a ajoelhar e com respeito exclamou:

—Fia-te na minha honra! Se a bocca o não soube dizer, pergunta ao coração o que lê no meu...

—Mas o que hei de eu perguntar, se é mudo, se não fala? Sabes o que jurava sem o meu espelho? Que nasci feia, Deus me não castigue! e que até a lisonja se não atreve a enganar-me.

—Por seres bella de mais, por haver nos teus olhos a pureza de um anjo, é que os peccadores não ousam levantar a vista.

—Sou mulher, e depressa desço do altar—atalhou Cecilia, obrigando o mancebo a erguer o joelho do chão.—Vamos!—proseguiu impaciente—disseste que vinhas, e...

—E vim jurar-te que és a luz da minha vida! Sou um incredulo e um pusillanime! Estremeço-te e perturbo-me, quando o coração me estala no peito e a alma não póde com a felicidade... Cecilia, de hoje o sei: o amor é só uma vez na vida. Se adivinhasses com que saudade te falo na ausencia, a mágoa com que te chamo e o jubilo que me alvoroça em ou-

vindo o teu nome... o teu doce nome. Mas agora vês! não posso, nem sei senão deitar-me aos teus pés, repetindo até que me acredites: amo-te, adoro-te, e é a primeira vez! Cecilia, pela nossa esperança o juro; ainda mulher nenhuma foi mais querida. Eu que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, que não ajoelho senão a Christo, estou prostrado e deixo correr as lagrimas... Dize, estes olhos chorosos, este coração tremente, não o attestam mais do que mil promessas?

—Agora! attende, João. Tenho medo de tanta felicidade. Sempre me disseram que muita ventura de repente era indicio de desgraça. Sou fraca e mulher, e tremo que o amor, a minha luz se apague, não sei por que mãos, nem de que modo. Tenho medo!...

—Que loucura!—accudiu elle, pegando-lhe na mão.—Não receies senão a morte: só morto deixarei de amar-te.

—E o tempo? O mundo, as armas, outras paixões consolam depressa os homens; mas nós, coitadas, não temos senão memorias e saudades. Desculpa! Não jures, não digas nada! Estes instantes, o dia de hoje, o de ámanhan são meus, bem sei, mas depois? E' o meu presentimento. Rainha, dava-te uma corôa, simples donzella, sem fidalguia e thesouros, dei-te quanto possuia: a alma, o coração, a ventura que posso viver comtigo... Não tinha senão isto... Que mais queres que sacrifique?

—Cecilia! e reinar sobre esse coração é pequena gloria? Porque choras? Duvidas?

—Não. Julgas que vivia se me faltasses? O dia, a hora em que o coração, procurando o teu, o não achasse, João, acredita-me, seria a ultima hora da tua Cecilia.

—E tambem da minha vida! Não, anjo, socega. Em quanto respirar existo só para ti. Esses bellos olhos estão chorosos e tristes? Quero os firmes no imperio que lhes dei. Lagrimas estando juntos! O que farás na ausencia? Vamos; a bocca, formada pelo amor em um sorriso, hei de vêl-a séria e pensativa? Cecilia, não vês que a minha alma suspira nos teus labios, e que o meu coração geme com o teu silencio?

Ella ouvia-o com jubilo. Alva e tremente, sem fugir, a mão deixava-se deter pela do mancebo, nos olhos do qual ardiam mil caricias. A vista, cheia de ternura, quebrava os raios languidos em doces lagrimas, que avelludando-lhe o brilho, a faziam extasiar electrica e fascinante. A cabeça descahia froixa e negligente sobre o collo, como se inclina ao sol a flor consummida...

De repente, escutando as ultimas palavras do mancebo, tremeu-lhe nos beiços um suspiro; a vista fuzilou; e um sorriso indefinivel encheu de espirituosa animação aquelle rosto, em que renasciam ditosas as côres da esperança.

N'este momento esqueceu tudo. Um dos braços, collar delicioso, cingia o corpo do amante, apertando o coração ao seu, que não palpitava menos; e com a face unida á d'elle e os olhos perdidos nos seus olhos, inclinou-

se tanto que o halito suspirava sobre a respiração ardente do mancebo. Cheia depois de pejo, escarlate de pudor, fugiu, hesitou, e voltando em um impeto irresistivel pousou-lhe a bôcca ligeiramente na fronte.

O fogo, a flor de um beijo, foi estremecer a alma do amante, que voou a absorver o perfume e a gosar a doçura. O que ambos sentiram, a pureza d'este osculo, em que desmaia o amor virgem, só pode aprecial-o quem nas ancias d'este martyrio, tão cruel e tão suave, aprendeu a conhecer o que elle dóe e quanto se deseja.

Apenas a explosão serenou, Cecilia envergonhada escondeu o rosto, e as lagrimas gottejaram uma atraz da outra. O mancebo, de joelhos, beijava-lhe os dedos convulsos, e entre extremos e meiguices forcejava por lhe descobrir os lindos olhos, que o pezar tornava tão perigosos.

Decorreram assim minutos até que ella, pallida da lucta interior e enxugando o pranto, levantou a cabeça, e disse com tristeza:

—Foi uma fraqueza, João. Não me desprezes!...

—Quando te adoro, e me fazes o mais feliz dos homens.

—O tempo foge, ouve-me. Meu pae está vivo, e chegou hontem. Em dois dias saio do convento, aonde colhi as doces e eternas memorias da minha vida. Se não tornar a vêr-te, este annel é para te lembrares de mim... Promettes uma vez no dia ao menos olhar

para elle? Darás uma saudade á tua Cecilia?

E passou-lhe no dedo uma «memoria», cuja brilhante saphira era pura e azul como o céu, que os escutava.

—Acceito!—exclamou elle.—Será o symbolo da nossa união. Juro deante de Deus não receber outra mulher; e sobre a minha alma e a minha honra protesto morrer se não cumprir.

—Olha—respondeu Cecilia com suavidade—não sei o futuro, mas sinto que talvez estes sejam as ultimas horas de felicidade... Amo-te, amo-te como não posso amar outra vez; e digo-t'o sem pejo. Não me envergonho. Seguir-te-hei a toda a parte, porque a minha alma és tu. Se me chamares, cheia de orgulho e radiosa de jubilo hei de vir, e ao pé de ti, e juntos, a tua alegria será a minha; companheira inseparavel achar-me-has unida á tua vida. Sabes o teu poder sobre mim; de que serviria negal-o? Quando o amor é assim, o coração vê no outro coração. Em paga do affecto de minha irman, e do extremo de minha mãe, pelo respeito de meu pae, por quanto estremeço, por quanto posso sacrificar, não peço senão amor, o teu amor, a unica existencia que hei de viver... Pela ternura dos que mais estimas, pelo carinho d'estes instantes, não me enganes! Jura-me que perdendo tudo acharei o amor por que suspiro!

E meia ajoelhada, o pranto corria, os soluços estalavam, e as mãos convulsas apertavam as do mancebo. A eloquencia do gesto e a expressão dos olhos era quasi divina. Elle

erguia-a com ternura; adorava-a, e arrastado ao seus pés, repetia com fervor:

—Amo-te, adoro-te!

—Serás fiel?

—Sempre!

—Não amas outra?

—Quem te eguala!

—Serás meu, só meu?

—Cecilia! Não vês que esta alegria mata! Abres-me o céu, e não reparas que nos esperam as saudades?

—A saudade consola tambem. Quando penso em ti vive a minha alma. Disse-te que amava, e o meu amor é assim. Já te perguntei quem eras? Mas ha um segredo que occultas. Porque não declaras o teu nome? Meu egual, quem te impede? Meu inferior, eu descerei...

—E fidalgo, e grande?—atalhou elle com um sorriso.

—Subiria para te encontrar.

—Não, querida, eu é que preciso subir para te egualar... Rainha davas-me a corôa? Juro que se desejo um throno é para te assentares n'elle. Um dos meus... um dos nossos reis, D. Pedro que chamam o *Cruel*, não coroou rainha a linda Ignez? Senhora do meu coração, quem diria que um imperio é muito pelo teu sorriso?

—Lisonja! os reis querem a liberdade, e o amor é escravidão.

—E as rosas são as cadeias? Vês, a poesia segue-te. E's a bella musa d'este sitio... Olha,

sabes o que lhes falta a elles, aos principes? E' quem os queira por amor. Feliz aquelle que foi amante antes de ser rei!

—Mas responde! Quem és?

—Um homem que desejava ser Deus para viver comtigo eternamente.

—E que não é rei, ainda que tenha os merecimentos?—accrescentou ella, sorrindo com malicia.—E conde, és?

—Não. Mas os condes...

—Valem menos. Queres saber? Desejava-te grande fidalgo. Como haviam de cahir bem as galas da côrte n'esse airoso corpo!—proseguiu, admirando-o com innocente desvanecimento.—E os bordados, e os diamantes, que bonitos seriam ornando esse peito, que é tão nobre!... Olha, eu fazia-te rei se fosse Deus!

—Querida—accudiu o mancebo um pouco perplexo—a verdadeira gala d'um cavalheiro é a espada!

—E teu pae chama-se?...

—Pedro!

—O teu nome todo!

—D. João de Villa Viçosa.

—E's fidalgo?

—Sou.

—E's titular?

—Na minha familia, o titulo é o direito, e tem custado caro.

—E's militar?

—Os fidalgos portuguezes nascem soldados.

—E assim mesmo queres-me? Deixas por mim as damas e as fidalgas?

—Anjo de minha alma, deixava por ti a princeza mais poderosa.

—D. João—exclamou com enthusiasmo—pobre, amava-te! Mechanico, adorava-te! Sem parentes e riqueza, queria-te com egual extremo. O meu amor te serviria de pae, de fortuna e de nobreza.

—E eu, Cecilia, pela alma de minha mãe, protesto que por ti esquecerei familia, poder e grandeza, se...

—Se Deus não ordenasse que respeitassemos em nossos paes a imagem do Creador!—disse uma voz grave atraz d'elles.

Virou-se e achou o padre Ventura.

Na luz dubia do crepusculo apparecia já de longe o habito da abbadessa, recolhendo-se ao oratorio.

—Padre, cuidei que estava só!—exclamou o mancebo no mesmo tom e com espirito egual ao de Luiz XIV, quando disse: «Senhores, el-rei esperou!»

—E só esteve—replicou o jesuita serenamente.—Apenas ouvi as ultimas palavras, e essas não diziam nada, porque não quero crer que dissessem muito... Entenda, Cecilia, seu primo tem deveres pesados. Roguemos a Deus que o auxilie para elle os desempenhar com gloria. Se o ama, segundo o seculo, póde contar com o seu coração; não conte com mais nada.

—E que mais posso desejar?—respondeu ella singelamente.

—Conforme! A's vezes, ignorando o valor

das coisas, damos de graça grandes thesouros, e sabendo depois arrependemo-nos. Mas isto são horas de sahir. Repito: seu primo tem deveres; e estou certo de que em poucos dias elle mesmo dirá...

—Padre!—gritou o mancebo, mordendo os beiços.

—O meu nome é Julio Ventura!—accudiu o jesuita, oppondo esta observação cortez á exclamação quasi incivil do mancebo.—Seu primo—proseguiu virando-se inalteravel para a donzella—foi sempre bom e justo. Sabe que o sangue que lhe corre nas veias é do mais illustre, e conhece que um fidalgo portuguez é o symbol da honra... Isto bem considerado ha de inspirar-lhe uma resolução virtuosa digna d'elle, e em harmonia com as suas obrigações.

—Se vossa paternidade sabe a quem fala, aconselho-o a que não continue— interrompeu o mancebo com modos imperiosos.

O padre sorriu-se: e no mesmo tom natural continuou:

—Aconselha mal, é o que faz. Na Companhia, ha de saber, costumam experimentar-nos desde noviços para todos os lances e trabalhos... Quem préga na America, na China e no Japão conhece ao que se expõe; sabe que póde morrer pela verdade; e com tudo isso o Evangelho chegou pela nossa bocca ás regiões mais barbaras, e a cruz arvorada por nós e regada com o sangue dos nossos mar-

tyres está de pé e floresce... Cuidei que lhe tinham ensinado isto.

—Sei o que me diz! — accudiu o mancebo, um pouco humilhado da licção—mas o serviço de Deus não tem nada com o que estava tractando quando vossa paternidade me interrompeu indiscretamente.

—Tem tudo; a censura é injusta. A sua conversação não podia durar: e ha promessas temerarias a que é prudente valer a tempo... Diga-me: era melhor que viesse a abbadessa em meu logar?...

—Pois havia de atrever-se?...

—A separar dois primos? Fazia o seu dever. Sejamos razoaveis. O que lhe disse é exacto, Cecilia. Seu primo tem grandes obrigações. Fidalgo, a sua honra é sagrada; portuguez, ámanhã, hoje mesmo, póde ser chamado, e ha de ir...

—Hei de ir? A's ordens de quem? — clamou o amante de Cecilia cheio de orgulho.

—A's de el-rei e da sua patria, julgo... Creio que obedecerá a ambos.

—Mas isso tudo o que tem com o nosso amor? — perguntou a donzella com timidez.

—Muito, ou nada, filha. Se nos limitarmos ao estado em que nascemos, a nuvem passa por cima, e não nos toca. Se nos excedermos, póde acontecer que nos alcance. O raio procura as eminencias. Deixemos, porém, as allegorias. Quer saber se tem deveres seu primo? Veja!

E tirando uma carta do seio, entregou-a friamente ao mancebo. Este, apenas leu o sobrescripto, sobresaltou-se, e, olhando para o jesuita menos firme do que antes, perguntou:

—Quem lhe deu esta carta?

—A pessoa que a escreveu.

—Então sabe?...

—O que me dizem.

D. João abriu a carta e leu-a agitado. De repente fez-se branco, e dando algumas voltas pela casa, murmurava com impeto:

—Disseram-lhe tudo! Não importa. Commigo perdem pela força, quando não conseguem pela brandura. Veremos se o casamento se faz não querendo eu!

Acalmado o primeiro accesso, chegou-se a Cecilia, e disse-lhe com ternura infinita:

—Sou obrigado a sahir. Esta carta é na realidade importante: e como disse o padre... tenho deveres a cumprir: mas socega, querida, o primeiro é amar-te. Em poucos dias nos veremos; não posso com as saudades da ausencia.

Isto foi dito a meia voz. Apesar da precaução, o jesuita sorria-se, indo adeante para lhe abrir a porta da escada particular.

Passando por Cecilia, attonita com a repentina despedida, o padre segredou-lhe ao ouvido estas palavras:

—Eu não lhe dizia que seu primo tinha deveres, e que havia de cumpril-os?

Ao sahir da porta D. João, olhando para elle, disse-lhe:

—Padre Ventura, fez-me um grande serviço. Se houvesse dois cavallos!?

— Esperam enfreados no pateo do mosteiro.

—Vossa paternidade é magico?

—Deus me livre. Mas sabendo, preveni as coisas. Acha que fiz mal?

—Padre Ventura, procure-me. Preciso falar-lhe mais de vagar.

O jesuita inclinou-se profundamente, e recolheu-se para o vão da janella, deixando em liberdade os dois amantes. Vendo que o não observavam, o mancebo, ajoelhando quasi aos pés de Cecilia, entregou-lhe um pequeno maço lacrado, dizendo:

—E' o meu retrato. Lembra-te com elle de quem fica penando para tornar a vêr-te. Adeus, adeus!

—E arrancando-se de um impeto ao encanto que o ligava, sahiu precipitadamente. A donzella, mettendo o retrato no seio, pensativa levantou os olhos, e achando calado ao pé de si o jesuita, perguntou-lhe:

—A carta, meu padre, era de muito valor?

—Filha, vale uma corôa.

—Então D. João?...

—Mais baixo, de vagar!... E' um homem que está para receber a maior herança de Portugal.

Ella, não percebendo, declinou a vista e suspirou; depois seguiu o padre, que lhe offereceu a mão para a conduzir ao oratorio da abbadessa.

CAPITULO XI

Muita bulha para nada!

Tornemos á rua das Arcas a casa de Lourenço Telles.

Seriam oito horas da noite, quando uma forte pancada na porta da rua despertou da somnolencia em que ia cahindo a familia reunida no escriptorio do commendador.

O velho erudito, com um suspiro pousou o livro que estava ruminando. Com o sobresalto, a senhora Magdalena da Gama perdeu uma estação do seu rosario, e o abbade Silva quebrou o lapis nas pregas do toucado que estava desenhando. Cecilia e a Thereza, sentadas a bordar, levantaram a vista para Jasmin, que sahiu do canto da sala, e acudiu á escada com um castiçal de tres braços para receber as visitas.

Estas já de fóra da porta faziam uma bulha intoleravel, falando e rindo estrepitosamente.

No reino animal o alvoroço foi egual. Minete espreguiçou-se, apontou as orelhas e assentou-se na conspicua posição, que decidiu

o abbade Casti a honrar os gatos com a intendencia da policia.

O papagaio entufado virou-se para o abbade Silva, e soltou risadas roucas.

Como dissemos, o commendador pousou o livro, e observou ao abbade:

—Novas loucuras de meu sobrinho, quer ver? São umas sobre outras!

—Ouço vozes differentes—respondeu o archaista.

—Jasmin!—clamou o velho erudito impaciente.

Ao som da campainha o escudeiro appareceu entre portas.

—Quem faz essa bulha?—perguntou o amo.

—O senhor capitão.

—Quem vem com Philippe?

—O senhor frei João dos Remedios, quasi de rastos...

—Frei João de rastos? O que diz? E os outros?

O rosto encarquilhado do escudeiro denunciava constrangimento. Seu amo e toda a familia viam-o, e por isso porfiavam no interrogatorio.

—Não conheço—replicou Jasmin, encolhendo os hombros.

—Não conhece? Quantos são, tambem não sabe?

—Um só!

—Que pessoa mostra ser?

O escudeiro torceu-se, e deu á luz a seguinte evasiva:

—Não tem figura possivel!

—Ora essa! ha de parecer-se com um homem, espero em Deus.

—Com um homem não sei, mas com o demonio creio que sim. Pelo menos assim o pintam nas egrejas.

Jasmin pegava-se a cada palavra. Nunca fôra medroso, nem visionario, e a sua opinião, sobre tudo o susto com que a manifestava, causou profundo assombro a Lourenço Telles.

O calafrio que fez aninhar a familia e o proprio abbade em volta da sua cadeira, visitou-lhe tambem a espinha dorsal.

Na vespera, ao jantar, tinha teimado com Philippe que o diabo não podia apparecer em fórma visivel; e seu sobrinho, partindo nozes e regando-as de copiosas libações, apostára dobrado contra singelo em como antes de quarenta e oito horas havia de convencer o tio sabio.

—O velho erudito riu-se e citou o varão tenaz de Horacio, appellando para o abbade, que encolhia os hombros com medo de Philippe.

Finalmente o nosso capitão, vendo suas filhas risonhas, sua mulher muito socegada, e Jasmin tossindo para engulir a gargalhada secca que lhe formigava na garganta, levantou-se e emprazou os incredulos para receberem o diabo em casa no dia seguinte.

Eis a razão porque, mais ou menos, todos tremeram, ouvindo que o tentador se achava

á porta na figura em que o pintam os homens, seus inimigos.

—O diabo?—exclamou Lourenço Telles, pondo o espadim sobre a mesa—Meu sobrinho atreveu-se a metter o demonio em minha casa?

—Assim o supponho—replicou o escudeiro.

—Fechem a porta! Ponham-n'o fóra!—gritou o latinista, branco como a tira da camisa, e olhando para o abbade, que estava côr de cré e com os braços decepados.

—A quem?—perguntou Jasmin muito pallido—Ao demonio, ou ao senhor capitão?

—A ambos, a ambos, não exceptuo!—exclamou o commendador com a maior vehemencia, deixando cahir a caixa do tabaco, cuja tampa de rico esmalte se esmigalhou no chão. Este golpe acabou de exacerbar o velho erudito.

—Minha sobrinha—disse irado—seu marido foi uma praga que me cahiu em casa.

Mal acabava estas palavras, quando novo alarido no cimo da escada o espantou, como se as vozes respondessem em coro á sua apostrophe.

Filippe trovejava, o procurador de S. Domingos perorava, Jasmin fazia o contralto soffrivelmente; e no meio da altercação dos tres, e a cima d'elles todos, um tiple embirrento soltava risadinhas de falsete em gorgeios de semifusa.

Lourenço Telles tapou os ouvidos, e apertou as mãos na cabeça, clamando com sombria resolução:

—Jasmin, deixe entrar!... Quero ver onde isto chega!

Apenas o velho sabio curvára o indice e o pollegar para colher a pitada que salgava as citações, e, achando a caixa de menos, exhalava um suspiro funebre, appareceu na sala a passos lentos uma figura que não podia chamar-se nem satanica, nem phantastica, mas que difficultosmente caberia no molde admittido geralmente para a especie humana.

Era um homem, de certo; mas um homem em parodia!

Vendo-o, estranhava-se pouco a opinião do escudeiro valido, e desculpava-se o sobresalto com que Lourenço Telles e a sobrinha o encararam.

Não inculcava mais de cincoenta annos e talvez tivesse sessenta. A cabeça, nua e calva como um joelho, não parava um instante; e uma estriga de cabellos grisalhos e sedosos, erriçada com insolencia, perfilava-se no meio da calva como um pennacho, o que dava ar exotico e quasi diabolico ao possuidor da raridade.

Descendo da cabeça ao rosto achava-se um olho desapparelhado, e o outro perfeito de mais, isto é de uma viveza, que saltava.

Desprezando a moda, cresciam-lhe das largas orelhas até á articulação da mandibula umas suissas musgosas de tres cores, branca, preta e alaranjada, que lhe armavam de bambinellas os esquinados queixos.

O hombro direito era mais alto do que o

esquerdo, e jogando os braços derreava-se a compasso. Um peito excessivamente convexo; um ventre proeminente; a altura equivoca do corpo, hesitação brutesca entre a estatura do garoto e o talhe do homem feito, realçavam a pittoresca e novissima configuração d'esta coisa, que a penuria da lingua nos obriga a chamar humana, porque era muito aplainada para pertencer á raça suina.

A sua maior singularidade consistia na perna esqũerda, torcida como um parafuso, e servindo de base a movimentss heroicos executados com suprema agilidade.

Andando, fincava o pé no chão, e sobre elle girava como sobre a ponta de uma verruma. Quando ria eram sempre gargalhadas de escarneo, e apimentadas de visagens variadas. Se falava, tinha inflexões doutoraes e gestos voluveis; falava a lingua; falava a perna inquieta e aos pulinhos; falava o hombro perfurante em negaça ao hombro correcto; falava em fim, mais que tudo, a pasmosa elasticidade do corpo, desencadernado em momices e tregeitos originaes, que foi pena perderemse na obscuridade do personagem.

Domingos José Chaves (era o seu nome christão) nascêra feio como Bertholdo, eloquente como Demosthenes, e velhaco como Gusmão de Alfarache, de gloriosa memoria. Domingos José Chaves era da familia de Hoffmann pela figura; da de Callot pela extravagancia picaresca; e da de João Paulo Richer pela verbosidade ple-

beia. Mandrião como a preguiça, petulante e cynico como o cynismo, fazia negocio em tudo, e venderia a carne ao Judeu de Shakespeare, se lhe fosse rasoavelmente indemnisada.

Por divertimento tinha aberto no pasmatorio das Chagas uma aula pratica de pescoções, e regia o curso, vendendo a face ás bofetadas dos discipulos a tostão, pagas á vista!

A expressão do semblante era travêssa, jovial, e profundamente truanesca. Lia-se-lhe na vista a giria da abençoada raça dos Lazarilhos; achava-se-lhe no sorriso pedante sagaz, um ar de parentesco com o nosso amigo Sancho Pança.

Grande vivacidade nos momos (tinha uma collecção inexhaurivel), o talento da parodia, elevado ao sublime, para copiar homens e animaes desde o moxo até á ran, e o geito de passear, torcendo o corpo em piruetas, davam-lhe uma physionomia tão exquisita, tão original, tão impagavel em fim, que vivêra sempre á custa alheia, pregando logros ao genero humano.

Já o dissémos: a cara exprimia finura e astucia, mas não maldade.

As maçans do rosto eram largas e chatas, os queixos esburgados e excessivamente devassos. O beiço superior, vincado de ambos os lados até aos cantos da bocca, arregaçava-se por cima dos cinco dentes, sentinellas perdidas das gengivas. Este figurão trazia na bocca um cachimbo apagado; e sobre os cal-

ções, muito risonhos nas costuras, cinco, oito, infinitas vestias e gibões de todas as côres, este verde garrafa, aquelle amarello sujo, uma azul, outra encarnada, em fim uma loja de adelo completa.

A camisa tinha a alvura de uma belleza de Guiné. As meias eram um estudo. A direita, de seda e no seu tempo côr de rosa, mostrava as passagens de linha enroscadas como lacráus. A da esquerda, de lan parda com pontos vermelhos, parecia roubada ao mythologico Thomé das Chagas.

A dextra empunhava um cacete curto e grosso, de que se ajudava nos saltos e corridas; porque similhante ao louva-a-Deus o senhor Domingos José Chaves conquistava o caminho ás cotovelladas na linha recta.

A outra mão segurava o carapuço, agudo na ponta, largo na bocca e quasi pyramidal, de que a imaginação vesga de um poeta toucou a fronte do sabio Abacadabro.

Logo que se viu dentro da sala, Domingos fez o seu exame em um abrir e fechar de olhos: riu da talha partida e dos pagodes chinas; metteu a mão na caixa das ameixas, e tomou-lhe o gosto; contrafez as passadas do veneravel frei João dos Remedios, que o seguia; e acabou por imitar os equilibrios da corda bamba, rodando sobre uma perna até ao sitio d'onde o commendador estupefacto assistia ás suas evoluções.

As piruetas eram regidas por umas variações de assobio, executadas com infinitas

momices, no meio das risadas estrepitosas de Philippe, que se revia no hospede; apezar da ira silenciosa de frei João, que o excommungava mentalmente, e sempre em proporção dos movimentos de retirada de Lourenço Telles, que não sabia se acreditasse na visita do demonio, em presença d'este aborto.

Frei João e Philippe tinham entrado atraz de Domingos; Magdalena e Lourenço Telles benziam-se; e duas meninas ao pé d'ella nem pestanejavam. Ninguem tinha dito nada.

Por fim o commendador, olhando para frei João, exclamou colerico:

—O que é isto, João?

O padre mestre encolheu os hombros, franziu a sobrancelha, e puxou o barretinho para a nuca.

—Philippe, o que é isto que me trouxe para casa?

—A sua benção, tio!—respondeu o capitão, que se divertia com o susto do erudito.—Então crê, ou não crê no demonio? Não lh'o dizia?!

Domingos largou a sua risadinha de falsete, visitou de novo as ameixas, e ficou em descanso, mas sempre activo nos tregeitos faciaes.

O padre Remedios descarregava sobre elle e sobre Philippe a vista flammejante.

O commendador sentado com a sobrinha ao lado, e as netas atraz da cadeira, já mais sereno abriu por fim a conversação.

—Meu sobrinho, vossa mercê não descansa

sem dar commigo na sepultura. Anda cavando a minha morte!

E o velho enternecido teve a bondade de derramar duas ou tres lagrimas á conta da sua falta.

Limpando depois os olhos, proseguiu mais irritado:

— Quem é este palhaço?

— O nosso guarda-portão!

— Falo serio; se não me respeita, respeite a casa de sua mulher e de suas filhas. Não tenho guarda-portão, nem costumo ajustar criados taes.

— Tio! Este homem é o Domingos. Não conhece?

— Não tenho essa honra—accudiu o erudito, inclinando-se.—Elle é que faz o favor de olhar como sua a minha casa, saqueando as melhores ameixas cobertas, que este anno recebi.

— E' muito engraçado.

— De graça pezada. Mas quem é este senhor... amavel?

— E' o mestre do Simão.

— Que Simão? Vossa mercê fala por enigmas.

— Estou a morrer de fome, tio! O Simão? o meu macaco...

— Não se atreva a metter-me em casa esse flagello depois do que sei que elle tem feito em outras partes!—exclamou o commendador irado e convulso.

— Não se arrenegue. Elle não veiu. E' ver-

dade que lhe aluguei quarto e tomei mestres...

—Mestres?!—exclamou Lourenço Telles, cheirando vagarosamente a pitada, colhida na caixa de frei João.—Mestres?

—Sim, senhor, nada menos de tres. Um de esgrima; outro de exercicios vocaes; e este que é a pessoa que o ensina a dansar.

—Vossa mercê endoudeceu?

—E' por especulação. O macaco faz o exercicio de sargento e de soldado pela ordenança nova. Joga a espada preta e o pau; e baila excellentemente. E' um portento.

—Pois, senhor Philippe, faça favor, mas poupe-me o desgosto de admirar os progressos do seu alumno. Não quero ver nem a sombra do portento!—accudiu com segunda recrudescencia de colera o commendador.

—Havia de gostar. Em fim, são antipathias. Mas ao menos concorra para a sua educação! Depois vendemol-o por um dinheiro louco.

Lourenço Telles suspendeu a pitada, e encarou o capitão.

—Eu pagar os mestres do macaco? Está em seu juizo? Ha só uma despeza que eu farei de boa mente, é a de o enterrar.

—Deixe-se d'isso.

—Sabe o que vossa mercê faz com as suas loucuras? Olhe para a minha caixa?

—Está bonita! Foi-se?—respondeu o capitão com soberano desdem.

—Foi-se? Admiro a sua indifferença; não sabe quem m'a deu e o que valia?

—Mas já estava assim, quando entrei.

—Não estaria, se vossa mercê não entrasse.

—E' outro caso; mas tudo se remedeia, menos a morte. Tenho duas talhas do Japão, dou-lh'as; e mais uma caixa antiga de guardar os grillos da rainha Cleopatra, segundo me disseram uns judeus, que vale dez bonecas, como as da tampa da sua tabaqueira.

—Philippe, tome sentido. «*Si nil, Cinna petis, nil tibi, Cinna, nego!*»—exclamou o erudito mais consolado.—Entende este verso de Marcial?

—Não senhor, mas é o mesmo. E o tio entende?

—Julgo que sim—replicou o sabio com um sorriso vaidoso.—Diz o poeta «que se nada lhe pedirem, nada negará.» Percebe? Aquella caixa, meu sobrinho, era um monumento, uma raridade. Foi o capricho de um grande pintor. Em fim, *parce sepultis!* Tornemos ao acaso. Quem é esta cara de mau ladrão, que está devorando as minhas ameixas? D'onde sahiu aquella figura?

—Domingos José Chaves!—gritou o capitão em voz de buzina. Faça a continencia ao tio!

—Aqui estou, illustrissimo senhor capitão Philippe da Gama! *Voluit facere uvas, fecit autem labruscas?*

—O que diz elle?—perguntou o commendador com o ouvido escandalizado dos solecismos d'este Bertholdo.

—Digo, excellentíssimo doutor commenda-

dor, que o senhor capitão, querendo fazer vinho, fez vinagre!

Domingos ria-se com a bocca, com a perna, e com o corpo todo, metamorphoseado n'uma pelotica.

—Maroto!—gritou Philippe, vermelho.

—Não me faz favor, illustrissimo senhor—respondeu o cynico, arremedando a lucta do padre Remedios com o barretinho.

—Mas, em fim, quem é vossa mercê?—perguntou Lourenço Telles.

—O excellentissimo senhor commendador, quer que fale em verso, ou em prosa?

—Como souber. O essencial é responder. O que faz vossa mercê?

—Excellentissimo senhor, a prova de que não faço nada—replicou o réo, falando cavo—é que vim aqui fazer alguma coisa!

—E vê-se que não esteve ocioso!—accudiu o velho, olhando com saudade para a caixa das ameixas.—Mas o que sabe?

—Sei comer e dormir, sei dansar e vestir; nas feiras e festas canto; e na comedia sou encanto!

—Não é pouco! Mas n'uma coisa se enganou.

—Qual, excellentissimo senhor?

—Na porta. Vossa mercê ia, pelo que vejo, ao pateo das comedias, e aqui é a rua das Arcas.

—*Escuta et Justas, quœ tibi faço queiximonias!* O senhor commendador faz-me a esmola de uma pitada, se a tem de mais?

—Domingos José Chaves—disse o erudito divertido com o interrogatorio— o que pede quando se ajusta n'uma casa?

—Bagatellas, excellentissimo commendador Lourenço Telles! Além do pão quotidiano, peço vinho á discreção, e a minha pitada. *Nunquam me deixes sine cheirare pitadam!*

—Gosto do seu latim. Não pede mais?

—Sim senhor. Os sabbados livres.

—Os sabbados?

—Para apanhar rans!—disse o cynico triumphante.—Apanho-as e depois fumo-as!—Dito isto representou em saltos de louva-a-Deus a pantomima da caçada extravagante.

—Fuma rans?

—E' verdade. Vendo-as aos boticarios e compro tabaco. Não alugo, empresto o meu zelo ás casas que sirvo. Os sabbados são as minhas rendas.

—Tem estado em muitas casas?

—Sirvo ha dezesete amos e meio, excellentissimo. A sua honrada casa faz dezenove.

—Como é a conta?

—O ultimo amo que tive, foi o anão do Duque. Era meio amo. Em casa do senhor commendador ha uma arara, um gato e um papagaio, todos muito malcriados, e pelo menos dão que fazer por meio amo. Por isso o anão e os animaes, um; o senhor doutor dois; dezesete e dois dezenove. Conta de gis, que não falha um tris.

—E tirou alguma coisa das casas, aonde serviu?

—Muito, excellentissimo; porém mudei-me.

—Porquê?

—Como faziam armazem de mim, puz es-

criptos. Até o anão trepou, e teve a confiança de me dar um bofetão!

—Sim?

—Não tive remedio, paguei-lhe. Á noite, bebeu opio no vinho, e depois, calado como uma pedra, e embrulhado em uns cueiros, foi dentro de uma condeça para a roda.

—Metteu o anão na roda?—exclamou o commendador, desfechando uma risada cordial, que todos acompanharam.—E o que succedeu?

—Mosquitos por cordas, excellentissimo senhor! Quando em vez de uma criança acharam um anão que falava pelos cotovellos, gritou-se aqui d'el-rei! houve chufas e beliscões, elle engalfinhou-se na regente, e por fim deitaram-n'o á rua, e entrou descalço para casa. Por signal apanhou o rheumatismo que o tolheu das pernas.

—Muito nos conta, Domingos! Philippe, este homem é seu criado?

—Se o tio quer eu digo que sim.

—Pois que fique. Domingos, dou cama e mesa aos criados, mas não dou acepipes, nem doce. As ameixas e as cidras são sagradas; tome sentido!

—Sim, excellentissimo senhor. Tractal-as-hei como sagradas. Só em jejum farei o sacrificio de commungar com ellas.

—A ceia está na mesa!—disse Jasmin entre portas.

O erudito levantou-se, deu o braço a sua sobrinha, fazendo signal ás meninas que fos-

sem adeante. Caminhando, dizia a frei João:

—Decididamente é dia de S. Bartholomeu. O demonio anda solto. Que é do abbade?

—Espera na casa de jantar.

—Bem. Veremos se a noite se acabou.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

NOVAS PUBLICAÇÕES

Já depois de impresso o nosso Catalogo, a **Empreza da Historia de Portugal** cujo movimento editoral não cessa, publicou mais as seguintes obras :

Auxiliar do Charadista, livro indispensavel para os decifradores de charadas e utilissimo para quem deseje encontrar, rapida e facilmente, termos especiaes de Armas, Moedas, Trajos, Plantas, Animaes, etc., pelo capitão José da Silva Bandeira; um bello volume de perto de 400 paginas, br. 1$500 réis, enc., 1$800.

C[illegible]illo Castello Branco, esboço de critica [illegible]ioso escriptor, por Paulo Osorio.—1 vol. 500 rs.

[illegible] **côr de rosa,** setimo volume da *Bibliotheca da[illegible] Creanças*, colligida por Henrique Marques Junior, 1 lindo volumesinho illustrado, br. 200 réis, elegantemente cart. 300.

Extremadura Portugueza, 2.° volume da collecção **Portugal Pittoresco e Illustrado**.—Primoroso estudo d'aquella notavel Provincia de Portugal, por Alberto Pimentel. Adornado com centenas de gravuras. Magnifica publicação in-4.°, a tomos mensaes de 80 paginas cada.—Está publicado já o 5.° tomo cujo preço é de 300 réis.

Historia de Portugal, de Manuel Pinheiro Chagas, continuada até á morte de D. Maria II, por Barbosa Colen, e d'ahi até aos nossos dias por Marques Gomes.—Publicados mais 1 volume (o 11.°) de Barbosa Colen, e em publicação o 12.° (e **ultimo**), por Marques Gomes.—Preço de cada volume br. 2$500 réis; enc. em capa propria, folhas brancas, 3$600 réis; na mesma encadernação com folhas douradas, 4$000 réis.

No paiz do Sol, I—Impressões, por Ludovico de Menezes. Um lindissimo volume com impressões ácerca do Algarve, 300 réis.

Notas elucidativas aos poemas «Camões» e «Retrato de Venus», de Almeida Garrett, por Fidelino de Souza Figueiredo, 1 vol. br. 300 réis.

Obras completas de Antonio Feliciano de Castilho. Publica[illegible] mais os seguintes volumes: 30 e 32, *Camões* e notas respectivas ; 33,

Candce, tragedia orginal; 34, *Um anjo da pelle do diabo —O casamento de oiro;* 35, *Aristodemo*, tragedia; *A volta inesperada*, farças; 36, *A festa de amor filial — A filha para casar;* 37 e 38, *Palestras religiosas;* 39 a 45, *Casos do meu tempo;* 46, *Estreias poeticas.*

Obras completas de L. A. Rebello da Silva. — Collecção no gosto das *Obras de Castilho*, do mesmo formato e preço, isto é, 200 réis br., e 300 réis cart. — Publicados os seguintes: *Rausso por homizio; Othello; Redeas do Governo; Fastos da Egreja* (4 volumes).

Obras completas de Paulo de Kock. — Elegante edição illustrada, in-8.º, a 200 réis cada volume br., e 300 réis cart. Ha publicados os seguintes volumes: 1.º, *A menina das tres saias;* 2.º, *Uma vida atribulada;* 3.º, *Taquinet o corcunda;* 4.º, *O sr. Choublanc á procura da mulher;* 5.º a 7.º, *A Lagôa de Auteuil;* 8.º, *A menina dos tres espartilhos;* 9.º, *O porteiro* [illegible] 10.º e 11.º, *Um namorado caloiro;* 12.º, *A* [illegible] *tenay aux Roses;* 13.º, *A viuva Tapin;* 1[illegible] *teira de Montfermeil;* 17.º, *Um rapaz* [illegible]; 18.º, *O papá-sogro.*

O Procurador ecclesiastico, pelo Padre Antonio Emilio Villar, capellão de Caçadores 6. — Um livro de grande utilidade pratica para todos os sacerdotes, especialmente para os parochos.—Um grosso vol. 800 réis.

Os pobres, notavel romance de Raul Brandão, prefaciado brilhantemente por Guerra Junqueiro.— 1 vol. 600 réis.

Palhetas de ouro. — 8.º volumesinho da encantadora collecção *Bibliotheca das creanças*, a 200 réis cada vol. br., e 300 réis cada vol. elegantemente cartonado.

Ruy Freire, *Episodio da guerra com os inglezes.* — Notavel romance historico por Eduardo de Noronha; um bello volume muito illustrado, 800 réis.

Separação da egreja e do estado, por D. Francisco de Noronha, folheto ácerca de tão palpitante assumpto, 200 réis.

Todos os pedidos de requisições devem ser feitos á

Empreza da Historia de Portugal

LIVRARIA MODERNA

95, Rua Augusta, 95-LISBOA